



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de início das transmissões da TV digital no Brasil**

São Paulo-SP, 02 de dezembro de 2007

Senhoras e senhores telespectadores, boa noite.

A TV brasileira entra hoje na era digital. Começa aqui, na cidade de São Paulo, um processo que em pouco tempo vai permitir um grande salto tecnológico, econômico, social e cultural no Brasil.

Aos poucos, o sinal digital de televisão irá alcançar o País inteiro e seus avanços serão acessíveis a todos os brasileiros. Com isso, a TV ficará mais próxima do telespectador, oferecendo qualidade superior de imagem, maior número de canais, interação do público com a programação e transmissão perfeita para TVs, TVs em ônibus, trens e outros transportes coletivos. Logo, será possível assistir televisão caminhando na rua, sentado num banco de praça ou se deslocando para o trabalho.

É uma verdadeira revolução. Por um lado, vai proporcionar um aumento extraordinário nos espaços de difusão da cultura brasileira e na veiculação de informações. Por outro, vai estimular nossa indústria, gerando emprego, renda e oportunidades para o País.

O brasileiro gosta muito de televisão. No fundo, a televisão é uma grande praça onde os brasileiros se encontram e se reúnem. E a TV vem exercendo, desde a década de 60, um papel decisivo na integração nacional. Ela promove a comunicação de norte a sul e de leste a oeste. Valoriza a nossa língua. Consolida ou muda hábitos e costumes. E reforça a unidade do nosso País.

A era digital representa um passo à frente nessa caminhada. E suas inovações podem fortalecer ainda mais a vocação integradora da TV. Para isso, é preciso que a nova TV digital preserve as características básicas da



televisão brasileira: sinal aberto e gratuito. A TV não pode se tornar cara ou inacessível à maioria da população. Ela tem de ser sempre um fator de inclusão, nunca de exclusão.

Por essa razão, determinei ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que desenvolva um programa de incentivo à implantação da TV digital. No valor de 1 bilhão de reais, ele irá dar apoio à rede varejista para baratear a venda do conversor que permite a recepção do sinal digital pelos atuais televisores analógicos. Assim, as vendas serão ampliadas, a adoção da nova tecnologia será acelerada e haverá aumento da produção nacional. Resultado: os preços dos conversores para o consumidor serão menores.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou convencido de que todo o trabalho que foi feito pelos donos das emissoras de televisão, pelos ministros e pelos técnicos que auxiliaram, representando as universidades brasileiras, permitiu que nós pudéssemos, no dia de hoje, estar anunciando, primeiro na grande São Paulo, depois no Brasil inteiro, o melhor sistema de TV digital do mundo. Eu espero que esse modelo seja acompanhado pelo desenvolvimento da nossa indústria e que nós possamos, daqui a pouco, produzir tudo que uma TV digital precisa.

Eu quero dizer a vocês que considero hoje um dia histórico para o Brasil, e que a TV digital seja uma TV de todos e para todos os brasileiros. Vamos agora ver o filme que marca, definitivamente, o lançamento da TV digital no Brasil.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da VII Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Brasília – DF, 03 de dezembro de 2007

Meus queridos brasileiros e brasileiras, ainda adolescentes ou crianças, que estão participando pela primeira vez desta Conferência, com a envergadura e a responsabilidade de adultos, porque ela tem um caráter deliberativo.

Quero cumprimentar o companheiro Arlindo Chinaglia. É muito gratificante, Arlindo, que o presidente da Câmara dos Deputados esteja presente para que a gente possa demonstrar para este povo que veio aqui, de todos os estados brasileiros, que não apenas a Câmara ou o Poder Executivo, mas que a Câmara e o Poder Executivo, juntos, têm a responsabilidade de fazer com que não apenas a lei seja aperfeiçoada, mas que as ações das políticas públicas do governo possam atender o mais rapidamente possível aquilo que todos nós, como pais, sabemos que é preciso para cuidar dos nossos adolescentes.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Paulo Vannuchi, nosso secretário especial dos Direitos Humanos,

Quero cumprimentar o nosso ministro da Educação, que tem feito um esforço imenso, primeiro com a aprovação do Fundeb, depois com a aprovação do PDE, que é o nosso plano para a educação. O que nós queremos na verdade, é tentar fazer a revolução que falta fazer neste País, garantindo, senão amanhã, mas que daqui a alguns anos a educação brasileira seja de tamanha qualidade, que a gente possa competir em igualdade de condições com qualquer país desenvolvido do mundo.

O PDE tem várias coisas a serem regulamentadas, várias coisas a serem



votadas no Congresso Nacional e é importante que a gente trabalhe junto com os nossos deputados e senadores, para que a gente possa votar.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Patrus Ananias, nosso companheiro ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que é inclusive o companheiro que propôs que nós introduzíssemos a extensão do Bolsa Família para as crianças de 15 a 17 anos de idade neste País, para que elas fossem incluídas, e as mães receberem.

Quero cumprimentar o companheiro Dulci. O Dulci está ali, o primeiro da fila. Eu disse para o Paulinho Vannuchi, Dulci, que ele tem a obrigação de amanhã ou depois de amanhã, enquanto estiver aqui, você poder falar para este público aqui qual é a nossa proposta de política para a juventude, para atender 4 milhões e 200 mil jovens neste País. E nós estamos com um pequeno problema, Dulci, por isso que eu estava fazendo sinal para você, ali. É porque nós mandamos um projeto de lei para o Congresso Nacional, já tem a verba no Orçamento, e se a lei não for aprovada até agora, significa que a gente não vai poder utilizar a verba. Eu estava dizendo para o Arlindo, que quem sabe fosse uma boa decisão dele me orientar para que eu retire o projeto de lei e faça uma medida provisória, para a gente começar a gastar o dinheiro já no começo de janeiro. É importante, mas é muito importante, Arlindo. Não tenha preocupação com a medida provisória não, porque ela é muito importante, senão nós vamos perder alguns milhões ou bilhões que estão destinados para cuidar da juventude, sobretudo aquela juventude que já tem mais de 17 anos, que já deixou a escola, que abandonou a escola. Essa, nós precisamos trazê-la de volta. É uma coisa quase sagrada para o Brasil esse programa.

Quero cumprimentar o nosso governador Wellington Dias, nosso querido governador do Piauí, que certamente marcará a história pela sua governança no estado do Piauí.

Quero cumprimentar Carmem Silveira de Oliveira, presidente do



Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,

Quero cumprimentar a senhora Tiana Sento-Sé, presidente do Fórum Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,

Eu não vou mais cumprimentar porque ele já falou aqui, aquele baixinho que falou, curvado, aqui no microfone, o nosso companheiro Paulo Sérgio Pinheiro,

Quero cumprimentar o José de Anchieta Júnior, vice-governador do estado de Roraima, que está aqui presente,

Quero cumprimentar a Marie-Pierre, do Unicef, representante da Unesco e de outras agências da ONU,

Quero cumprimentar os dois gigantes que falaram aqui, a Luana e o Diego. Eu só espero que a Luana e o Diego, nesse caminho que eles vão, não queiram, daqui a pouco, quando completarem 18 anos: “Eu quero ser candidato a vereador”. Eu já vi o jeitinho.

Quero cumprimentar vocês,

Eu vou dar uns dados aqui, que eu acho que os companheiros já têm, Paulinho, você já tem, mas eu acho importante a gente citar para concluir com uma palavra que eu quero ter, no final, com vocês.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, dos 9 mil e 500 adolescentes que cumpriam medidas de internação no ano de 2002, 97% eram afrodescendentes, 90% não haviam concluído o ensino fundamental e 51% não freqüentavam escola. Sessenta e seis por cento dos jovens internados viviam em famílias com renda mensal de até dois salários mínimos, e 12,7% viviam em famílias que não possuíam nenhuma renda mensal.

A concretização dos direitos humanos de crianças e adolescentes é uma resposta aos setores que defendem a redução da maioria penal e o aumento do tempo de internação. O governo federal entende que a inclusão social, com o programa de aceleração da cidadania, dá melhores resultados. O



Paulinho falou de outubro, a nossa secretária falou de outubro, mas é importante lembrar que nós estamos assumindo o compromisso de, até 2010, investir 2 bilhões e 900 milhões de reais para a gente resolver esse problema que eu acho muito importante, que é o da Agenda Social Criança e Adolescente.

E porque foi possível isso? Antes, cuidar da criança e do adolescente estava ligado, dentro do governo, à questão da Secretaria dos Direitos Humanos. O que nós fizemos? Mudamos. Ao invés de ficar apenas a Secretaria dos Direitos Humanos, nós pegamos todos os Ministérios que tinham alguma coisa a ver com a criança e com o adolescente: o Ministério da Saúde, da Educação, do Trabalho e Emprego, Justiça, Desenvolvimento Social, Esporte, Cultura, Secretarias Especiais dos Direitos Humanos, de Políticas para as Mulheres e de Políticas da Igualdade Racial. Juntamos todos os Ministérios, fizemos a rapa do tacho em todo o dinheiro que tinha em cada um deles e criamos um programa de verdade, um programa que tem cara e um programa que tem dinheiro. E por ter dinheiro, aumenta a nossa responsabilidade. Eu digo sempre, Paulinho, toda vez que a gente coloca muito dinheiro, é importante criar um conselho gestor para ajudar a fiscalizar o investimento, porque senão a gente coloca dinheiro, termina o mandato e o dinheiro não foi gasto.

Uma outra coisa importante, Paulinho, que ainda não está aqui é a questão dos benefícios que nós queremos levar para as regiões metropolitanas mais empobrecidas do País, sobretudo na área onde a gente percebe que há uma presença de maior violência e maior ausência do Estado brasileiro. Dos 40 bilhões de reais que nós colocamos para cuidar do PAC na área de saneamento básico e urbanização de favelas, a nossa idéia é que – junto com o Programa, inclusive do Pronasci, do Ministério da Justiça, – na hora em que a gente subir o morro levando água, levando esgoto, fazendo rua, junto a gente tem que levar escola, junto a gente tem que levar área de lazer, junto a gente



tem que levar curso profissionalizante para que a gente possa dar a todas as pessoas o sentido de que o Estado brasileiro está presente, cumprindo com a sua parte.

Hoje eu discuti três coisas importantes: como a gente atacar, de pronto, uma coisa importante no Rio de Janeiro, Mangueiras; como a gente atacar o Complexo do Alemão e como a gente atacar Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. São quase 1 bilhão de investimentos que têm que ir junto com essas coisas que vão melhorar e dar sentido à existência de uma criança que tem que brincar, que tem que ter acesso à escola com facilidade, que não pode ser amedrontada por alguém. Hoje eu tenho consciência e digo isso para vocês. Certamente, naquele tempo a gente não era preso porque o mundo era menor, era menos violento e a gente tinha, quem sabe, uma formação mais de família. Mas eu sei que uma coisa nós não vamos deixar, pelo menos enquanto eu for presidente da República, que é jogar a culpa da violência numa criança ou num adolescente, por uma razão muito simples, Paulo Sérgio: se um adolescente recebesse dos pais boa educação, tivesse uma casa confortável, tivesse uma sala, tivesse um computador e os jogos de videogame que ele quisesse, pudesse tomar café, lanchar às 9h, às 11h, às 12h, às 15h, às 17h, e ainda pudesse pedir uma pizza à meia-noite, ainda assim, se ele pudesse ter tudo que ele quisesse, ainda que ele cometesse um erro, não é justo a gente imaginar que o castigo é que vai resolver o problema daquele adolescente. Muitas vezes, o erro não está no adolescente, o erro está na ausência do Estado e, quem sabe, na má-educação que os pais estão dando dentro de casa.

Pois bem, o que aconteceu no Pará, Paulinho, é abominável. Não é possível a gente contar porque parece uma coisa de ficção. Um delegado ou vários delegados prendem uma criança, acreditam na idade que ela dá, não tem nenhuma investigação. Não importa se é menor ou se é maior. Se fosse uma senhora de 70 anos, ainda assim ela não poderia estar na mesma cela



com os homens. Esse delegado se formou em Direito, e pelo fato de ter se formado em Direito, ele deveria ter um mínimo de conhecimento de regras legais. Se ele levasse para uma cadeia uma criança ou uma velha, e só tivesse uma cela para homem, ainda assim, se ele fosse bem formado e se o banco de escolaridade valesse na formação do caráter das pessoas, ele teria pegado aquela mulher, teria dado a cadeira dele e teria ficado em pé, porque ele estaria fazendo aquilo que uma pessoa de bem faria neste País. Mas, o que ele fez? Ele viu aquilo como algumas pessoas vêem no Brasil: essa menina é um objeto e esse objeto tem que ser jogado às traças.

Agora, é importante Paulinho, que a gente trabalhe com a certeza de que ainda tem gente no Brasil, Paulinho, ainda tem gente neste País, que não se deu conta de que essa meninada que está com 8, 10, 13, 14, 15 anos, aqueles mais velhos que estão com 17, 18 ou 19 anos, até aqueles que tem 25 anos, que estão hoje sem oportunidade e sem esperança, as pessoas precisam compreender que o Estado brasileiro, nesses últimos 25 anos, não cumpriu a sua lição de casa e não fez com que esses jovens tivessem um outro caminho. É só olhar a política econômica deste País, é só olhar as políticas sociais dos últimos 30 anos que a gente vai perceber porque tem tanto jovem de 24 anos na cadeia hoje. É porque no momento em que ele deveria ter oportunidade, ele não teve. No momento em que ele precisava receber carinho, recebeu pancada. No momento em que ele precisava receber conselho, recebeu voz de prisão. Aí, o mundo vai ficando deformado, num processo de degradação da estrutura familiar.

Eu digo todo dia, sem medo de errar: se a gente olhar parte da programação dos meios de comunicação neste País, sobretudo da televisão, a gente vai se perguntar: em que momento vai ter alguma coisa educativa na televisão para a gente poder assistir, para a gente poder aprender? Eu espero que, com a TV digital, a gente tenha oportunidade. Vai ter vários canais, canal para o Ministério da Educação, canal para o Ministério da Saúde, vai ter uma



TV Pública federal. A gente vai poder ter uma programação e utilizar a cultura e a educação para ajudar na formação das nossas crianças e dos nossos adolescentes.

Eu quero terminar dando os parabéns a vocês, aos brasileiros e às brasileiras que muitas vezes, sem ganhar nada, que muitas vezes sendo achincalhadas, que muitas vezes sendo atacadas, as pessoas se dedicaram a apostar que se cada um de nós fizer o mínimo de esforço, a gente pode transformar este País numa nação muito mais justa, muito mais humana e numa nação de que a gente possa ter orgulho, não apenas de nós, mas das nossas crianças.

Eu quero desejar a todos vocês boa sorte neste Congresso. Não tenham medo de deliberar, não tenham medo de propor. Aproveitem que este governo ainda tem três anos, e aquilo que for possível fazer, podem estar certos de que, para nós, gastar com criança, com adolescente e gastar com pobre não é gasto, é investimento. E nós faremos isso.

Um abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
oferecido ao Presidente de El Salvador, Elías Antonio Saca González**

Palácio Itamaraty, 05 de dezembro de 2007

Excelentíssimo senhor Elías Antonio Saca González, presidente de El Salvador,

Senhor Francisco Esteban, ministro das Relações Exteriores de El Salvador,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores do Brasil,

Senhoras e senhores integrantes da delegação de El Salvador,

Senhoras e senhores integrantes... do Brasil,

Embaixadores convidados,

Senhoras e senhores,

Quero iniciar minhas palavras dando as boas vindas ao presidente Elías Antonio Saca, nesta sua primeira visita oficial ao Brasil. Celebro a histórica amizade que une nossos povos. É chegada a hora de concretizar todo o potencial que nos aproxima.

O Brasil se orgulha de ter participado da notável corrente de solidariedade internacional que apoiou a pacificação da América Central nos anos 80 e 90. Os conflitos que sacudiram aquela parte de nossa América encontraram uma saída pacífica e democrática.

A força das armas cedeu espaço à força do voto. A América Central assiste hoje à construção de democracias políticas, onde a crescente participação de homens e mulheres amplia a cidadania e cria espaços para que surjam novos direitos.

Faço aqui minha homenagem ao então Secretário-Geral da OEA, o



Embaixador Baena Soares, cuja atuação em muito contribuiu para a solução democrática daqueles conflitos.

Senhor Presidente,

Estamos colhendo os frutos de um relacionamento cada vez mais profundo e diversificado. São prova disso o incremento no número de visitas de alto nível, a significativa expansão no comércio e a intensificação das atividades de cooperação técnica bilateral.

O Brasil está pronto para compartilhar sua experiência e capacitação em áreas estratégicas para o desenvolvimento de nossas economias, como o etanol e o biodiesel.

Podemos transferir tecnologia, cooperar e investir na produção de etanol em El Salvador e em outros países da América Central.

Estou certo de que a visita que Vossa Excelência fará a uma usina de álcool em Ribeirão Preto, amanhã, reforçará sua convicção sobre o potencial desta empreitada.

A experiência brasileira com fontes limpas e renováveis de energia vai mais além.

O modelo de gestão binacional da usina de Itaipu poderá ser replicado no aproveitamento do amplo potencial hidrelétrico que El Salvador compartilha com seus vizinhos.

Nossos dois governos estão fortemente engajados no combate à pobreza e à desigualdade como único caminho na construção de sociedades mais justas. Vamos explorar novas modalidades de cooperação de grande impacto econômico e social, voltadas para a transferência de renda e a inclusão nos moldes do Programa Bolsa Família.

Queremos assentar nossa parceria em sólidas bases econômicas e comerciais.

A visita, em 2005, de missão empresarial brasileira a El Salvador ampliou os horizontes de cooperação e identificou oportunidades de negócios.



As trocas bilaterais vêm crescendo de forma excepcional, mas temos o desafio de torná-las mais equilibradas.

Aumentaram os investimentos brasileiros em El Salvador, especialmente nas áreas de têxteis e calçados, gerando novos empregos e oportunidades. Sólidos vínculos empresariais estão aproximando a Embraer e a Taca. Nossas construtoras têm papel a desempenhar em projetos de grande porte que tornarão mais moderno e competitivo o parque produtivo salvadorenho.

Senhoras e senhores,

Em janeiro próximo, El Salvador assumirá a Presidência do Sistema de Integração Centro-Americano. Parece-me que agora, em dezembro, o presidente assume.

Será mais do que nunca nosso companheiro na construção de uma América Latina forte, democrática e solidária.

O Brasil continua empenhado na criação de uma área de livre comércio entre o Mercosul e o Sica.

A Presidência salvadorenha do Sica poderá contar com todo o empenho do Brasil para acelerar essa convergência entre nossos dois blocos regionais. Lançará as bases de um espaço econômico de prosperidade baseado no pleno respeito às assimetrias entre nossos blocos.

Estamos empenhados, El Salvador e Brasil, em tornar mais legítima e eficaz a atuação das Nações Unidas.

Agradeço, por isso, o apoio de El Salvador à candidatura do Brasil a assento permanente no Conselho de Segurança da Organização. Trata-se de um voto de confiança que muito apreciamos na capacidade brasileira de contribuir ativamente para a manutenção da paz e da segurança coletiva.

Quero dizer ao presidente Saca que na sua Presidência no Sica, eu estarei em El Salvador para que a gente possa firmar o acordo Sica-Mercosul.

É com esse espírito que reitero minhas boas vindas à delegação salvadorenha. Convido todos os presentes a erguer um brinde à felicidade



peçoal do presidente Elías Antonio Saca, bem como à prosperidade de seu país e à amizade entre El Salvador e o Brasil.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do PAC Saúde**

Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007

Eu vou pedir permissão a vocês para passar por cima da nominata, porque eu estou com o presidente de El Salvador me esperando há quase uma hora e nós temos que tratar bem os chefes de Estado que nos procuram.

Mas eu não poderia deixar de agradecer a presença dos governadores, a presença dos senadores e deputados, dos secretários de Saúde municipais e estaduais aqui presentes, dos ministros. Arlindo, normalmente nós costumamos esquecer as conquistas que nós tivemos há um minuto, para começar a cobrar outras coisas que nós queremos conquistar amanhã.

Eu não poderia começar o meu pronunciamento sem agradecer o comportamento da Câmara dos Deputados, quando este assunto foi tratado na Câmara dos Deputados. Fizeram os debates que tinham que fazer, fizeram as discussões que tinham que fazer e, no momento da decisão, fizeram exatamente o que tinham que fazer.

Segundo, eu quero parabenizar o pessoal de área da Saúde. Eu sei, Jatene, que tem muita divergência na área de Saúde, sobretudo com o pessoal sanitário, mas a verdade é que se nós não tivéssemos um agrupamento de pessoas como você, espalhadas pelo território nacional – muitas pessoas sem ter o conhecimento que você tem, e sem ser uma figura pública como você – brigando pela Saúde, certamente a gente não teria chegado nem onde nós chegamos.

Eu me lembro, logo depois que nós aprovamos a Constituição de 1988, a quantidade de críticas que o SUS recebeu. Eu me lembro quantas entrevistas, de pessoas importantes, destruindo o sistema SUS que nós aprovamos. Porque a verdade Jatene, é que num determinado momento da



história deste País, tudo era pensado apenas para 20% ou 30% da sociedade brasileira. A palavra “universalização” não era levada em conta. Apenas uma parte – não sei se os amigos do rei, se os amigos dos presidentes, se os amigos dos governadores, se os amigos dos donos dos hospitais – o que eu sei é que tem uma parte da população que tem acesso a coisas que outra parte não tem. E graças ao SUS, uma parte dessa população – que muitas vezes morria e a única coisa escrita no atestado de óbito era insuficiência cardíaca, porque era quase um padrão, pelo menos na periferia deste País – começou a ter acesso a máquinas importantes. Na mesma máquina que deita o presidente da República para fazer um exame, deita um companheiro pobre, exatamente por causa do SUS.

E depois tem uma discussão, Jatene, que não é bem feita no Brasil. Muitos daqueles que utilizam as máquinas mais sofisticadas e os hospitais mais sofisticados deste País, depois deduzem do Imposto de Renda o que eles pagaram do plano de saúde, que deu o direito a ele de utilizar essa máquina sofisticada. E termina sendo o Estado brasileiro que devolve para ele o que não devolve para os companheiros mais pobres. Esse é o dado verdadeiro.

O segundo dado verdadeiro é que eu não vi, ainda, nenhum pronunciamento dizendo que nós, em dois anos, desoneramos a produção neste País, em 36 bilhões de reais, ou seja, uma CPMF já foi desonerada. O Brasil tem um tipo de gente que adora criticar o Estado quando ele vai bem. Os governadores sabem do que eu estou falando. Se o Estado tem um pouquinho mais de arrecadação e, por conta dessa arrecadação, o Estado pode fazer um pouco mais, aparecem os amigos do rei, que normalmente são os que conseguem audiência, para tentar falar: “Desonera”. Cada vez que você desonera, e é importante a gente ir desonerando, na medida em que mais gente vá pagando, você vai diminuindo a cota pessoal de cada um e aumentando a base da pirâmide, é correto isso, mas é importante lembrar que cada vez que a gente desonera, aparece o déficit da Previdência Social. Cada



vez que a gente desonera, aparece a falta de algum recurso para outra área em que nós precisamos investir. Até porque o ministro Temporão que trabalhou – e eu quero parabenizar a equipe dele, os ministros que contribuíram para apresentar este PAC, que não foi uma coisa fácil, e todos aqueles que colaboraram – esqueceu de dizer uma coisa: tem mais 4 bilhões da Funasa para cuidar, prioritariamente, em cidades que tenham malária e em cidades que tenham doença de Chagas, que são áreas que nós queremos ver se damos um avanço importante.

O que está em discussão neste momento? Primeiro, eu penso que se a proposta do ministro Temporão fosse colocada em votação aqui, seria aprovada por unanimidade ou poderia ter um voto de alguém dizendo “eu vou me abster porque eu quero mais 2 milhões, mais 2 bilhões, porque eu quero mais 1 bilhão”, o que é um fato relevante numa assembléia. Mas, então, não estamos discutindo mais o PAC, que foi aprovado aqui. Agora, temos que entrar na segunda discussão, que é como “financiar a roupa” do Noel Rosa. Este é o dado.

Eu estou convencido de que há tempo de protestar, há tempo de negociar, há tempo de discursar e há tempo de votar. E está chegando o momento de o Senado tomar essa decisão, como a Câmara já tomou. Eu penso que os senadores de todos os partidos políticos deveriam fazer uma reflexão junto com os governadores, afinal de contas o Senado é a casa da Federação, representa os estados, é o que dá uma certa igualdade. Na Federação, temos três senadores representados, sem proporcionalidade. O mesmo estado de São Paulo, com 40 e poucos milhões de habitantes, tem os mesmos três senadores que tem o estado de Roraima ou o estado do Acre. Ali, o Brasil se torna igual. Seria extremamente importante que cada governador conversasse com os senadores do seu estado, e que cada senador conversasse com os governadores para fazer uma reflexão do que representa para cada estado a não-aprovação da CPMF. No modo simplista de pensar, as



peças pensam “vou prejudicar o governo do presidente Lula”. Se fosse assim, eu até recomendaria: na democracia, a oposição tem que contestar. Então, votem contra. Vai me prejudicar, votem contra.

Mas eu estou entre aqueles, Jatene, que podem utilizar as máquinas que o Tião Viana disse que tem na avenida Paulista, porque pago caro um plano de saúde e, quando declaro o meu Imposto de Renda deduzo grande parte do que eu pago. Portanto, eu acho que o Estado brasileiro gasta mais com a classe média que paga, com a classe média alta e com os ricos, do que com os pobres que se valem do SUS. Esse é um dado... Quem será o prejudicado com isso, na verdade? Não é quem mora em um apartamento de cobertura em Recife, Eduardo Campos. É quem mora em Casa Amarela, é quem mora nos grotões deste País, que tem o SUS como única possibilidade de ter acesso a um hospital.

O que está em jogo é exatamente isso, e eu penso que a maturidade, a compreensão... Não sei se votam hoje, se votam amanhã ou se votam depois de amanhã, mas em algum momento os senadores vão ter que apertar o botão, e aí nós vamos ver o resultado. Eu acho que o que deve prevalecer é que o ganhador dessa votação seja o povo brasileiro, que os ganhadores dessa votação sejam os mais humildes. De vez em quando se estabelece no mundo uma discussão que eu não consigo compreender. Esses dias, eu discutia com alguns países da América Latina, e eles se orgulhavam de ter uma carga tributária de apenas 12%, Geddel. A economia daqueles países cresceu 5% ou 6% durante os últimos seis ou sete anos e não tem uma política social, porque não conseguem arrecadar, não conseguem arrecadar para fazer política social.

O que nós precisamos é ter em conta que a CPMF... E quero aqui, aproveitar a sua presença Jatene, não poderia ser outro momento melhor. O Jatene conversou comigo muitas vezes, eu não era nem deputado, eu era apenas presidente de honra do PT. Este homem conversou comigo várias



vezes e eu vim a Brasília para convencer o PT a votar contra a CPMF. Só votou um deputado favorável à CPMF, o Eduardo Jorge. Outros deputados do PT, como Ângela, como José Augusto, todos queriam votar favoráveis, porque eram médicos. E o partido baixou o centralismo.

Como eu não tenho vergonha e muito menos tenho razão para não dizer que eu mudo de posição, por isso é que há muito tempo eu digo que prefiro ser considerado uma metamorfose ambulante, por estar mudando na medida em que as coisas mudam, eu não tenho a dureza do manifesto de um partido comunista ortodoxo, em que tudo já está escrito. Não, tem muita coisa para ser escrita ainda, tem muita coisa para ser lida ainda. Eu aprendi com a minha mãe e passo para os meus filhos, eu digo para os meus filhos: vocês só vão aprender o que é ser pai quando vocês virarem um pai, enquanto vocês são filhos, vocês são oposição. Vocês querem mais dinheiro do que a gente tem para dar, vocês querem chegar em casa mais tarde do que a gente acha que vocês devem chegar, quando a gente nega o dinheiro vocês saem batendo a porta achando que a gente é pão-duro, careta, ultrapassado, que não viaja na Internet. Aí, quando casa e tem filho, na primeira dor de barriga da criança, na primeira bronquite ou na primeira asma, que tem que correr de madrugada para o hospital, ele começa a se tocar: “puxa vida, como o meu pai sofreu para me criar”.

Pois bem, eu precisei chegar à presidência da República para perceber que é muito mais fácil ser oposição do que ser governo. Quando você é oposição, você trabalha com: “eu acho”, “eu penso”, “eu acredito”. Quando você chega ao governo, você não acha, não pensa, não acredita. Você faz ou não faz, você executa ou não executa. Aqui está cheio de governador que está no primeiro mandato, está cheio de gente aqui que foi oposição até ontem e, eles já estão percebendo quantas críticas injustas eu fiz. E é bom que aprendam, porque a vida é assim mesmo, a gente vai aprendendo com o tempo.



E eu duvido que, em sã consciência, tenha algum senador da República que acredite que o Brasil pode prescindir da CPMF. É por isso que eu acho que na hora de votar, eles vão dizer: “Bom, a minha briga com o Lula vai continuar. Amanhã vai continuar, amanhã eu faço um discurso contra ele. Mas, agora, eu tenho que votar como senador, tenho que pensar no interesse do meu estado, o que quer o meu governador quer”. Vamos ser francos, Jatene. Por que a Emenda 29 foi votada com rapidez? É porque 17 estados da Federação não podiam cumprir a Emenda 29. E eu não saí por aí dizendo qual era o estado que não cumpria. E pedi para o Temporão: vamos colocar o mesmo tempo que a gente vai implantar o PAC, para que os governadores possam implantar o cumprimento da Constituição, para que a gente não coloque a corda no pescoço. Os governadores que só aplicavam 6%, 5% ou 7% na Saúde, faziam isso porque queriam ou faziam isso porque já herdaram o governo, do seu antecessor, quebrado e não podiam fazer mais?

Me falaram: “a imprensa está esperando um discurso violento”. Aos 62 anos, eu não tenho mais tempo de ser violento. Eu já sou agradecido a Deus por ter me deixado chegar até aqui. Eu, agora, não acho que é hora de briga, é hora de convencimento, é hora de argumentar, é hora de chamar as pessoas a meditar. Cada governador pode pegar... Qual é o problema? Tem um problema, porque também cada governador sabe que algum dos três senadores é seu potencial oposição daqui a quatro anos, e nem sempre o governador tem um bom diálogo com aquele que é seu oponente daqui a quatro anos. Mas eu acho que cada governador deveria pegar os senadores: “olha, vocês querem votar para prejudicar o governo federal, vocês querem votar para ajudar o estado, vocês querem votar para fazer o quê?”, e conversar.

Eu estou convencido de que, mais importante do que tudo isso que nós estamos discutindo aqui, meus companheiros – e, Jatene, outra vez você tem razão – é o meu amigo Temporão, com o pessoal da Saúde, criar um conselho



gestor envolvendo a sociedade civil para acompanhar o gasto desse dinheiro. Muitas vezes, um bom plano é apresentado, mas depois há muita inflexão e vai se cedendo à pressão, aqui ou ali, e o principal não é executado. Eu tenho dito isso de todos os PACs que nós temos lançado... Só falta um agora, que é o da Política Industrial. Nós estamos esperando votar a CPMF, porque ele tem uma implicação muito grande em desoneração e, dependendo do que aconteça, nós vamos ter que fazer uma inflexão no PAC do desenvolvimento industrial.

Mas eu estou convencido, companheiros, – tenho dito aos meus líderes, tenho dito aos governadores – de que, graças a Deus, nós somos uma democracia, em que as pessoas falam aquilo que querem, e se responsabilizam pelo que falam. Eu tenho dito para todo mundo que sou agradecido ao Congresso Nacional porque, até agora, tivemos problemas, mas as grandes coisas que nós mandamos para o Congresso Nacional – podem ter atrasado uma semana, um mês ou dois meses – foram votadas. Esse crescimento do Brasil não é obra do acaso ou do Presidente. É o resultado de uma combinação de coisas que se sucederam simultaneamente: a relação entre os estados e o governo federal, entre as cidades e o governo federal, a relação entre o Congresso Nacional e o governo federal. Essa autonomia em harmonia é que permitiu que nós chegássemos até aqui.

Eu só espero que todos tenham juízo e não atrapalhem o que o Brasil levou mais de três décadas para conquistar, que é um momento de tranquilidade, que é um momento muito otimista para as próximas décadas. Se a gente brincar, a gente pode fazer o que sempre aconteceu no Brasil: voltar para trás. Se a gente não brincar, a gente consegue fazer este País andar, e andar como jamais ele andou em qualquer outro momento da sua história.

Eu quero terminar, Temporão, reconhecendo a grandiosidade do trabalho. Aquela questão do médico ir à escola... Quando eu tinha dez anos de idade, na Vila Carioca, em São Paulo, que você conhece, uma escola pública tinha médico e tinha dentista. Não é possível que hoje a gente só descubra que



uma criança tem uma deficiência visual quando ela está com 16 ou 17 anos. Não é possível que não possa, na sala de aula, alguém fazer o teste daquela tabelinha com a criança para saber se ela está enxergando, se precisa de um oculista. O que é isso? Menos do que gastar dinheiro, é a gente criar vergonha e cuidar do povo brasileiro com o carinho que ele precisa ser cuidado.

Muito obrigado, Temporão. Muito obrigado, Jatene, e que a sorte nos ajude.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com representantes das Centrais Sindicais da 4ª Marcha da Classe Trabalhadora

Palácio do Planalto, 05 de dezembro de 2007

Companheiros e companheiras dirigentes sindicais, sindicalistas e representantes das Centrais,

Meu companheiro Lupi, ministro do Trabalho,

Meu companheiro Marinho, ministro da Previdência,

Meu companheiro Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral,

Meu caro companheiro Henrique da Silva, o Artur, presidente da CUT,

O nosso companheiro Antônio Fernandes Neto, presidente da CGTB,

O nosso companheiro José Calixto Ramos, presidente da Nova Central,

O nosso companheiro Wagner Gomes, presidente da CTB,

O deputado Roberto Santiago, vice-presidente da UGT,

O nosso companheiro João Carlos Gonçalves, vulgo Juruna, representante da Força Sindical,

Companheiros membros da delegação da CGT francesa,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, quero dizer para vocês do orgulho que eu tenho de ver que o movimento sindical brasileiro começa a compreender e começa a construir a atuação unitária e democrática na diversidade.

Esse é um dado extremamente importante. Pode ser que algum companheiro desta mesa aqui não goste de outro companheiro, ou pode ser que vocês, aqui, um não goste do outro, dependendo da cor ou da sigla da entidade. Agora, nós precisamos ter consciência de que em algum momento nós temos que encontrar um denominador comum maior do que as nossas



divergências, que possa ser a razão para eu me juntar com todos os companheiros, mesmo pensando diferente do ponto de vista da concepção sindical, e decidir: tem um ponto que nos une? É esse ponto que vai nos fazer ir para a rua juntos, é esse ponto que vai fazer a gente ir para ao Congresso Nacional, é esse ponto que vai fazer o presidente da República nos atender.

O que nós aprendemos ao longo da vida, e aqui tem gente muito nova e gente já da minha idade, é que o processo de conquistas, não no Brasil, mas no mundo inteiro, é um processo lento, é um processo de amadurecimento, é um processo difícil. Vejam que, muitas vezes, não adianta encurtar caminho. Muitas vezes, não dá certo. Vocês estão lembrados que agora houve um referendo na Venezuela e o “não” ganhou. E na proposta do “sim” tinha redução de jornada para seis horas.

Então, nós precisamos construir cada conquista, saber saboreá-la, para que as pessoas compreendam o sabor da conquista, enquanto a gente constrói uma outra conquista. Por que essas coisas que o Dulci anunciou aqui já não foram feitas? Não foram feitas ainda porque não estavam maduras dentro do governo, porque tem gente que pensa diferente, porque não estavam maduras na base do governo. E nós estamos construindo, agora, cada coisa importante que nós vamos votar.

Nós conversamos não apenas para unificar todos os ministros, porque senão é capaz de o Lupi apresentar uma proposta que o Marinho não gosta, o Marinho apresenta uma que a Dilma não gosta, a Dilma apresenta outra que o Guido Mantega não gosta. Quando tem divergência, a gente não constrói a política. Então, agora nós conquistamos a primazia de enviar para o Congresso Nacional, com a certeza de que vão passar no Congresso Nacional, coisas que até eu reivindicava quando era dirigente sindical.

Mas o que eu acho mais gratificante de tudo isso, companheiros, é a força da manifestação, porque tem gente que acha que a força de uma manifestação se apresenta pela quantidade de vidros quebrados, se apresenta



pela quantidade de palavrões que se fala, se apresenta pela quantidade de ofensas que se faz quando, na verdade, a gente pode fazer uma passeata, como vocês fizeram, uma caminhada. O Feijó não consegue mais fazer passeata, gordinho do jeito que ele está, desce do carro, anda dois minutos e já fica cansado. A gente vai percebendo que depois de fazer uma caminhada como esta, vocês deixaram em Brasília um saldo de que é possível fazer as coisas organizadas, de que é possível os dirigentes sindicais não perderem o controle das manifestações.

Eu vou contar uma coisa para vocês: uma vez, eu estava fazendo um discurso na Candelária, no Rio de Janeiro, na campanha de 1989 ou na campanha de 1994. Vocês sabem que numa campanha, quando a gente está percebendo que vai perder, a gente vai ficando mais radical e vai perdendo mais votos. Eu me lembro que desci do palanque, eu tinha feito um discurso, e ali na Candelária só tinha trabalhadores urbanos. Eu fiz um discurso dizendo: eu vou ganhar as eleições para fazer a reforma agrária ampla, geral e radical sob o controle dos trabalhadores. Escorria baba aqui, do canto da boca. Mas eu falei gritando. Quando eu desci do palanque, uma senhora, que naquela época deveria ter a idade que eu tenho hoje, portanto uma jovem senhora, falou assim: “Lula, não dá para você falar um pouquinho mais baixo? Do jeito que você fala, você me assusta. Se você falasse assim: “olha, eu quero fazer reforma agrária para melhorar a vida do povo todo”, eu entenderia. Agora, precisa colocar tantos adjetivos, como você colocou, e ser tão bravo?” Eu digo isso porque aqui em Brasília tem muitas manifestações. Graças a Deus, nesses cinco anos na Presidência, nós nunca tivemos nenhum incidente. Mas eu já participei de passeatas outras, em outros estados, em que muitas vezes o saldo que a gente queria conquistar, a gente não conquista porque a gente perde, porque algumas pessoas tentam utilizar aquilo para fazer qualquer manobra, qualquer coisa que não está sequer dentro da normatização que os companheiros organizadores fizeram.



Hoje, eu acho que não é pouca coisa o que vocês estão conquistando. Vocês vêm fazendo passeata, uma atrás da outra, cada vez crescendo mais, cada vez com mais gente, cada vez mais ordeira e, cada vez mais, as pessoas vão percebendo que vale a pena fazer isso. Ninguém precisa vir aqui fazer um discurso bravo, não. Todos os dirigentes sindicais vieram aqui da forma mais tranqüila possível, me tratando como companheiro, eu os tratando como companheiros, e entregaram uma pauta de reivindicação. Nós agora, vamos degustar essa pauta de reivindicação durante um tempo. Logo, logo, o ministro do Trabalho, o Marinho e o Dulci irão convocar vocês para uma reunião. Eu estou devendo um jantar para as direções das centrais sindicais. Agora tem mais um ministro cobrando, o Mangabeira Unger, que fez reunião com vocês e está entusiasmado para a gente fazer um jantar. Eu só não sei se haverá tempo de fazer esse jantar antes do Natal, porque eu estou com uma agenda internacional um pouco pesada, mas prometo a vocês que nós vamos fazer um jantar. Logo, logo, vocês serão chamados para a gente responder sobre essas questões de reivindicações que vocês colocaram aqui.

Eu quero apenas dar uma sugestão de uma coisa que eu penso há muito tempo, não penso de agora, e gostaria de dar a sugestão para os dirigentes sindicais. Primeiro, mesmo essa questão do fator previdenciário, meu caro, não tem nenhum tabu para não discutir isso. O que nós precisamos é encontrar um denominador comum que possa dizer: bom, nesse ponto aqui tem um ponto de equilíbrio, a gente pode fazer. Não é por acaso que o Marinho, que há pouco tempo era presidente da CUT e era favorável a gente discutir o fator previdenciário, hoje como ministro ele quer discutir, mas ele quer encontrar esse ponto de equilíbrio. Então não tem tabu para a gente discutir isso.

O que eu queria sugerir, companheiros das centrais sindicais? Eu acho que vocês poderiam aproveitar que nós vamos ter, no dia 1º de maio, uma grande manifestação de vocês no Brasil, e vocês transformarem a redução da



jornada de trabalho para 40 horas num projeto de lei de iniciativa popular. Eu sei que já tem projeto no Congresso Nacional. Essa não é uma tarefa fácil, vocês vão perceber que não é uma tarefa fácil a gente conseguir aprovar, vai ter que ter muita costura, muito trabalho, convencer muita gente. Mas eu penso que nós temos seis meses pela frente, ou cinco meses, para que a gente envolva os trabalhadores, de verdade, nessa questão. A gente se dedicar até o dia 1º de maio a colher mais de 1 milhão de assinaturas que precisa, para ser o segundo projeto de lei de iniciativa popular. Ora, se o movimento por moradia conseguiu mais de 1 milhão de assinaturas, há 13 anos, o que vocês não podem conseguir? E, obviamente, que isso chega com uma força... Mas eu não estou pensando nem nisso, companheiros, eu estou pensando é no processo de mobilização que vocês vão fazer no período em que vocês estão convocando os trabalhadores até o 1º de Maio. Eu queria dar como sugestão mas, de qualquer forma, isso estará na nossa mesa, na primeira reunião que a gente convocar para discutir a pauta que vocês apresentaram.

Todo mundo aqui sabe o que eu penso de hora extra, todo mundo aqui sabe o que eu penso e a importância que eu dou ao contrato coletivo de trabalho. Eu acho que parte dos problemas que nós vivemos na vida poderiam ser resolvidos nos contratos coletivos de trabalho. Mas, lamentavelmente, no Brasil nós ainda não avançamos para isso.

Quero comunicar a vocês que eu conversei com o companheiro Paim – o Senado já aprovou a questão das centrais sindicais, aprovou a questão do imposto sindical – ou seja, para tirar aquilo que foi aprovado porque aquilo, na minha opinião, foi um erro que muitos deputados cometeram porque nem sabiam o que iam votar, aquilo foi apresentado naquelas coisas de última hora. Eu acho inconcebível alguém... Todo mundo sabe o que eu penso de imposto sindical, não é segredo para ninguém, porque todo mundo aqui me conhece antes de eu ser presidente. Agora, é inconcebível, primeiro, tirar sem criar um tempo de transição ou alguma coisa que possa garantir ao movimento sindical,



sobretudo os sindicatos menores, sobreviver. Segundo, acabar para os trabalhadores e deixar para os empresários. Isso foi mudado, está voltando para a Câmara agora. Agora, nós vamos articular, companheiros, com a base do governo, com os líderes, para que a gente deixe todo mundo alerta, para ninguém ser pego de surpresa.

No mais, eu queria dizer para vocês o seguinte: a partir do dia 1º de janeiro nós temos três anos de governo pela frente. E eu sempre trabalhei com a idéia de que a marca de um governo não se dá pela quantidade de obras que um governo faz, é importante fazer as obras. Ela não se dá pela quantidade de reuniões que governo fez com o movimento social. Ela se dá pela mudança do padrão de relação entre Estado e sociedade e entre governo e movimento social.

Eu até falei para o Marinho, esses dias: eu não sei por que nós não mandamos logo a participação dos trabalhadores na direção das empresas, porque isso era uma coisa que nós pensamos em anunciar no dia 1º de maio do ano passado. A idéia era anunciar no dia 1º de maio do ano passado. Eu não sei onde foi parar a idéia e, de repente, a coisa não andou. Mas agora vai andar e nós vamos tomar a decisão, logo, de fazer para que o processo continue e a gente tenha dentro do conselho das principais empresas brasileiras, e de todas, um representante do trabalhador, como tem representante do empresário, como tem representante do governo, como tem representante de outros lugares. Por que não pode ter um representante dos trabalhadores? Eu estou olhando o (inaudível) aqui, mas porque o (inaudível) não pode ser representante do conselho da Petrobras? Está aposentado? Ah, então tá, aposentado não pode mesmo não, vai cuidar da sua vida – colocar um trabalhador eleito lá dentro da fábrica... – eu não sabia que você estava aposentado, tão novo assim.

Companheiros, eu queria dizer para vocês que nós temos muita coisa para fazer ainda. Eu penso que assim que começar o ano, não prometo para



vocês antes do Natal, porque a minha agenda está complicada, mas no começo do ano nós vamos nos sentar para começar a discutir essa pauta, vamos envolver os ministros todos nela para a gente dar mais um passo.

Queria pedir desculpas a vocês, eu ouvi aqui (inaudível), alguém dizendo que ficou quatro horas me esperando. Eu estou com a agenda hiperatrasada, eu estou como alguns aviões, ou seja, a agenda das 4h está sendo feita às 8h, a agenda das 6h30 vai ser feita às 9h, a última agenda, que é das 19h, vai ser feita às 10h. E a pessoa mais brava, que é a minha mulher, a agenda vai ser às 11h, às 11h30. Não foi por nenhum problema, a não ser entupimento de agenda, porque hoje eu tive o presidente de El Salvador aqui, depois eu tive o ato da Saúde. O programa da Saúde é um grande programa, é um extraordinário programa. Não sei se o Ministro da Saúde debateu com vocês, é uma coisa extremamente importante.

Eu pedi para o ministro Guido Mantega conversar com vocês e apresentar a proposta de reforma tributária que o governo quer fazer, porque essas coisas, se a gente não se preocupa, a gente fica passando a idéia de que reforma tributária é uma coisa que interessa apenas a empresários, a prefeitos e a governo. E os trabalhadores que trabalham, produzem riqueza e pagam, por que não discutem a política tributária? É nela que a gente pode fazer justiça. A política de tributos de um país é uma fonte extraordinária de distribuição de renda. Então, por que não discutir? Foi discutido, o Guido gostou da reunião, e nós vamos habituar, ou seja, a cada coisa que a gente vai fazer... Vai ouvir empresário? Vai. Vai ouvir prefeitos? Vai. Vai ouvir governadores? Vai. Agora, temos que ouvir os outros segmentos da sociedade, para que a gente tenha uma visão de conjunto do que pensa o Brasil, e não apenas alguns setores.

Vocês estão sabendo da batalha em que nós estamos aí, com a questão da CPMF. Na proposta que nós fizemos, a última proposta, a gente propôs isenção para quem ganha até 2 mil e 800 reais. Para a Saúde são 24 bilhões a



mais. Nós vamos levar, inclusive, médico para dentro da escola para consultar, pelo menos duas consultas por ano para as crianças, para fazer oftalmologia, para fazer otorrino, para a gente cuidar das nossas crianças dentro da escola.

Quando eu era pequeno, eu morava na Vila Carioca – quem é de São Paulo, sabe do que eu estou falando – estudava numa escola pública e lá tinha dentista. Por que o Brasil, agora, cresceu tanto e definiu essa coisa? As crianças, às vezes, têm um problema de visão e muitas vezes, como não dói o olho, as crianças estão com problema no olho, mas vão forçando o outro olho, vão enxergando... tem gente que vai descobrir que está com problema com 16, 17, 18 anos, quando poderia entrar na escola e no primeiro dia de aula fazer um teste, aquele da tabela, para ver um desenho e ver se está enxergando bem. Se não estiver, já cuida. Às vezes não se sabe porque a criança não está aprendendo. É porque ela não está enxergando direito as coisas que estão sendo escritas. Então, eu penso que nós estamos concretizando parte daquilo que foi a razão pela qual nós chegamos à Presidência da República.

Eu quero dizer para vocês que fui dirigente sindical durante muito tempo na minha vida e nunca vivi, como dirigente sindical, o momento que estamos vivendo hoje. Vocês podem pegar os últimos 15 anos e ver a geração de emprego. Nada se compara ao que está acontecendo nos últimos anos, sobretudo este ano. Até outubro já chegou a 1 milhão 820 mil empregados com carteira profissional assinada. Obviamente que tem o problema do *turn over*. *Turn over* é chique. Quando eu negociava, os empresários falavam “*turn over*”, mas na linguagem popular é rotatividade de mão-de-obra, ou seja, é a empresa mandar um trabalhador embora e contratar outro. Eu acho que a convenção pode ajudar a gente a resolver isso.

No mais, meus companheiros, que Deus leve vocês para casa com a mesma tranquilidade que os trouxe para cá, com a certeza de que das reivindicações que vocês fizeram, 50% o Dulci já anunciou que estão aceitas.

Um abraço e parabéns a todos vocês.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Encontro de Governadores da Frente Norte do Mercosul Belém-PA, 06 de dezembro de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Pará,
Meus queridos governadores que estão aqui representando os países da América do Sul e os países que compõem o Mercosul,
Meus companheiros governadores brasileiros da região Norte,
Meus companheiros prefeitos,
Meus companheiros deputados estaduais e deputados federais,
Companheiros secretários municipais, secretários estaduais,
Meus amigos e minhas amigas,

Como sempre, quando fazemos um evento, a nominata termina sendo muito grande. E como todos já falaram o nome de todo mundo aqui, Chacho, falando o nome do Chacho, nosso companheiro que é a nossa figura importante do Mercosul, estarei falando o nome de todos os companheiros e companheiras que estão aqui. O Chacho é argentino, mas é torcedor do Corinthians, então é um sofredor como eu.

Companheiros e companheiras,

Primeiro, quero falar um pouco do Mercosul e falar um pouco da nossa América do Sul.

Meus companheiros representantes dos países da América do Sul, eu tive a felicidade de, em 1990, convocar – se eu não falei dos senadores, eu quero cumprimentar os senadores aqui presentes – eu tive o prazer de convocar a primeira reunião da esquerda na América Latina, em 1990. Eu tinha terminado a eleição de 89, nós tínhamos saído muito fortalecidos do processo eleitoral e era preciso, então, fazer um chamamento a todas as organizações



de esquerda que militavam na política da América Latina, para que pudéssemos começar a estabelecer uma estratégia de procedimento entre a esquerda da América Latina.

Eu me lembro, Chacho, como se fosse hoje, era época da Copa do Mundo de 1990, e a reunião foi feita em São Paulo, por isso é que ficou constituído o Foro de São Paulo. Só da Argentina tinha 13 organizações políticas, 13 grupos de esquerda que não conversavam entre si. A única coisa que os unia era o Maradona, naquele momento. A República Dominicana, que é um país pequeno, tinha 18 organizações de esquerda naquele encontro. Parecia, Ana Júlia, o PT.

Foi uma reunião muito difícil porque as pessoas não confiavam em si, cada um desconfiava do outro, cada um era mais revolucionário do que o outro, cada um era mais guerrilheiro do que o outro. E era preciso, então, criar um ponto de equilíbrio para fazer as pessoas entenderem. Eu descobri isso nas eleições de 89, que era possível, com um pouco de organização, o povo chegar ao poder em qualquer país do mundo e em qualquer país da América do Sul.

Pois bem, passados esses 18 anos, ou melhor, vamos pegar 14 anos atrás. Nós fizemos uma pequena revolução democrática na América do Sul e na América Latina. Eu, por exemplo, conheci o (Fidel) em um encontro que fizemos em Cuba. Tinha acabado de ser preso por conta do golpe e acabado de ser liberado. Conheci o Chávez em um encontro do Foro de São Paulo, como conheci também o Daniel Ortega, como conheci tantos companheiros da Argentina, do Chile, do Uruguai, do Paraguai, da Bolívia, do Equador, da Venezuela, da Colômbia. Qual é a mudança que houve nesses 18 anos? Olhem o mapa da América do Sul hoje. O que aconteceu na América do Sul é um fenômeno político que, possivelmente, os sociólogos levarão um tempo para compreender por que aconteceu tão rápido a mudança que houve, uma mudança extremamente importante.



Eu lembro que quando o companheiro Duhalde – eu ganhei as eleições de 2002 e o primeiro país a visitar foi a Argentina – falou assim para mim: “Lula, eu vou eleger”... o Menem estava se metendo a ser candidato outra vez, e não sei mais quem, tinha até corredor de automóvel que ia ser candidato na Argentina. E o Duhalde falou: “Lula, nós vamos eleger aqui o Kirchner”. Eu perguntei: quem é Kirchner? Ele falou: “É o governador de Santa Cruz. Ele não é conhecido aqui em Buenos Aires, mas nós vamos elegê-lo”. Pois bem, seis meses depois o Kirchner era presidente da Argentina. Depois foi um processo, com Tabaré; depois foi um processo, com Nicanor Duarte, no Paraguai; depois foi um processo no Equador, que não deu certo no primeiro momento, mas deu certo no segundo momento, com Rafael Correa. O Chávez era o único presidente até então existente, na América do Sul, com cara progressista, com compromissos efetivos com o povo mais pobre.

E hoje nós vemos que o que aconteceu na América do Sul está se espalhando para a América Central e para a América Latina, em quase todos os países. Na Guatemala, acaba de ganhar um companheiro, muito companheiro nosso, que participou do Foro de São Paulo. Nós vamos ter eleições agora em El Salvador e, certamente, ganhará um companheiro da Frente Farabundo Martí as eleições para a presidência de El Salvador, pelo menos é o que as pesquisas estão indicando. A eleição no Panamá foi um avanço extraordinário, com o companheiro Torrijos, e assim nós estamos avançando. Há um mapa exatamente antagônico ao mapa que existiu de 1980 a 1990, ou ao ano 2000. Quando o povo teve oportunidade, na América do Sul, ele fez uma guinada completa, ele trocou o neoliberalismo pelo que tinha de mais avançado em políticas sociais em todos os países da América do Sul, e está acontecendo, agora, na América Latina.

Isso é uma coisa, companheiro Chacho, que nós ainda não aprofundamos. Lógico que quando ganhamos as eleições de um país, a nossa primeira preocupação é com os problemas internos do nosso país, e nós temos



problemas sérios em cada país para enfrentar. Muitas vezes ainda não adquirimos a dimensão do que é um processo de integração, e é um pouco sobre isso que eu queria falar aqui hoje.

O Brasil é o maior País da América do Sul. É a maior extensão territorial, tem a maior economia, é o maior em população, é o maior em PIB. Portanto, recai nas costas do Brasil a responsabilidade de levar em conta as assimetrias existentes na nossa relação da América do Sul.

O Brasil, em segundo lugar a Argentina, e em terceiro lugar a Venezuela, em quarto lugar a Colômbia, apenas para dar alguns exemplos, nós temos a obrigação de estabelecer uma estratégia, não de querer fazer uma competitividade em igualdade de condições, mas de ajudar os países mais pobres a ter uma relação conosco em que a vantagem possa ser desses países menores. Nós não podemos imaginar que vamos fazer a integração se os brasileiros se queixam quando a gente compra o arroz produzido no Uruguai. Nós não fazer integração... Obviamente que também não podemos prejudicar os nossos produtores de arroz. Então, cabe ao Estado criar políticas compensatórias para que a gente possa permitir um preço competitivo para o nosso produtor. Mas nós não podemos proibir.

Nós temos que trabalhar para industrializar países como o Paraguai, países como a Bolívia. Nós temos que seguir, inclusive, o exemplo da União Européia. O que fez a União Européia, quando resolveu se juntar? Quanto de dinheiro a Espanha recebeu? Quanto de dinheiro Portugal recebeu? Quanto de dinheiro a Grécia recebeu? Quanto de dinheiro ele estão colocando agora, na Europa do Leste? Sabem por quê? Porque não é conveniente, num processo de integração, você ter países fronteiriços com problemas de miséria muito grandes, com diferenças de desenvolvimento muito grandes. A inteligência nos mostra que se a gente ajudar esses países a se desenvolverem, o que vai acontecer? Eles vão gerar mais empregos, mais riquezas, mais consumidores, e a troca comercial entre nós compensa os investimentos que nós fizemos.



É por isso que eu nunca vacilei, e estava em época de eleição quando o Evo Morales quis nacionalizar o gás dele e eu disse: “O gás é do Evo, ele está correto de nacionalizar. O gás é um instrumento, é uma matéria-prima, e é a única coisa que a Bolívia tem”.

E por que nós fizemos isso? Quando o presidente Nicanor reclama da relação Brasil-Paraguai, com relação a Itaipu, nós temos que compreender que embora o contrato seja justo e legal, não pode ter uma relação igualitária entre Brasil e Paraguai. O Brasil tem que fazer concessões, porque a economia do Paraguai é muito pequena diante da economia do Brasil. O que vale para eles com importância, para nós muitas vezes não vale nada. O que são 100 milhões para o Brasil? Nada. Para o Paraguai é uma importância extraordinária. E o Brasil precisa ter isso em conta. Os deputados, Rosinha, têm que ter isso em conta, os senadores têm que ter isso em conta.

Essa é uma coisa grave na nossa relação. Não havia experiência dessa relação de integração. Sempre houve a experiência de um país pujante como o Brasil, de um país pujante como a Argentina, com parceiros mais fracos. Portanto, era quase a lei do cão, ou seja, toda a vantagem para os países mais ricos. Não pode. Definitivamente, nós não faremos integração assim. Nós faremos, no máximo, uma belíssima relação pessoal, política, mas integração, em que o povo de cada país possa ver naquilo a possibilidade da evolução dele, da melhoria da vida dele... Senão, o que acontece? Ficam, de um lado, os países achando que a Argentina é um país imperialista. De outro lado, os companheiros da Bolívia olham para o Brasil e tratam-no como imperialista; do outro lado, os companheiros do Paraguai olham o Brasil e tratam-no como imperialista. Obviamente que tem que ser assim, porque nós não fazemos aquilo que tem que ser feito em política internacional. Nós temos que ceder para esses países menores poderem crescer, e esse crescimento deles será bom para o Brasil e será bom para a Argentina, será bom para os dois países.

Normalmente, um presidente fica chateado quando vai a um país e



percebe que o país dele é visto como um adversário, sobretudo o Brasil. As pessoas vêem o Brasil com uma dimensão extraordinária, e as pessoas estão sempre esperando que, a cada reunião, o Brasil ceda em alguma coisa. Eu acho que o Brasil não tem que ceder porque, em uma relação soberana, ninguém cede nada. Mas nas negociações nós temos que ser generosos, nós temos que compreender que uma boa relação comercial não é aquela em que eu vendo mil e compro dez. Essa relação é uma relação asfixiante para os países menores. Uma boa relação é aquela em que eu vendo mil e compro 900, ou eu vendo 900 e compro mil, para que haja um certo equilíbrio entre os países, porque senão nenhum país exporta. Essa é uma coisa, meu caro Chacho, em que nós precisamos evoluir de forma extraordinária.

Eu me lembro que nós queríamos importar água do Uruguai, e eu me lembro que a nossa Anvisa criou tanto obstáculo, fez tanta exigência, que eu acho que a exigência da Anvisa era para que tivesse uma qualidade, na água do Uruguai, que nem Jesus Cristo tinha bebido quando passou pela Terra. É uma loucura. Muitas vezes, em vez de facilitamos, criamos obstáculos. Um dia desses, eu sou pego com uma notícia de que nós iríamos fazer uma ponte na fronteira com o Paraguai. Já perceberam que as pessoas só querem fazer ponte quando o vizinho é pobre? Se fossem os Estados Unidos, estaria todo mundo escancarando a porta, mas como é o Paraguai, a Bolívia, nós vamos fazer um muro. Mas, que muro! Qualquer muro que seja feito será o muro da vergonha, qualquer muro, por menor que ele seja. Numa relação comercial, da mesma forma que tem liberdade para transitar os produtos, tem que ter liberdade para transitar a coisa mais importante nas nações, que é o povo da América do Sul. Nós temos que transitar livremente, sem obstáculos.

De vez em quando querem que eu brigue com o Chávez. Cada coisa que eu falo é uma manchete negativa. Se nós, governantes, políticos e a imprensa aprendêssemos que a coisa mais nobre numa relação internacional é o respeito às decisões soberanas de cada país... Cada país decide o que é



bom para si, cada país decide a sua moeda, cada país decide a sua política industrial, cada país decide o seu regime político. De vez em quando a gente pensa que pode dar palpite em tudo, de vez em quando a gente pensa que pode dizer “os países têm que ser todos iguais”. Não somos um caminhão de melancia. Somos países com culturas diferentes, somos países com histórias diferentes, conquistas de independência em datas diferentes, colonizadores diferentes.

Então, se nós não respeitarmos as tradições históricas e culturais de nossos países, também não terá integração. E como nós não queremos mais ser colonizados, nós queremos apenas que deixem a vida nos levar, como diz o Zeca Pagodinho, deixem a vida nos levar que nós saberemos construir a nossa democracia, nós saberemos fortalecer a nossa economia. Há quantos anos, na América do Sul, as economias dos países não cresceram o tanto que estão crescendo agora? Há quanto tempo não se gerava a quantidade de empregos que se gera agora? Há quanto tempo o povo não vive como está vivendo agora? É isso o que conta.

Na Venezuela o Chávez se elegeu, continuou; eu me elegi aqui; agora se elegeu Cristina Kirchner; logo, logo tem eleições no Uruguai; logo, logo vai ter eleições na Colômbia; logo, logo vai ter eleições no Paraguai. O que nós queremos? Nós não podemos dar palpite sobre quem a gente quer que seja eleito. A gente só tem que torcer para que o voto seja a possibilidade de eleger o melhor para aquele país, não o melhor para nós, mas o melhor para aquele país.

Eu estou convencido de que essa reunião que vocês estão fazendo aqui, Chacho, é um passo importante, porque a integração só entre os presidentes é uma coisa difícil. Nós nos encontramos duas ou três vezes por ano e, quando nos encontramos, os nossos especialistas produziram os documentos. Muitas vezes a gente nem lê os documentos antes de chegar à reunião. Ninguém, nem eu, nem Kirchner, nem Chávez, ninguém lê. A gente pega o documento na



hora, e não tem discussão política. Mas, quando vocês começam a se reunir, os governadores começam a se reunir, a gente começa a criar o Parlamento. E eu acho que logo, logo, as centrais sindicais vão ter que criar uma central da América do Sul, uma central do Mercosul, nós vamos ter que criar entidades dos países que compõem o Mercosul, porque é isso que vai dar a sustentação de uma combinação entre a discussão macroeconômica de cada país, a discussão comercial, e a complementação – que não é secundária, é prioridade – que é o resultado das políticas sociais para ajudar o povo mais pobre dos nossos países.

A terceira coisa que eu acho extremamente importante, companheiros, é que nós temos um problema hoje no mundo, e um problema na América do Sul, que é o problema de energia. Nós temos um problema de energia sério, na América do Sul. A Argentina tem problemas, o Chile tem problemas, a Bolívia, que tem muito gás, tem problemas, o Brasil, que tem muita energia hídrica, tem problemas, o Equador, certamente, tem problemas. Eu fui agora à Nicarágua. A Nicarágua precisa de 750 megawatts, e ela só tem 450. Tem sete horas de apagão por dia. Está lá com uma termelétrica que o Chávez emprestou, daquelas bem usadas, que gasta mais óleo diesel do que se nós fizéssemos uma nova. Então, o Brasil, a Venezuela e a Argentina têm que chamar o Daniel Ortega e falar: “Daniel Ortega, nós vamos financiar para você uma hidrelétrica”, alguma coisa que possa gerar recursos, que possa definir, de forma estruturante, uma saída.

O que eu acho, Chacho? Nós precisamos levantar o potencial hídrico da América do Sul. Certamente, nós teremos mais de 300 mil megawatts de potencial hídrico na América do Sul. Se nós tivermos competência de construir as hidrelétricas, respeitando a questão ambiental, Marina, – estou vendo o Basileu ali, presidente do Ibama, me olhando feio –, se a gente respeitar as regras ambientais, a gente vai poder, ao construir a hidrelétrica, construir linhas de transmissão. Como nós somos um continente dividido, pelo meio, pela Linha



do Equador, significa que nós vamos ter momentos de chuva num grupo de países, numa época do ano, e momentos de chuva em outros países, em outra época do ano. Portanto, nós poderemos fazer a transferência de energia... Eu estou vendo aqui o pessoal da Eletronorte, da Eletrobrás aqui, ou seja, você vai poder fazer uma integração energética.

Por que Brasil e Argentina não fizeram aquela binacional ainda? Eu propus ao Evo Morales: vamos fazer uma binacional no rio Madeira? Nós vamos fazer a nossa, vamos fazer uma com você, do seu lado. Vamos construir, vamos fazer um projeto adequado e ver o que é possível. E você sabe que de peixe eu entendo, Marina. De bagre, Basileu, você fala comigo, que eu entendo.

A Bolívia – aqui tem um companheiro boliviano – eu estou indo à Bolívia dia 16. O que eu quero conversar com o Evo é o seguinte: não basta ter gás, é preciso extrair esse gás, e é preciso que tenha investimentos. Eu vou lá com a proposta de que a Petrobras vai fazer investimentos. Se a Petrobras não fizer investimentos, vai faltar gás para o Brasil, para a Argentina, para o Chile, e vai faltar gás para a Bolívia. Não adianta ter uma mina de petróleo embaixo de você, se você não tem como tirar. Então, quem tem tecnologia precisa socializar essa tecnologia e ajudar os outros países a se desenvolverem. Essa é a lógica que tem que permear o Mercosul.

O Peru, meu caro vice-governador do Amazonas, o Peru... o Peru, não, o Equador sonha com um transporte fluvial entre Manaus e o Porto de Manta. Eu falei para o meu amigo Rafael Correa: no ano que vem eu vou a Manta para anunciar que a gente vai construir esse meio de transporte entre o Brasil e o Equador.

Nós falamos, Chacho, em integração. Se o Rafael quiser vir para o Brasil e não tiver um avião, ele tem que ir para Miami para vir ao Brasil. Imagine que loucura! Na década de 90 todos os países que tinham empresa aérea venderam, e todo mundo só queria voar para Nova Iorque. É, todo mundo só



quer voar para Nova Iorque, Londres, Frankfurt, Roma, Madri. Ninguém quer voar para o Equador, ninguém quer voar para a Bolívia, ninguém quer voar para a África. As pessoas só querem ir no “bem-bom”. As pessoas só querem comer carne argentina ou uruguaia, não querem comer carne de bode.

Eu tenho dito para os meus companheiros que eu tenho mais três anos, não sei quanto tempo tem o Chávez, o Rafael Correa tem mais quatro anos, o Evo tem mais três anos. Nós precisamos apressar esse processo de integração. E, aí, eu queria pedir a compreensão do Parlamento aqui, Rosinha. Nós temos um problema, que é o seguinte: o tempo dos presidentes é diferente do tempo do Parlamento. Nós vamos e fazemos um acordo, esse acordo tem que passar pelo Parlamento. Às vezes, o acordo precisa ser para ontem, e demora oito meses, nove meses, um ano, um ano e meio.

Eu conto esse caso sempre: eu tomei posse, e o presidente Wade, do Senegal, me liga e fala assim para mim: “Presidente Lula, vai vir uma praga de gafanhoto na semana que vem e eu precisava de um aviãozinho. Eu sei que o Brasil tem o avião Ipanema, de primeira qualidade. Eu queria o avião e queria pesticida para matar esses gafanhotos”. Eu falei: vai ser a minha primeira obra internacional. Fantástico! Chamei o ministro Celso Amorim e falei: Celso, vamos mandar o avião Ipanema, vamos comprar, custa... Sei lá quantos centavos que custa aquilo lá, vamos comprar. Vocês sabem o que aconteceu? Demorou seis meses, porque eu tive que mandar para o Congresso Nacional. Aí, quando o aviãozinho chegou, já tinham comido o milho do coitado.

Vocês sabem que nós fomos educados a ser pobres. Então, um país da potência do Brasil e da potência da Argentina, a gente não tem o hábito de contribuir com os outros, a gente só quer que os outros contribuam conosco. Nós não temos um fundo em que a gente possa ter 50 milhões de dólares ou 100 milhões de dólares para, numa hora de aperto, numa hora de calamidade, mandar uma ajuda, não tem isso. Porque nós sempre fomos tratados como pobres, nós só queremos que os outros nos ajudem.



E nós, gente, não construiremos a integração se a gente não der esse passo extraordinário. Nós temos que construir as rodovias que nos interligam, temos que construir as ferrovias que nos interligam, temos que ter interligação em telecomunicações, temos que fazer as pontes que precisa.

Vocês vejam um negócio: em 500 anos de relação com a Bolívia, a primeira pontezinha feita no estado do Acre foi feita no meu governo. Só passa um carro. Mas já tem uma ponte, antes não tinha. Agora já passam dois carros. A primeira ponte na região Norte do País, com o Peru, foi no meu governo. Lá em Assis Brasil, no estado do Acre, estamos construindo essa interoceânica, ligando o Brasil ao Pacífico e o Pacífico ao Atlântico.

Agora vamos fazer, se Deus quiser, o presidente da França vem ao Amapá e nós vamos, finalmente, ser o primeiro país da América do Sul a ter uma fronteira com a Europa, com a França. Eu já estou aqui pensando nos vinhos que o Waldez vai me dar de presente, já estou pensando. Eu vou até pedir para alguém chique me dar o nome de um vinho chique, para mandar empurrar para a secretária do Waldez. E eu falo: “Eu não gosto de vinho, a minha mulher é que gosta”, então ele manda um melhor ainda.

Bem, então eu quero dar os parabéns, companheira Ana Júlia, por essa reunião realizada aqui, na região Norte do País. Quero, do fundo do coração, agradecer aos governadores dos países irmãos que vieram aqui. E, certamente, vocês sairão agradecidos pelo carinho que vocês receberam do povo do Pará, que é um povo singular, neste País, no tratamento com as pessoas.

Terminada essa parte internacional... Eu fico numa dúvida, porque se eu “hablo espanhol, ustedes no entienden”, se eu falo em português, eu tenho medo de que todos eles não entendam. Mas, como a maioria aqui fala português, eu coloquei em votação e, então, só falo em português aqui.

Mas, agora, terminando essa parte internacional, eu queria falar um pouco do resultado apresentado pelo Gilberto Câmara, do Inpe, e falar das



coisas que a Marina disse aqui. Primeiro, eu fico feliz com os números apresentados, Marina, muito feliz. Mas fico triste porque poderíamos fazer mais, temos condições de fazer mais e podemos fazer mais.

Agora, nós não vamos fazer, Marina, enquanto ficar nas nossas costas, lá em Brasília, cuidar de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados e 360 milhões de hectares de floresta da Amazônia. Nós não vamos. Nós podemos ter a fotografia do momento, nós poderemos ter não sei o quê, mas é humanamente impossível, se a gente não envolver o poder local para assumir responsabilidade como nós.

Tem duas coisas, Marina, que nós temos que fazer. Primeiro, nós temos que dizer, em alto e bom som: neste País tem empresário sério na agricultura, tem empresário sério em fábrica de madeira, que fazem as coisas corretas, honestas, pagam seus impostos e fazem as coisas certas. Nós temos que salvaguardar esses e mostrá-los, porque a sociedade tem que saber que em tudo tem coisa boa e coisa ruim. E tem aqueles que são predadores, aqueles que não respeitam a lei, aqueles que não respeitam a autoridade. Para esses tem que ter o bastão do Estado em cima deles, para aprenderem a respeitar as leis aprovadas pelo Congresso Nacional.

Então, Marina, eu quero dizer para você o seguinte: tanto para combater o trabalho escravo, quanto para diminuir as queimadas, eu quero que no começo do ano, Basileu, vocês preparem o mapa dos municípios onde existem queimadas, que eu vou convocar os governadores dos estados, vou convocar os prefeitos das cidades, vou convocar os vereadores ou os presidentes das Câmaras, se for necessário eu convoco o pastor e o bispo, se for necessário eu convoco o dirigente sindical, porque nós precisamos fazer uma gestão compartilhada e responsável. Se for necessário – eu vou te avisar de público, aqui – se for necessário, colocamos um delegado da Polícia Federal em cada município. Se for necessário, colocaremos um delegado da Polícia Federal, junto com o Ibama, em cada município. Não é possível que as pessoas não



estejam entendendo o que está acontecendo no Planeta, e que nós poderemos ganhar dinheiro sendo legais. Nós poderemos ganhar muito mais dinheiro fazendo a coisa correta, poderemos ganhar muito mais se a gente utilizar corretamente o manejo da floresta, se a gente souber preservar, se a gente souber replantar. Nós temos que ter consciência de que a Amazônia não é apenas o pulmão do mundo como eles dizem, a Amazônia é a possibilidade de nós andarmos de cabeça erguida diante da Europa e dos Estados Unidos, que hoje querem preservar a Amazônia depois de devastarem toda a sua floresta, toda, sem nada, e de serem responsáveis por 70% da emissão de gases de efeito estufa. Nós queremos fazer parcerias com eles também, mas não queremos que levistem o dedo para nós. Você vai para Bali agora, eu sei que você é guerreira, vai muita gente boa. Discutir, sim, dialogar, sim, mas aceitar desaforos, jamais. A Amazônia é nossa e, com virtudes e defeitos, nós vamos cuidar dela.

E aquela proposta que você apresentou em Nairobi, Marina, tem que voltar a ser apresentada em Bali. Eu estou cansado de ver país que não tem... Eu ando de helicóptero nesses países também, minha filha. Eu vinha no avião, agora, e falei para Marisa: “Bote a cabeça na janela aí, para você ver” – não a cabeça para fora, porque ela seria sugada – olhe pela janela do avião e veja se em algum país do mundo, por onde eu viajei, a gente consegue andar uma hora só vendo essas árvores extraordinárias? É tudo careca, tudo careca, não tem nada. E quando tem árvores, é tudo igual, é tudo igual. Então, eu acho, Marina, que a sua proposta de Nairobi deve voltar a ser apresentada com mais força. Aliás, já falei no discurso da ONU: nós vamos preservar. Agora, os países ricos precisam colocar a mão no bolso e pagar aos países pobres que preservam as suas florestas.

No mais, querida, eu queria terminar com uma mensagem para a minha governadora Ana Júlia. Ana Júlia, você sabe que eu acompanho, por ossos do ofício, a imprensa do Brasil inteiro e dos estados. E eu sei que, muitas vezes,



as pessoas estão jogando nas suas costas uma carga que você não deveria receber. Você está há apenas 11 meses no governo, você não fez sequer o seu primeiro orçamento ainda, você está trabalhando o orçamento aprovado no outro governo, as prioridades definidas ainda não são as suas. Você pode perguntar para quem é governador, aqui: o primeiro ano sempre é o mais difícil. Qual é a vantagem do primeiro ano? É que a gente tem capital político no primeiro ano. Acabou se ser eleito, então você pode gastar um pouco do capital político fazendo as coisas que precisam ser feitas, mesmo aquelas que podem descontentar alguém, porque no segundo ano você não tem mais capital político. No segundo ano, você vai começar a queimar a expectativa que gerou na população desse estado para fazer as coisas, e o povo começa a cobrar. E é bom que o povo cobre. Nunca fique chateada que o povo cobre, esse povo te elegeu porque os outros não permitiram que os cobrassem, e eles queriam uma companheira, no governo, para eles poderem cobrar de você. Agora, eu queria que você aprendesse uma lição, querida Ana Júlia: não se permita ficar nervosa com ataques. Você não tem que provar nada para ninguém agora. Você tem que provar para as pessoas é no final do seu mandato.

Governar é como fazer um prato de comida. Se você tem uma criança pedindo comida, estão as panelas em cima do fogo, e você pega só o arroz, põe no prato, bota para a criança e pergunta: “está bom”? Ela vai dizer: “Não”. Aí você bota um pouquinho de feijão e mostra: está bom? “Não”. Aí você vai lá, bota uma saladinha, bota uma carnezinha, e ela fala: “Está bom”. Então, governar é construir o projeto para o qual você foi eleita, e você está no começo. É como se você tivesse plantado um pé de fruta. Não adianta plantar e ficar sentado do lado: “Nasce, nasce”. Só carrapicho nasce assim, coisa ruim. Coisa boa, demora. Então, eu quero que você não tenha pressa, vá aguando, vá botando uma aguinha, bota um adubozinho e você vai ver que, logo, logo, vai brotar e logo, logo, o povo vai começar a comer os frutos daquilo que é o projeto que te elegeu para este estado. Quero te dizer, minha querida



companheira, que nos momentos bons em que você tiver que fazer festa aqui, não precisa me convidar, porque a dona Marisa não me deixa vir. Agora, nos momentos difíceis, se você precisar, eu quero que você saiba que você tem lá em Brasília, não um presidente, mas um companheiro seu para lhe ajudar em todas as horas.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Centro Ambulatorial de Reabilitação Infantil da nova unidade da Rede Sarah

Belém-PA, 06 de dezembro de 2007

Bem, eu vou pedir licença aos companheiros para não precisar falar o nome de todo mundo aqui porque já foi falado, e quando a gente repete o nome das pessoas muitas vezes é capaz de alguém querer ser candidato a vereador aqui. Então, deixa eu ser tão sucinto quanto foi o Aloysio. O Aloysio vai viver muito porque ele fala pouco.

Olhem, para mim, inaugurar uma unidade da Rede Sarah, Lucinha e Aloysio, já virou uma coisa prazerosa que eu tenho na vida. Esses dias, nós tivemos no Brasil os Jogos Parapan-Americanos, onde a gente pôde perceber que pessoas que há 10 anos eram tratadas como coitadas, deficientes físicas, deram um banho de bola e ganharam o maior número de medalhas que o Brasil já ganhou, em várias atividades esportivas. Numa demonstração que vem confirmar uma coisa que nós estamos dizendo há alguns anos: o que o ser humano precisa, na verdade, é de oportunidade de exercitar a sua inteligência e o seu esforço físico, tal como ele pode.

Houve um tempo, no Brasil, em que falar no Sarah significava falar numa rede de tratamento caro. As pessoas diziam: “Mas não pode. O Sarah não pode, não pode fazer porque custa caro. Imagine se a gente tiver um Sarah em cada estado, vai custar caro”. Na verdade, eu acho que o Sarah custa menos caro se a gente for olhar a qualidade do serviço que o Sarah oferece às pessoas que por aqui passam.

Certamente que é caro se você analisar o tratamento que o povo brasileiro recebe na maioria dos hospitais hoje, neste País. Normalmente, os hospitais são feitos a baixo custo e, muitas vezes, não são de qualidade



excepcional, e o tratamento é o tratamento que todo mundo aqui conhece. Quando a gente vê uma unidade destas, primeiro, a gente já sofre um impacto pela arquitetura. Não tem jeito de hospital, parece mais um centro de lazer do que um hospital.

A segunda coisa que eu acho extremamente positiva no comportamento e na prática do Sarah é que no fundo, no fundo, quem cuida da pessoa que precisa de tratamento não é o médico, são os familiares. O médico, na verdade, orienta. O médico, na verdade, faz o diagnóstico e, a partir do diagnóstico, ele orienta. E orienta no sentido de fazer com que as pessoas descubram, em função do potencial que têm, quais são os passos que elas podem dar a cada momento. Ninguém precisa ficar sofrendo numa máquina, ninguém precisa fazer as coisas na marra. As pessoas fazem as coisas no momento em que estão dispostas a fazer.

A Rede Sarah é o primeiro hospital em que eu vejo as pessoas se tratarem dançando; segundo, as pessoas se tratarem nadando; terceiro, as pessoas se tratarem brincando e, quarto, o pai e a mãe se educando e aprendendo a gostar, cada vez mais, do problema que seu filho tem. Se a pessoa não está preparada, do ponto de vista psicológico, para receber uma criança com algum problema, a pessoa passa quase a segregar aquela criança: “Eu não posso fazer porque meu filho tem que ficar na cama. Eu não posso ir a uma festa porque meu filho tem que ficar não sei onde. Eu não posso...” Então, o comportamento inadequado termina fazendo com que uma coisa que pode ser tratada com muita rapidez – e o ensinamento da convivência com esse problema poderia ser uma solução – termine sendo um problema, ou seja, a criança está confinada. Nós já tínhamos feito isso – o Aloysio e a Lúcia sabem – na questão das pessoas com problema de deficiência mental, no Brasil. Houve um tempo em que, no Brasil, aparecia uma pessoa com problema de doença mental e a primeira coisa que se fazia era internar em uma clínica. Como o paciente chegava nervoso, metia logo uma



injeção “sossega leão”, internava, colocava em uma cela e, a partir dali, a pessoa nunca mais se recuperava, até ser abandonada pela família.

Vocês vão perceber que nós estamos inaugurando hoje, mas já está funcionando desde o dia 19 do mês passado, e eu já conversei com algumas mulheres que já estão fazendo tratamento nos seus filhos aqui. O que vai acontecer, de concreto, é que o pai e a mãe que antes eram obrigados a levar o filho a um hospital e deixar a criança, às vezes, um dia lá, com gente desconhecida, com gente que não a tratava com carinho, chegam aqui na Rede Sarah e, primeiro, não vai encontrar um médico e uma enfermeira, vão encontrar um amigo, vão encontrar um companheiro. Segundo, daqui a pouco quem estará brincando com a criança não será mais um médico ou uma enfermeira, quem estará brincando serão o pai e a mãe, que fazem melhor do que qualquer médico ou qualquer enfermeira o tratamento carinhoso que o seu filho tem que receber.

Por isso, eu queria dizer para vocês que, se nós fôssemos analisar o custo/benefício, talvez a Rede Sarah seja mais barata do que muitos hospitais que parecem baratos, mas que são caros porque, embora utilizem pouco dinheiro, não dão o tratamento adequado que os pacientes precisam ter. Então, Aloysio, eu acho que hoje nós estamos tendo consciência de que isso aqui não é um tratamento privilegiado. Houve um tempo em que um hospital como este no Brasil era coisa para rico, aquele que pudesse pagar, e pagar caro, tinha quarto para se internar. Aqui não precisa de quarto, não é, Aloysio? As pessoas vêm com a família, fazem o tratamento e voltam para casa. É, possivelmente, 50% da cura dos pacientes que procuram a Rede Sarah.

Então, eu queria dizer para vocês que é uma alegria para mim. A mim, nunca importou saber aquela bobagem que, de vez em quando, começa: “o presidente Lula não acabou a Rede Sarah, porque quem fez foi não sei quem”... A mim, o que importa é o seguinte: independentemente de qualquer polêmica, as crianças de até 16 anos, aqui do Pará, agora vão ser tratadas



com decência, com dignidade e com respeito. E se alguém merece elogios aqui, a gente poderia pegar o Aloysio e a Lúcia e bater todas as palmas que a gente pudesse bater, até cansar e, ainda assim, a gente não pagaria pelo trabalho extraordinário que eles fazem na Rede Sarah. Eu, Aloysio, trabalho com a idéia de que não vai demorar muito e nós vamos ter a Rede Sarah na maioria dos estados brasileiros, para que o povo aprenda a gostar de ser tratado com respeito, de forma adequada e com tratamento de primeira categoria porque no Brasil, habitualmente, tudo para o pobre é de segunda categoria. E eu acho que, em se tratando de saúde pública, todo mundo merece ser tratado como cidadão de primeira classe.

Parabéns ao prefeito, à governadora e aos funcionários da Rede Sarah.
Um abraço.



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de declaração de Guardas-Marinha da turma Almirante Dodsworth

Rio de Janeiro-RJ, 08 de dezembro de 2007

É com alegria renovada que me dirijo aos Guardas-Marinha de 2007, integrantes da turma Almirante Dodsworth. A carreira que os senhores abraçam é bela e instigante e exigirá muita capacidade de superação, força de vontade e abnegação.

Tenho a certeza de que os anos passados na Escola Naval lhes deram de forma exemplar a preparação para esse novo desafio. Os conhecimentos técnicos recebidos nessa escola, assim como os princípios de ética e retidão que forjaram o caráter de cada um, serão fundamentais para o exercício de sua carreira e ganharão ainda mais força com a vivência pessoal e profissional. A Nação brasileira deposita uma imensa confiança no desempenho dos senhores. Em breve, passarão a integrar equipe coesa de uma de nossas mais tradicionais instituições: a Marinha do Brasil. E compartilharão a responsabilidade de vigilância da Amazônia Azul e a proteção de nosso imenso patrimônio no mar e nas águas interiores, garantindo os interesses e a soberania nacionais.

O Brasil está pronto para os novos e decisivos estágios em desenvolvimento e a Marinha vem cumprindo na defesa nacional e nas mais diversas frentes, um papel fundamental nesse processo de desenvolvimento com democracia e justiça social. Estou falando, entre outras ações, do seu compromisso com o desenvolvimento tecnológico, simbolizado pelas pesquisas com a energia nuclear em Aramar, do auxílio médico e social das populações ribeirinhas da Amazônia e da constante formação dos jovens, como os senhores, que passarão a dedicar a inteligência, a criatividade e a força de



vontade a todos os nossos compatriotas.

Essa nova etapa da história na qual o Brasil agora ingressa certamente terá impactos positivos para o conjunto das Forças Armadas e fortalecerá ainda mais a certeza de que elas estarão equipadas e preparadas para contribuir com a projeção do País no panorama político estratégico internacional.

Felicito-os pelo merecido sucesso e lembro a todos que o compromisso espontaneamente assumido com a Pátria forma um laço de cooperação e desprendimento que irá acompanhá-los para sempre. A felicidade irradiada no semblante de cada um dos senhores contagia a todos os presentes. Meus cumprimentos são extensivos a todos os pais, irmãos, noivas, namoradas e familiares desses jovens valorosos. Seu apoio foi fundamental para que essa conquista se concretizasse. E a todos os Guardas-Marinha desejo carreira de plenas realizações, que a alegria e o sucesso sejam constantes ao longo de suas vidas.

Parabéns a todos, muito obrigado. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República Federativa do Brasil.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura da ata de fundação do Banco do Sul**

Buenos Aires - Argentina, 09 de dezembro de 2007

Excelentíssimo senhor Néstor Kirchner, presidente da República da Argentina,

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidente eleita da República da Argentina,

Excelentíssimos senhores, companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia; Rafael Correa, presidente do Equador; Nicanor Duarte Frutos, presidente do Paraguai; Hugo Chávez, presidente da Venezuela,

Companheiros e companheiras integrantes das delegações aqui presentes,

Ministros dos países aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos, hoje, dando um passo decisivo na construção do sonho de integração dos povos da América do Sul. Em janeiro de 2006, os companheiros Kirchner, Chávez e os demais presidentes aqui presentes, idealizamos a criação de um banco de fomento genuinamente sul-americano, um banco que pudesse financiar projetos em setores-chave de nossas economias, como infraestrutura, ciência e tecnologia, além de promover o desenvolvimento social com projetos voltados à redução da pobreza e das assimetrias da região.

Caro companheiro Kirchner,

A assinatura desta ata fundacional do Banco do Sul encerra de forma emblemática a sua Presidência, que tanto contribuiu para a união de nossos povos. A maioria dos países da nossa região já se engajou no processo de criação do Banco. O Brasil espera, e todos nós esperamos, que os demais



países se juntem a nós e a esta instituição crucial, que imaginamos no início do ano passado. Sei que amanhã esta ata será também assinada pelo presidente do Uruguai, Tabaré Vázquez. Somente forte, unida e integrada, a América do Sul poderá ocupar o lugar que lhe cabe no concerto das nações e, principalmente, criar condições para o desenvolvimento pleno de nossos povos.

Hoje compartilhamos da convicção de que o futuro de cada um dos países da região depende do futuro dos demais. É com esse espírito que fundamos a União de Nações Sul-Americanas, a Unasul. O Banco do Sul será fundamental para viabilizar as iniciativas de que necessitamos para integrar a nossa região e consolidar a Unasul. Com ele, vamos superar limitações de acesso a financiamentos junto a bancos multilaterais de fomento e bancos privados. Vamos dar passo importante para fortalecer a autonomia financeira da América do Sul. Este será o primeiro banco internacional verdadeiramente controlado pelos países de nosso continente.

A solidez, a viabilidade e, principalmente, a eficácia do Banco do Sul dependerão de práticas e critérios firmes e críveis de governança e administração que combinem, de forma justa e equilibrada, os princípios da representação paritária e da proporcionalidade. Desejamos que o Banco do Sul se transforme em um patrimônio da América do Sul, a serviço do desenvolvimento econômico e social de seus povos. Com a consolidação do Banco do Sul como instituição direcionada a fomentar o desenvolvimento, vamos aprofundar o processo de integração financeira regional.

Iniciativas como a criação de um fundo de estabilização para países com desequilíbrio na balança de pagamentos, de um sistema de pagamentos em moeda local e de um fundo sul-americano de garantias são projetos que poderão diminuir a dependência de nossa região, frente ao sistema financeiro internacional, e consolidar as relações econômico-financeiras entre nossos países.



Caros companheiros presidentes,

Creio que estamos todos de parabéns. Pela negociação, o entendimento e o diálogo inclusivo, chegamos a um resultado aceitável para todos nós. Agora, precisamos permanecer firmes diante dos obstáculos que existem e dos que, certamente, virão. Somente com tenacidade e, sobretudo, com coragem, poderemos deixar para as próximas gerações dos povos da região o legado de uma América do Sul unida, integrada e próspera.

Meus companheiros presidentes, senhoras e senhores,

Eu queria, neste momento em que acabamos de assinar a ata do Banco do Sul, numa homenagem especial ao presidente Kirchner... Inicialmente, estava marcada para o dia 5 de dezembro, em Caracas, e todos nós nos colocamos de acordo de que, na véspera da posse da presidente Cristina, seria importante prestar este gesto ao Kirchner.

Eu queria dizer a todos vocês que é importante que cada representante dos nossos países medite profundamente sobre o que está acontecendo na nossa querida América do Sul. As pessoas podem não concordar com o Lula, com Rafael, com Evo, com Kirchner, com Nicanor e com Chávez. A discordância faz parte da democracia. Mas é importante olhar o que eram os nossos países dez anos atrás, como estava a economia, como estava o salário dos trabalhadores, como estava a nossa credibilidade internacional e como estava a relação entre os nossos países. Havia descrença, as pessoas não acreditavam que nós pudéssemos nos juntar. O Mercosul, diziam alguns, estava quebrado. Não era possível Argentina e Brasil se unirem, não era possível Venezuela e Argentina se unirem, Venezuela e Brasil. Havia motivos e mais motivos para que as pessoas fossem perdendo a confiança.

Eu nem conhecia Kirchner, e ele muito menos me conhecia, quando nos encontramos pela primeira vez em Brasília, próximo do segundo turno das eleições. O que aconteceu é que depois da eleição do presidente Kirchner, nós construímos um dos melhores momentos da história da relação entre Argentina



e Brasil. A nossa relação com a Venezuela, que hoje é uma relação sólida, muito forte, e também muito favorável, e é preciso diminuir essa distância. A nossa relação com o Paraguai, como sempre inquietante, muitas vezes tendo a compreensão do companheiro Nicanor, que quantos discursos ouviu contra o Brasil, ou para *pelear* com o Brasil. O nosso companheiro Evo Morales... Eu acho que o Evo é a coisa mais extraordinária que aconteceu na América do Sul, porque ninguém tem mais a cara da Bolívia do que o Evo Morales. E o nosso mais novo eleito presidente – que amanhã perderá para Cristina, que será a mais nova – o nosso querido Rafael Correa.

Todo mundo aqui – com exceção de Nicanor, que tem mais quase meio ano de mandato ou um ano – tem mais três anos de mandato, pelo menos, alguns têm quatro, outros têm cinco. Exatamente nesse final de mandato, nós temos que fazer o que não foi possível fazer nesses primeiros anos. Já nos conhecemos melhor, já temos uma relação de confiança, os nossos povos desejam que nós avancemos nessa política de integração, temos obras extraordinárias de infra-estrutura para fazer juntos, temos hidrelétricas com a Argentina, com a Bolívia, temos hidrovias, portos e aeroportos com outros países.

Chacho estava em Belém na sexta-feira passada, com os governadores da América do Sul, e eu dizia: ou os países mais ricos compreendem que têm que ter políticas mais favoráveis aos países menores economicamente, ou resolvemos esse problema das assimetrias e as economias mais fortes – sobretudo, como o rei do petróleo, o Chávez –, economias como a argentina e como a brasileira têm uma política diferenciada com os países de economia menor, como Bolívia, como Equador, como Paraguai, como Uruguai, ou a integração continuará a fazer parte dos nossos discursos eleitorais.

Então, a criação do Banco... No ano que vem Argentina e Brasil irão fazer as suas trocas comerciais com as nossas moedas, não será mais o dólar. São começos extraordinários, para que nesses três anos nós avancemos o que



não avançamos nos últimos dez, 15 anos, e construímos, verdadeiramente, uma integração. Eu continuo dizendo, com cinco anos de mandato, o que eu dizia no meu primeiro dia de governo: não existe possibilidade de saída individual para nenhum país. A Argentina não irá bem se o Brasil não estiver bem. O Brasil não irá bem se a Argentina, se a Venezuela, se os outros países não estiverem bem.

E todos nós estaremos melhores quando nos ajudarmos, em vez de digladiarmos. Não existe disputa entre nós. De vez em quando a imprensa tenta mostrar disputa: “quem quer ser líder, quem quer ser mais poderoso”. Em política internacional isso não existe. Em política internacional, ou a gente pensa no futuro e leva em consideração que a paz interna de cada país é extremamente importante para a gente construir o país desenvolvido que nós queremos, ou nós perdemos muito tempo com as pelejas internas, como eu perdi, 2005 e 2006, metade do tempo brigando internamente.

O Brasil vive um bom momento. Eu acredito que aqui todos os países vivam o melhor momento dos últimos dez anos. E só é possível a gente consolidar a integração em momentos de crescimento econômico, em momentos em que a economia está bem, em que a sociedade está otimista. Se não for assim, tudo será mais difícil.

Por isso, eu estou alegre e quero dizer, Kirchner, que foi uma extraordinária alegria governar o Brasil no momento em que você governou a Argentina. Tenho a convicção de que aprendi muito contigo e, certamente, Cristina também aprendeu. Portanto, se Cristina aprendeu contigo e eu aprendi, Cristina e eu temos a obrigação de fazer muito mais do que nós dois fizemos.

Parabéns e felicidades.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço de fim de ano dos Oficiais-Generais da Marinha, Exército e Aeronáutica

Clube Naval – Brasília, 11 de dezembro de 2007

Excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República,
Senhor Nelson Jobim, ministro da Defesa,
Senhor Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

Almirante Júlio Soares de Moura Neto, comandante da Marinha,
General Enzo Martins Peri, comandante do Exército,
Brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,
Senhores oficiais-generais,
Senhores e senhoras,
Meus amigos e minhas amigas,

Este almoço anual com oficiais-generais, o quinto de que participo, é uma ocasião em que podemos estreitar ainda mais nossos laços, trocar experiências, avaliar as conquistas durante o ano que se encerra e compartilhar expectativas e projetos para o futuro.

Nossas Forças Armadas cumprem com esmero a missão constitucional de defender a soberania do Brasil e vêm tendo um papel cada vez mais destacado na principal das nossas batalhas: aquela travada contra a desigualdade, a fome e a injustiça social. Marinha, Exército e Força Aérea prestam serviços a milhões de brasileiros e brasileiras que vivem nas mais remotas áreas, muitas vezes em graves condições sociais, levando-lhes ajuda emergencial, segurança, conforto e saúde. É por esse motivo que suas bases, quartéis, destacamentos, navios, aviões e outros equipamentos espalhados



pelo Brasil tornaram-se referências e pontos seguros de apoio para nossa população. Em áreas com baixíssima densidade demográfica, e onde serviços públicos básicos ainda não conseguiram chegar, as Forças Armadas são verdadeiras pontas-de-lança do Estado brasileiro, garantindo o exercício dos direitos e levando cidadania às populações.

Igualmente importante vem sendo a contribuição das Forças Armadas para as mais diferentes frentes de desenvolvimento, nas quais o Brasil está empenhado. É o caso, por exemplo, das obras conduzidas pelo Exército brasileiro em parceria com vários Ministérios. As estradas, ferrovias, pontes, viadutos, aeroportos e portos construídos pelos batalhões de engenharia configuram uma infra-estrutura essencial para o presente e o futuro do nosso País.

Já a Marinha do Brasil vem conduzindo de forma exemplar as pesquisas no que se refere à energia nuclear, em especial, à nossa capacidade de produzir em solo nacional o combustível nuclear. A Força Aérea Brasileira está, entre outras tarefas, ampliando cada vez mais seu olhar de vigilância e solidariedade sobre o nosso gigantesco território e tem contribuído, em muito, com o desenvolvimento de soluções para a proteção de nossas riquezas naturais.

Com ações como essas, e para dar apenas alguns exemplos, as Forças Armadas honram e orgulham a todos os brasileiros e reforçam a nossa convicção de que, para se pensar estrategicamente o futuro do País, devemos também pensar estrategicamente o papel de nossas Forças Armadas.

A política de defesa, como vimos, é também política de pesquisa e tecnologia, é política energética e ambiental, é política de infra-estrutura. E justamente por ter tantas interfaces com o desenvolvimento sustentado pelo qual todos nós tanto nos empenhamos, a defesa precisa ser tratada, em sua integralidade, com consistência e visão de futuro.

Como os senhores sabem, tais motivos me levaram a determinar aos



ministros Nelson Jobim e Mangabeira Unger, em conjunto com os três comandantes das Forças Armadas, a realização dos estudos necessários para que o Brasil possa ter um plano estratégico de defesa que trate o tema com a amplitude e a atenção que ele merece. Tal plano, que deverá estar pronto em setembro de 2008, contribuirá em muito para o fortalecimento e a modernização da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. E estou certo de que os oficiais-generais têm muito a contribuir, junto aos seus comandantes, na elaboração deste plano.

Senhores oficiais-generais,

Meus amigos e minhas amigas,

O idealismo e o patriotismo dos homens e mulheres de nossas Forças Armadas geraram, nos últimos anos, um conjunto de realizações que tem contribuído para melhorar a qualidade de vida de nossa população, ao mesmo tempo em que garante mais segurança e soberania à Pátria. Tenho certeza de que essas realizações ganharão cada vez maior impulso. O governo federal mantém o compromisso de buscar todas as condições possíveis para, progressivamente, possibilitar os investimentos necessários à manutenção e modernização da Marinha, do Exército e da Aeronáutica.

Quero, portanto, renovar os meus votos de reconhecimento e de confiança na Marinha do Brasil, no Exército Brasileiro e na Força Aérea Brasileira. Certamente, juntos estamos construindo um Brasil melhor, mais justo e mais soberano.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu fiquei pensando se deveria ler o meu discurso ou deveria dizer alguma coisa a mais do que eu aprendi nesses cinco anos na Presidência da República. Em primeiro lugar, é importante não perdermos de vista que o Brasil de 2007 é infinitamente diferente do Brasil que nós pegamos em 2003. Em 2003, nós tínhamos um Brasil de incertezas, nós tínhamos um Brasil sem crédito, nós tínhamos um Brasil com muito desemprego, nós tínhamos um



Brasil com pouca política social, e nós tínhamos um Brasil que já tinha, na verdade, perdido a esperança de se tornar uma grande nação.

Nesses cinco anos, com o trabalho que todos nós conseguimos juntos realizar, o Brasil termina o ano de 2007 podendo garantir, a todos vocês e ao povo brasileiro, que o Brasil de hoje é um país melhor, mais seguro, com mais empregos, com mais renda, com mais credibilidade, com mais inserção internacional e com muito mais perspectiva de futuro.

Desde pequeno, eu aprendi que... minha mãe dizia: “em uma casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Eu me lembro do primeiro Orçamento que nós fizemos, de 2003 para 2004. Orçamento que, ao ser enviado para a Câmara dos Deputados, todos os ministros – sem distinção, da Defesa ao Ministério da Pesca – estavam descontentes, porque o Orçamento não permitia que eles sequer pudessem cumprir, num horizonte bem reduzido, aquilo que eles tinham pensado em realizar no Ministério. Quantas brigas nós tivemos. E é importante que os nossos oficiais-generais e o Nelson Jobim, que está muito novo no governo, saibam – o José Alencar já conhece – como é difícil fazer uma reunião com um ministro pedindo 30, 40 milhões a mais, e você não ter esse dinheiro para dar. Muito mais difícil é o Congresso aprovar o Orçamento e o governo ter que cortar 10, 15 ou 20 bilhões daquele Orçamento.

Pois bem, hoje nós vivemos uma situação de maior tranquilidade. O PIB do País cresceu, o Orçamento cresceu, a fatia que cabe a cada Ministério também cresceu. E a tendência natural, por tudo que nós vislumbramos para os próximos anos, é que a economia continue crescendo. A economia crescendo vai gerar mais empregos; mais empregos vão gerar muito mais renda; mais renda vai gerar mais consumidores; mais consumidores pagarão impostos; o governo arrecada mais e, portanto, pode começar a saldar dívidas históricas que foram contraídas neste País.

Uma das dívidas, além das muitas que nós temos com o povo brasileiro,



é com as Forças Armadas brasileiras. Durante décadas... os senhores, possivelmente, no começo dos anos 90 ou no final dos anos 80 eram muito jovens ainda, não sei se acompanhavam... mas o dado concreto é que as Forças Armadas passaram quase três décadas reduzindo aquilo que tinha sido construído ao longo de tantas e tantas décadas e ao longo de séculos. E passou a reduzir por quê? Porque houve um tempo em que se criou uma cultura neste País de que o Brasil não precisaria das Forças Armadas. Quando se falava no orçamento das Forças Armadas, havia quem dissesse que não precisava tanto, que era preciso fazer tal coisa. Quando se falava em aumento, diziam a mesma coisa, sem perguntar quanto ganha um soldado neste País, um soldado que, Deus queira, a gente nunca tenha guerra para não precisar tê-lo em combate. Mas certamente, quando precisarmos, é ele que estará 24 horas do dia para defender o restante da sociedade brasileira.

Recuperar esse patrimônio que foi construído ao longo de séculos significa priorizar, e priorizar significa começar a tratar, nas discussões orçamentárias, daquilo que nós precisamos fazer: como é que estão os nossos navios, como é que estão os nossos tanques, como é que estão os nossos aviões? É até uma vergonha, um país do tamanho do Brasil ter um avião presidencial chamado “sucatão”. Eu acho que isso chega quase a ser falta de respeito com a nossa auto-estima.

Portanto, o ministro Nelson Jobim recebeu a incumbência, junto com o ministro Mangabeira e com os três comandantes, de trabalhar para que a gente possa apresentar à sociedade brasileira uma programação, um plano de recuperação das nossas Forças Armadas, passando pela recuperação da nossa indústria de defesa. Eu não conheço país nenhum do mundo, que queira ser respeitado, que não tenha Forças Armadas altamente equipadas e altamente preparadas. Ninguém respeita um país que não se respeita.

E nós temos confiança de que isso tem que ser feito com muita urgência, até porque o Brasil mudou de patamar, o Brasil mudou de padrão. O



Brasil, hoje, é um país que tem uma importância extraordinária no G-20, que tem como parceiros estratégicos a Índia, a China, a África do Sul, o México, a Argentina. O Brasil, hoje, é um país determinante nas discussões da Organização Mundial do Comércio. O Brasil está reivindicando, com toda a força dos seus pulmões, que nós não apenas queremos mudar as Nações Unidas, mas queremos democratizar o Conselho de Segurança da ONU, porque ele não pode mais continuar representando o que era o mundo 60 anos atrás. E não pedimos licença a ninguém, nos juntamos com o Japão, com a Índia e com a Alemanha para reivindicar o direito de os continentes estarem melhor representados e o Brasil ser membro permanente, porque temos o que falar na ONU e temos o que falar ao restante do mundo.

Estamos propondo, nos países da América do Sul, a criação de um Conselho de Defesa da América do Sul, para que a gente possa estreitar ainda mais a já boa relação que as Forças Armadas brasileiras têm com as Forças Armadas dos mais diferentes países da América do Sul e da América Latina.

A nossa presença no Haiti é motivo e símbolo de orgulho, de como um país pode ter Forças Armadas de paz sem truculência, sem serem desrespeitadas pelos cidadãos daquele país e tratadas com um carinho muito grande.

Esses dias eu vi um documentário sobre as nossas Forças Armadas no Haiti. Ou seja, a molecada, na favela, trata o nosso soldado como se fosse um irmão mais velho, como se fosse um companheiro, ao passo que a experiência histórica tem demonstrado que muitas vezes essas forças de paz, na verdade, se transformam em forças de ocupação, sem nenhum diálogo com a sociedade, amedrontando o conjunto da sociedade.

O momento em que nós estamos vivendo hoje é o momento que me permite dizer a vocês, neste almoço de confraternização: finalmente, o Brasil encontrou o seu caminho.

Por isso é que nós fizemos o PAC da Ciência e Tecnologia. Serão 42



bilhões de reais investidos em ciência e tecnologia, em pesquisa, até 2010. É por isso que nós determinamos que vamos terminar toda a nossa experiência de enriquecimento de urânio e, se Deus quiser, este País terá um submarino nuclear, porque é uma necessidade de um país que tem não apenas a costa marítima que nós temos mas, agora, nós temos uma riqueza em petróleo, descoberta recentemente, na camada pré-sal, que permite que a gente possa ser mais ousado.

Eu fico lembrando quantas críticas os nossos adversários ou países fizeram quando este País aprovou as 200 milhas marítimas. Se nós não tivéssemos aprovado as 200 milhas marítimas, na década de 70, certamente teria uma disputa por esse petróleo, que nós não saberíamos a dimensão de onde iríamos chegar.

Por isso, meus amigos e minhas amigas, meus queridos companheiros, eu queria dizer para vocês que o Brasil vai ter um 2008 muito melhor do que teve em 2007. Certamente esse (falha na gravação) ...forte que nós tivemos, em infra-estrutura, no governo Geisel. De lá para cá, não tivemos mais.

Pois bem, este País só será grande se seus dirigentes forem grandes. Este País só terá uma Força Armada preparada se seus comandantes forem bem preparados. E, aqui, eu quero dizer uma coisa que é motivo de orgulho: neste mês de dezembro eu já fui a Agulhas Negras; já fui à Escola Naval; já fui a Natal, na formatura das nossas primeiras mulheres pilotos deste País, e vou sábado lá na Força Aérea, na formatura da Força Aérea.

Eu queria dizer para vocês que seria importante que mais brasileiros pudessem ver o que eu vi em Agulhas Negras, o que eu vi na Escola Naval e o que eu vi na Base Aérea de Natal: jovens, meninas e meninos com um orgulho e com uma consciência do que representa a Pátria, com uma formação disciplinar e com uma força tão extraordinária para defender este País, que cada vez que eu fico assistindo o desfile, meu caro Enzo, meu caro Moura e meu caro Saito, eu fico pensando: se mais brasileiros pudessem ter a formação



que aqueles meninos e aquelas meninas tiveram, se mais brasileiros pudessem ter apenas um pouco daquela formação... porque todos nós sabemos que não é possível a gente construir uma nação forte sem o princípio da hierarquia e da disciplina, sem o amor à Pátria. E aquela meninada é a certeza de que vale a pena a gente investir nas nossas Forças Armadas, porque os frutos que nós iremos colher serão infinitamente mais bem-formados do que os frutos que nós temos hoje, graças à seriedade, à objetividade e à perspectiva de futuro.

Com essas palavras, eu quero desejar a todos vocês feliz Natal e feliz Ano Novo. Se quando eu cheguei aqui, no primeiro almoço, nós éramos um ajuntamento de estranhos, hoje eu posso dizer: nós somos um ajuntamento de brasileiros e de companheiros. Feliz 2008 para todos vocês.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do Encontro Empresarial Brasil-Venezuela e de assinatura de atos

Caracas-Venezuela, 13 de dezembro de 2007

Amigo e companheiro, presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez,

Senhores ministros da Venezuela e demais integrantes do governo da Venezuela,

Companheiros ministros brasileiros, que me acompanham nessa delegação,

Meu caro governador Roberto Requião, do estado do Paraná, que vou deixar uma semana aqui para atormentar um pouco o Chávez,

Companheiros e amigos empresários da Venezuela,

Companheiros e amigos empresários brasileiros – está aqui a nossa Presidente da Suframa, está aqui o nosso Presidente do Sebrae,

Quero cumprimentar o Embaixador da Venezuela no Brasil e o Embaixador do Brasil na Venezuela,

Quero cumprimentar os amigos da imprensa, sempre “muy amigos”,

Quero dizer a todos vocês que esta é, para mim, uma reunião que coroa um desejo, eu diria, quase um sonho construído por dois presidentes. Fizemos uma primeira reunião de empresários em Recife, no estado de Pernambuco – penso que em 2003 ou 2004. E, naquele tempo, nós não conseguíamos juntar tantos empresários assim nem no Brasil e talvez também não na Venezuela, e eu fiquei decepcionado. Mas muitas vezes conversei com o meu amigo Chávez e dizia para ele que era necessário aproveitar este bom momento que vive a América do Sul, este bom momento que vive a Venezuela, este bom momento



que vive o Brasil, que vive a Argentina, que vive o Chile, que vive o Uruguai, o Paraguai, a Bolívia, o Equador. Nós estamos vivendo um momento singular no nosso continente.

Eu sei que como um mandato é sempre menor do que nós gostaríamos que fosse, e infinitamente maior do que a oposição queria que fosse, muitas vezes nós ficamos inquietos porque tomamos decisões e essas decisões não andam com a pressa que nós gostaríamos que elas andassem. Afinal de contas, eu prometi nunca mais criticar a burocracia do meu País, que eu acho extremamente competente. Mas o problema é que a máquina pública do Estado é infinita, é definitiva, e os governantes são muito passageiros. Então, o tempo e a pressa política não são acompanhados pelo tempo com que a máquina administrativa pensa as coisas.

Mas o momento, que é o melhor de muitas décadas no nosso continente... eu penso que, há muito tempo, a Venezuela não vivia o momento que vive hoje, exercitando a democracia na sua plenitude, o povo pobre tendo acesso a tomar café de manhã, almoçar e jantar, o povo pobre começa a ter acesso a consumo, começa a ter acesso a crédito, e isso está acontecendo em quase todos os países, senão em todos. É uma novidade, uma novidade extraordinária porque neste continente, durante muito tempo, a decisão era governar apenas para 30% da população e não para a totalidade da população.

Pois bem, eu acredito que se a gente analisar a relação entre Venezuela e Brasil... eu conheci Chávez em 1992, se não me falha a memória, em Cuba, no encontro do fóro de São Paulo. Ah, em Salvador? El Salvador. Depois já encontrei Chávez como presidente da República da Venezuela, sempre muito amigo. Todas as vezes que tinha uma visita a um presidente do Brasil, ele fazia questão de nos receber, de conversar conosco. Eu ganhei a Presidência do Brasil. Antes era só Chávez; depois passou a ser Chávez e Lula; depois Chávez, Lula e Kirchner; depois Chávez, Lula, Kirchner e Nicanor Duarte; depois Tabaré; depois Gutiérrez, no Equador, que logo se afastou. E agora



somos o maior número de governantes com compromissos com o povo pobre que a América do Sul já elegeu em toda a sua história.

E o que me inquietava desde o começo? Era que Brasil e Venezuela tinham uma balança comercial da ordem de 400 ou 500 milhões de dólares no final de 2002, e hoje nós temos quase 5 bilhões de dólares de balança comercial, com um problema: o superávit brasileiro é muito grande. E a boa política internacional não é aquela em que apenas um vende e o outro compra, é aquela em que os dois vendem e os dois compram.

E eu dizia ao presidente Chávez: eu tenho uma preocupação, como presidente do Brasil, um país que é a maior economia da América do Sul, um país com potencial empresarial importante, com uma boa base tecnológica, com uma boa base intelectual, ou seja, o Brasil precisaria dar a sua contribuição, com o conhecimento dos seus empresários, dos nossos empresários na agricultura, para que a Venezuela possa aproveitar este momento extraordinário. Hoje o petróleo aumentou 4 dólares outra vez, por Deus, o Brasil é auto-suficiente em petróleo, ainda não estamos na OPEP, mas estamos próximos, quem sabe nos próximos anos.

Há tempo estávamos pensando em construir um evento como este. Na última vez que encontrei o presidente Chávez, em Manaus, eu dizia: nós precisamos melhorar a relação entre Venezuela e Brasil, as nossas reuniões não podem ser ocasionais. É muita reunião: Unasul, Mercosul, ONU, e, de vez em quando, a gente se encontra, conversa meia hora, 15 minutos. É preciso profissionalizar a relação Venezuela-Brasil. E tomamos a decisão de fazermos quatro reuniões por ano: duas na Venezuela e duas no Brasil. Essa é a primeira delas.

Pedi aos meus ministros que trabalhassem, que trouxessem aqui empresários brasileiros importantes, dos mais diferentes setores, para que as pessoas viessem com a idéia e o compromisso de fazerem parcerias com empresários da Venezuela, de pensarem em fazer investimentos aqui na



Venezuela, descubrirem nichos de oportunidades, para que a gente possa, com esses investimentos, não só contribuir para industrializar a Venezuela, mas também para que criássemos equilíbrio na nossa relação comercial.

Porque também, do ponto de vista do Brasil – e essa é a minha concepção –, não adianta um país só crescer e, em torno de si, os outros países não conseguirem crescer. É preciso que a gente cresça junto, porque crescendo todos juntos nós iremos perceber que temos muito mais similaridades entre nós nas oportunidades do que em tempo de miséria, em tempo de asfixia econômica, como já vivemos. Quem não lembra o que era os nossos países há 15 ou 20 anos atrás?

Pois bem, meu caro amigo e presidente Chávez, essa reunião concluiu alguns acordos importantes. Agora também tomamos a decisão de que vamos ter um emissário do Chávez e um emissário meu, um comissário, cuidando desses acordos, para que esses acordos saiam do papel, ultrapassem os obstáculos e as barreiras colocadas à sua frente. Porque senão o nosso discurso de integração da América do Sul vai ficando debilitado, porque as pessoas querem saber qual é o resultado concreto que tantas reuniões produzem. É preciso materializar isso, não apenas no fortalecimento da relação pessoal entre o Presidente da Venezuela e o Presidente do Brasil, porque a nossa amizade será eterna, mas a relação do Estado venezuelano com o Estado brasileiro é que precisa ser sólida, é que precisa criar confiança e credibilidade nas duas sociedades e aos olhos do mundo.

Por isso nós hoje referendamos, aqui, aquela decisão nossa em Isla Margarita sobre o Conselho de Energia. Há um problema energético no mundo e há um problema energético na nossa América do Sul. Então, é preciso fazer um levantamento criterioso, sério, que permita – meu caro Ramirez e meu caro José Sérgio Gabrielli, Petrobras e PDVSA, mais os nossos ministros – quantificar o nosso potencial energético na área de petróleo, na área de gás, mas também quantificar o potencial hídrico na construção de energia elétrica



porque, com linhas de transmissão, nós poderemos transportar energia para os países que têm mais problema de energia. Nós vivemos num mundo dividido pela Linha do Equador, e as chuvas se dão em momentos diferenciados nos nossos países e, portanto, nós poderemos, com linhas de transmissão, transferir a energia para aqueles países que estiverem mais fragilizados, e também levantar outros tipos de produção de energia: energia nuclear, energia eólica, biomassa. Há muita coisa para que os nossos especialistas se aprofundem, estudem, e que nós tenhamos, Ramirez e presidente Chávez, uma prateleira de projetos, de alternativas porque, afinal de contas, acabamos de firmar a ata criando o Banco do Sul. Portanto, esse banco vai ter dinheiro e eu espero que tenha o suficiente para que possamos financiar as necessidades integracionistas que tanto nós precisamos, ajudar a Bolívia a dar um salto de qualidade.

E são exatamente... É muito difícil, presidente Chávez, e eu acho que estamos conseguindo agora convencer muita gente no meu País, de que o Brasil tem que pagar o preço de ser a maior economia, de ser o país mais industrializado. E pagar o preço é compreender que ele tem que estar sempre disposto a estender a mão aos países de economia mais frágil, que precisam se desenvolver. A Venezuela tem que pagar o preço de ter esse potencial de petróleo e gás e utilizar os recursos para também ajudar esses países menores a se desenvolver; a Argentina tem que pagar o preço de ser uma economia forte e, juntos, nós ajudarmos os menores, os mais frágeis a se transformarem em países sólidos, em países com possibilidade de desenvolvimento.

Não adianta o empresariado brasileiro ficar olhando o Paraguai sem fazer nada para o Paraguai, e acusando o Paraguai. O Brasil precisa compreender que ele tem obrigação de ajudar o Paraguai a se desenvolver, de ajudar o Uruguai a se desenvolver. Muitas empresas nossas poderiam se instalar nesses países e ajudar, porque não adianta nada apenas uma economia crescer e as outras ficarem pobres. Vamos pegar o exemplo da



União Européia. Por que se investe tanto dinheiro na Europa Oriental, nos países recém-entrados na União Européia? É porque, se não for assim, os pobres invadirão os países ricos atrás de empregos, atrás de oportunidades. Foi assim que foi feito com a Grécia, com a Espanha, com Portugal, e nós temos que ter a obrigação de estender a mão aos países que podem menos, e ajudá-los a crescer junto conosco neste, que eu reputo, presidente Chávez, o melhor momento da América do Sul.

Nós descobrimos uma coisa importante. Se olharmos o que acontecia nos nossos países e no nosso continente há dez ou 15 anos, nós não nos olhávamos. A Venezuela olhava para os Estados Unidos, nem lembrava que existia o Brasil; o Brasil “mirava” os Estados Unidos e a União Européia; a Argentina “mirava” a Europa e os Estados Unidos; o Chile, os Estados Unidos, ou seja, nós éramos como se fosse um grupo de amigos nos tratando como inimigos, nos tratando até, do ponto de vista político. Possivelmente a doutrina militar nos países era vender a idéia de que o imperialismo brasileiro poderia ocupar a América do Sul. Eu não me esqueço nunca, Chávez, de quando o Brasil tomou a decisão de construir Itaipu. Naquela época, os militares argentinos que governavam a Argentina nos ameaçaram com a construção da bomba atômica, porque acharam que Itaipu era para inundar Buenos Aires.

Quantas mistificações e quantas coisas não foram colocadas na cabeça do nosso povo, para nos dividir, para nos colocar como adversários? Afinal de contas, os nossos militares faziam curso não era aqui na Venezuela, e nem vocês no Brasil, ia todo mundo fazer curso me parece que ali, perto do Panamá, onde as Forças Armadas americanas davam curso. Então, era uma doutrina permanente que na política a gente costuma dizer: dividir para reinar. Ou seja, eu crio divergência entre esses meninos da América do Sul e todo mundo fica dependendo de nós. Eu acho que nós descobrimos que nós somos muito mais do que jamais foi imaginado.

Eu lembro que quando o Brasil tomou a decisão de se voltar para a



América do Sul, não pensem que no Brasil as pessoas gostaram, muita gente não gostou, muitas coisas foram escritas contra o governo. Hoje, a maior balança comercial do Brasil é com a América Latina, em apenas cinco anos.

Quando me voltei para a África, aí era um desastre: “O que que o Brasil tem que fazer com a África? Eles não têm poder de compra, eles são muito pobres. Tem que mirar a Europa”. Artigos e mais artigos, Chávez: “Tem que mirar os Estados Unidos”. Porque é aquela história das pessoas que só querem vender, quando nós precisamos fazer dessa política uma via de duas mãos.

Hoje, depois de criar o G-20, nós colocamos a América do Sul num cenário político que eu penso que em poucos momentos da nossa história nós tivemos. Não há divergência que possa criar qualquer implicação entre a visão que temos da necessidade da nossa integração. Cometemos erros? Cometemos. Às vezes divergimos? Também divergimos. Mas nenhuma divergência que possa permitir que nós deixemos de enxergar a razão pela qual nós fomos eleitos. E fomos eleitos porque despertamos esperança na parte mais humilde dos nossos países. E ao longo do tempo, vamos ganhando a confiança de outros segmentos da sociedade, de empresários que querem participar, que querem investir, que querem contribuir.

Eu fico imaginando, Chávez, como deve ter sido difícil, se dependesse apenas de alguns artigos que se lê na imprensa, no nosso continente, a convocação dos empresários para virem à Venezuela. Depois de tudo o que dizem de ti, o “tomador de empresas”, “el tomador de empresas”, quem é que vai para a Venezuela colocar um dinheirinho lá, para investir?

Entretanto, escute a palavra do Ministro da Indústria: é uma... talvez só tenhamos feito igual na China, ou seja, é uma das mais importantes delegações empresariais brasileiras dos últimos tempos. Numa demonstração de que as pessoas, Chávez, estão querendo discutir com maior seriedade. As pessoas já não acreditam tanto em insinuações, as pessoas querem saber se



tem projetos concretos, se tem oportunidades concretas para fazer investimento. E eu poderia citar três ou quatro empresários brasileiros que estão aqui há muito tempo, trabalhando, produzindo, gerando empregos, gerando parcerias. E é isso que nós precisamos construir.

Domingo eu vou para a Bolívia e vamos com o mesmo objetivo, Chávez: tentar discutir com o Evo Morales a construção de um Pólo Gás-Químico na divisa Brasil-Bolívia, a construção de uma hidrelétrica binacional no Rio Madeira, entre Brasil e Bolívia. A Petrobras finalmente decidiu fazer os investimentos que nunca deveria ter deixado de fazer na Bolívia.

Eu também compreendo quando um presidente de um país mais pobre faz os discursos mais eloqüentes na reunião do Mercosul, ou na Unasul. Faz um discurso eloqüente culpando os países maiores, culpando as nossas empresas. Nós temos que entender, temos que compreender que a vida é assim: as pessoas estão procurando, na verdade, que a gente partilhe com eles alguma coisa. E é normal que o maior seja acusado de imperialista. Nós não podemos fazer disso uma divergência política.

Quando o Evo Morales resolveu nacionalizar o gás, tentaram criar uma celeuma, os empresários brasileiros se lembram, entre eu e Evo Morales. E eu não conseguia conceber como é que o presidente do Brasil ia divergir, sendo ele um metalúrgico, de um presidente boliviano, sendo ele o índio Evo Morales. Seria o fim do mundo a gente ter uma divergência, quando eu entendia que o gás era da Bolívia e que ele tinha o direito de fazer aquilo.

Portanto, hoje, estamos numa relação, eu diria, muito mais apurada e queremos contribuir. Esse é o papel que está reservado ao Brasil e é um apelo que eu faço aos empresários brasileiros. Na hora em que a gente puder contribuir e fazer alguma parceria, alguma coisa junto com os empresários desses países mais pobres, nós temos que fazer, porque somente assim o nosso continente, que é um continente que, durante séculos, foi empobrecido, pode se desenvolver com distribuição de renda e com justiça social.



Por isso, Chávez, para mim, é gratificante saber que os empresários brasileiros vieram para cá discutir, aprender sobre a Venezuela, ensinar as experiências brasileiras, aprender com as experiências de vocês, ver quais são as oportunidades de negócio que nós podemos ter aqui e o que poderemos fazer. Para mim é gratificante saber que as pessoas estão dispostas a compreender que a integração da América do Sul não é mais discurso dos presidentes em campanhas eleitorais e que não é mais protocolo de intenções assinado pelos presidentes. Ela começa a se tornar realidade, quando a gente vê as pessoas que contribuem com a produção de riquezas começarem a se visitar, a se conhecer. Eu sei da tua inquietação também com a questão agrícola, porque a segurança alimentar é um dos pilares da soberania de um país e, portanto, todo país precisa ser auto-suficiente na produção de 99% das coisas que nós consumimos. E as pessoas não podem deixar de compreender, sobretudo os meus companheiros brasileiros, que nessa área o Brasil pode contribuir de forma extraordinária.

Por isso a minha gratificação, Chávez, pela Embrapa montar um escritório aqui, montar sua oficina para passar o conhecimento – que durante 30 anos revolucionou a agricultura brasileira – para os empresários e para criar oportunidades aqui na Venezuela. De forma, meu caro amigo, que você anuncia PDVSA e Petrobras. Não conte tudo, apenas a parte boa.

Eu penso, Chávez, que na próxima reunião em março, no Brasil, nós vamos avançar um pouco mais, na outra que fizermos aqui, talvez em agosto, devemos avançar um pouco mais. E eu penso que nós vamos criar uma cultura de relação entre os dois povos que, quando os presidentes falharem, o próprio povo nos cobrará.

Eu quero agradecer, mais uma vez, o carinho com que você sempre nos recebe aqui. Quero agradecer aos empresários brasileiros por essa confiança de que é possível construir muita coisa na nossa América do Sul. Quero agradecer aos empresários da Venezuela, que se disponham, não se



preocupem, muitas vezes, apenas com as divergências políticas. Muitas vezes as divergências políticas, muitas vezes o barulho que nós fazemos, não implica nos investimentos que nós temos que fazer neste país. É preciso acreditar – Chávez e Lula, empresários brasileiros e empresários venezuelanos – que se nós não aproveitarmos este momento histórico que estamos vivendo, de plena paz, de plena democracia, de crescimento econômico, nós passaremos para a história como os fracassados que não consolidaram a integração da América do Sul. Nós temos a chance, com os avanços tecnológicos, com a conquista e com a cabeça que nós temos hoje, de fazer aquilo que era o sonho de tantos mártires que, há mais de 200 anos, morreram sem conseguir fazer.

Eu tenho mais três anos de mandato, Chávez, você tem cinco anos. Portanto, o segundo mandato, três anos, vale mais do que os quatro do primeiro porque a gente tem mais experiência, o governo está mais preparado. E eu quero fazer, nesses próximos três anos, tudo aquilo que não foi possível fazer no primeiro mandato e um pouco mais, para que o meu sucessor tenha que trabalhar menos do que eu na política de integração.

Muito obrigado, companheiro Chávez, e muito obrigado a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do novo Ford KA**

São Bernardo do Campo - SP, 14 de dezembro de 2007

Meu caro... Não se fala de futebol, hoje, aqui, por favor. Deixem os corintianos sofrerem as amarguras do rebaixamento, por favor.

Mas companheiro governador do estado de São Paulo, José Serra, a quem de público eu quero fazer um agradecimento pelo empenho que teve em tentar convencer os senadores da República de que não era possível tirar 40 bilhões de reais do orçamento de uma hora para outra.

Meu caro companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Ministros Nelson Jobim, da Defesa, Luiz Marinho, da Previdência, e Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Deputados federais Devanir Ribeiro, Ricardo Berzoini e nosso companheiro Vicentinho,

Senhoras deputadas e deputados estaduais,

Meu caro prefeito de São Bernardo, William Dib, a quem eu quero cumprimentar porque o Ministério da Educação acaba de comprar um terreno, aqui, em São Bernardo do Campo, onde nós vamos fazer um campi avançado da Universidade Tecnológica do ABC, para colocar uns 10 mil alunos estudando aqui.

Meu caro Dominique DiMarco, presidente da Ford América do Sul, México e Canadá,

Meu caro Marcos de Oliveira, presidente da Ford Brasil e Mercosul,

Meu caro Rogélio Golfarb, diretor de Assuntos Corporativos da Ford para América do Sul,

Meu caro Benedito Porfírio, presidente da Abradif,



Meu companheiros de muitas lutas, Jorge Lopez Feijoó, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Meu companheiro Teonílio Monteiro da Costa, coordenador-geral do comitê central da empresa,

Senhor Benedito Porfírio, presidente da Associação dos Distribuidores da Ford,

Minhas queridas e meus queridos amigos e companheiros trabalhadores e trabalhadoras da Ford,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu, toda vez que entro numa indústria automobilística aqui no ABC, fico imaginando, sempre recordando o tempo em que vivi na porta dessas fábricas. Os bem mais velhos se lembram que a gente já vinha aqui no tempo que não se chamava Ford (falha na gravação) do Brasil, faz tempo. Eu poderia não dizer, isso porque as pessoas percebem que nós estamos ficando velhos. Mas a sensação de prazer e a emoção que eu sinto é a mesma de quando eu tinha 23 anos de idade e vinha na porta desta fábrica. Aqui, nós vivemos momentos memoráveis e momentos de muito sofrimento.

Disse bem o Feijoó: “Não tem nada mais triste e de maior angústia na vida de um dirigente sindical quando ele vem na porta da fábrica tentar fazer discurso contra as dispensas que são feitas, às vezes aos milhares”. E nós sabemos o que significa um trabalhador voltar para casa e dizer para a mulher e para os filhos que perdeu o emprego. Graças a Deus, estamos vivendo um outro momento. Um momento em que o Brasil se encontra consigo mesmo. Durante décadas, nós vivíamos aqui em São Bernardo do Campo, todo ano, correndo atrás do decréscimo do número de oferta de empregos oferecidos nas fábricas do ABC. Foram muitos anos. Em 92, o companheiro Vicentinho, o Marinho e o pessoal do Sindicato fizeram a primeira proposta na Câmara



Setorial do Setor Automobilístico, fizeram um acordo com o governador de São Paulo, fizeram acordo com as empresas e nós retomamos, um pouco, o crescimento da geração de empregos. Mas voltamos outra vez a ter problema na geração de empregos. Hoje, estamos vivendo um momento, eu diria, excepcional.

E queria recordar aqui, quando o Teonílio disse do espetáculo do crescimento, que isso foi dito por mim aqui na Ford. Se não me falha a memória, em agosto de 2003. E veja a ironia do destino, ministro Nelson Jobim, diretores da Ford. Quando eu falei aqui, em agosto, do espetáculo do crescimento, eu fui achincalhado durante um ano e não ouvi ninguém fazer pelo menos uma linha de autocrítica para reconhecer que o PIB de 2007 foi de 5,7%, portanto, o maior de muitos anos. E por que eu citei aqui, na Ford, presidente Arlindo Chinaglia, o espetáculo do crescimento? Porque antes de eu vir para cá, eu tinha tido uma reunião com o Palocci e com o Meirelles, e eles me mostravam os números da economia e me garantiam que 2004 seria um ano excepcional. É só pegarem todos os números de 2004 que vamos ver que foram números excepcionais na economia brasileira, no crescimento de emprego, no crescimento da indústria, no crescimento do PIB e no crescimento da massa salarial.

O que aconteceu em 2005? Primeiro, em 2005, nós tivemos um problema sério de uma cultura brasileira inflacionária. Graças a Deus, os empresários estão aprendendo que, também, controlar a inflação é da responsabilidade de todo mundo e não apenas do Presidente da República. Por conta da preocupação da retomada do crescimento da inflação, e por conta de uma crise política que nós vivemos – uma crise política profunda, em que muita gente achava que era possível tirar o Lula da Presidência. Esse fato nunca pode ser negado porque faz parte da história brasileira –, nós tivemos um 2005 muito ruim, amargo, amargo para mim e amargo para vocês. Até que vocês se levantaram e começaram a publicar uns adesivos espalhados por



este País, dizendo “mexeu com o Lula, mexeu comigo”, e parece que isso acalmou os ânimos de algumas figuras que falam tanto em democracia, mas não aceitam com facilidade a alternância de poder. Sobretudo quando aquele que está no poder representa uma classe social que, historicamente, não tem acesso ao poder.

Eu estava olhando vocês ali, enquanto falavam aqui os oradores, e eu falei para o Arlindo: eu estou com vontade de me beliscar ou descer até aí para beliscar (inaudível). Eu não sei se vocês já pararam para atentar que tudo começou aqui nas portas da indústria automobilística, e depois de 20 anos, com derrotas e vitórias, um de vocês, que durante 27 anos trabalhou com um macacão, chegou à Presidência da República deste País. Portanto, qualquer um de vocês pode ser... acabar com essa história de que só pode governar o município, o estado ou o Brasil aqueles que tiveram oportunidades que os outros não tiveram. Isso nós temos que ter claro: as possibilidades estão abertas para todos nós.

E hoje nós vivemos um momento que, há muitos anos, vocês não viviam. Até o final deste mês, a produção do ano será 14% maior do que a de 2006, com a marca de 2 milhões e 970 mil carros produzidos neste País. O número de carros vendidos chegará a 2 milhões e 450 mil, o que significa um crescimento, em relação ao ano passado, de 27%. A receita das vendas externas aumentará 7,4% sobre os 12 bilhões e 100 milhões de dólares que foram registrados no ano passado. No segmento de caminhões, 2007 deve fechar com o maior número de licenciamentos dos últimos 30 anos neste País. Até novembro foram registrados 89 mil e 400 novos caminhões, um crescimento de 29,7% sobre o período de janeiro a novembro do ano passado. E se a indústria automobilística atender aquilo por que eu venho brigando, já há alguns meses, de que nós precisamos aumentar o número de prestações para que o motorista autônomo possa comprar um caminhão, nós vamos produzir mais caminhões do que em qualquer momento da história da indústria



automobilística brasileira. E aí, o terceiro turno será consequência natural.

Vejam vocês, o governador José Serra perguntou se o carro era bom e disse que ia recomendar para a prima dele comprar um. Mas se ele for mais generoso e comprar um de presente para a mulher dele, já são dois. Nesta época de Natal, todo mundo fica mais generoso, Serra. Logo, logo, virá o terceiro turno. Uma coisa que vocês têm que perceber é que durante 20 anos, neste País, nós vivemos um drama. Primeiro, nós decidíamos fortalecer o mercado interno, e a gente matava o mercado externo. No ano seguinte, a gente decidia fortalecer o mercado externo, e matava o mercado interno. O que está acontecendo hoje? O mercado externo está crescendo e o mercado interno está “bombando”. Por que está “bombando”? Porque a indústria automobilística compreendeu que se a gente ficasse atendendo apenas aquele setor da classe média que, historicamente, pode comprar um carro, a gente iria ter os pátios cheios de carros, como aconteceu durante décadas aqui, na indústria automobilística.

Na hora em que a indústria automobilística descobriu que o povo trabalhador deste País, a classe média baixa, que não pode trocar de carro todos os anos e não pode comprar um carro à vista, não está preocupada com o valor total do carro, mas sim se a prestação cabe dentro do holerite dele, aí ele compra o carro, e não quer trocar todos os anos, não. O que ele quer é cuidar do carro com carinho, porque tem três coisas que um trabalhador gosta: uma casa, casar com uma mulher bonita e ter um carro bom, três coisas importantes. Serra, há um tipo de companheiro que compra carro e dedica ao carro uma exclusividade de sábado, que é lavar o carro dele, lubrificar, passar perfume. Somente depois é que ele se lembra da mulher e da família, mas ele cuida do carro com um carinho especial.

De outubro para novembro, a indústria automobilística nacional abriu 1.015 postos de trabalho, acompanhando a marcha crescente da produção. Novembro terminou com 120 mil postos ocupados na indústria, o que significa



um crescimento de 12,1% na geração de empregos deste País. A geração de empregos formais na indústria automobilística brasileira, entre janeiro e outubro de 2007, é a melhor dos últimos sete anos. Esses são os dados do Caged. No período, foram criados 37.424 novos empregos na indústria automobilística brasileira. Isso demonstra, meus companheiros e companheiras, que nós nos encontramos. A indústria prevê, para 2008, aumentar a produção para 3 milhões e 240 mil veículos, número próximo à capacidade total, que é de 3 milhões e 500 mil.

Então, não se assustem se, já no ano que vem, a Ford resolver abrir vagas para um segundo turno aqui. Não tenho dúvida disso, porque a indústria automobilística vai continuar vendendo. A sociedade brasileira tem mais crédito, a sociedade brasileira tem... Há quantos anos o Marinho foi presidente do Sindicato, Vicentinho foi presidente do Sindicato, Guiba foi presidente do Sindicato? Quantos anos nós fizemos acordos aqui sem ganhar um centavo de aumento real? Quem não se lembra da greve de 1980? Quarenta e um dias de greve, e nós voltamos a trabalhar sem nada. Nesses últimos quatro anos, em todos os acordos que vocês fizeram teve aumento real de salário. Os sindicatos se prepararam melhor, a indústria se recuperou, a indústria está compatibilizando exportação com importação, e é verdade o que disse o governador aqui. Eu estou otimista porque, para aumentar a capacidade produtiva, as montadoras já me comunicaram que estão prevendo um aumento de até 10 bilhões de reais nos próximos três anos.

Então, eu quero agradecer à direção mundial da Ford e à direção brasileira da Ford por terem tomado a decisão sábia de fazer este novo carro, projetado no Brasil por brasileiros, fabricado por brasileiros, que será comprado por brasileiros e será guiado por brasileiros. Essa é a maior demonstração de confiança que vocês estão tendo no Brasil. Também quero dizer que é importante que o governador José Serra renove a política de incentivos, porque logo, logo, o ministro Miguel Jorge vai anunciar – nos próximos dias – uma



política industrial no País, em que a gente está prevendo transformar o Brasil também numa plataforma de exportação, para que a gente possa ocupar um espaço de maior destaque no mundo.

Mas, de tudo mesmo, o que eu desejo é chegar um dia aqui na porta da Ford e perceber que cada um de vocês pôde comprar o carrinho que vocês produziram, o carro que vocês fabricaram com carinho. Vocês não podem ficar vendo apenas os outros comprarem, passar na via Anchieta e falar “aquele carro fui eu que fabriquei”, e estar no ponto de ônibus com a mulher. Deus queira que a gente consiga, um dia, fazer com que todo trabalhador possa consumir aquele produto que ele produziu.

No mais, meus companheiros e minhas companheiras, a Ford, até 2011, prevê investir mais 2 bilhões e 200 milhões de reais no Brasil. Acho que a economia brasileira, definitivamente, entrou num ciclo duradouro de crescimento. Não pensem que o Presidente da República ficou... porque os senadores votaram contra a CPMF, que vai haver alguma medida, do governo, de irresponsabilidade. Nós vamos manter o superávit primário, nós vamos continuar com a política fiscal séria, nós vamos arrumar um jeito de fazer as coisas acontecerem neste País, o PAC vai continuar. Se alguém votou contra, achando que aquilo poderia prejudicar o Presidente, eles poderiam saber duas coisas: primeiro, o Presidente não é mais candidato; segundo, eles prejudicaram o próximo presidente da República; e terceiro, alguém vai ter que responder por que a Saúde deixou de receber 24 bilhões de reais a mais, ou por que a Saúde vai deixar de receber, a partir de 2010, mais 80 bilhões. Certamente, as pessoas que votaram contra não usam o SUS. Se usassem o SUS, elas não votariam contra.

Muito obrigado, parabéns, feliz Natal, feliz Ano Novo, e que Deus permita que 2008 seja melhor do que 2007. Um abraço.



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de entrega de espadas aos aspirantes da Academia da Força Aérea

Pirassununga - SP, 14 de dezembro de 2007

No final de novembro, participei da solenidade de declaração dos aspirantes da Academia Militar das Agulhas Negras. Na semana passada, estive na formatura dos guardas-marinha na Escola Naval. Hoje, estou aqui presidindo esta sessão de encerramento dos cursos da Academia da Força Aérea. Sinto-me feliz e orgulhoso por ter participado, diretamente, do encerramento do ciclo acadêmico de formação dos nossos oficiais, presenciando, assim, a sua inserção profissional nas Forças Armadas.

Quero dizer aos aspirantes da turma Sirius que compartilho da emoção de seus familiares, colegas e amigos, que estão vibrando com o sucesso de todos vocês. Não é difícil imaginar os sacrifícios exigidos de toda a turma e de cada um, em particular, nesses anos de formação. Aqui vocês aprenderam a cultivar a disciplina e a hierarquia; aqui viveram momentos de muita tensão, seguidos de momentos de intensa realização profissional. Superaram obstáculos, venceram o cansaço, a dor, perderam muitas horas de sono, mas os objetivos foram conquistados. Esta Academia os transformou em verdadeiras águias humanas, jovens combatentes que saberão escrever seus nomes na história da Força Aérea Brasileira. Todos estão de parabéns.

Quero, também, deixar os meus cumprimentos pelo acerto na escolha do patrono da turma. Que os exemplos de vida pessoal e profissional deixados pelo Marechal-do-Ar Armando Figueira Trompowsky de Almeida iluminem suas carreiras. Aos aspirantes das nações amigas, quero dizer que o Brasil se sente honrado em participar da formação profissional dos senhores. Espero que tenham colhido os ensinamentos necessários, que tenham feito muitos amigos



aqui na Academia da Força Aérea, que esses laços de amizade se estreitem ao longo de suas carreiras, e que a amizade supere a distância física. Retornem a seus países – Angola, Bolívia, Paraguai e Peru – confiantes e orgulhosos da difícil vitória conquistada.

Aos brasileiros e brasileiras, quero lembrar que, a partir de hoje, vocês irão exercer missões em todo o território nacional, viverão novos desafios, assumirão novas responsabilidades. A manutenção da soberania do nosso espaço aéreo exigirá muito de cada um de vocês. Tenho a certeza de que são privilegiados. O ministro Jobim e o brigadeiro Saito estão empenhados na preparação de uma Força Aérea moderna e compatível com a estatura político-estratégica de nosso País. Queremos o espaço aéreo brasileiro controlado e defendido, com equipamentos e aeronaves de última geração.

Aspirantes da turma Sirius, reitero meus cumprimentos pela vitória alcançada. Desejo muito sucesso nas novas e desafiadoras missões que a Força Aérea reserva para cada um dos seus jovens pilotos, intendentess e infantess. Parabéns e sejam felizes.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Agência da Previdência Social de Benefício por Incapacidade – APS/BI

São Paulo-SP, 14 de dezembro de 2007

Eu só não estou mais feliz porque o Corinthians não me ajuda.

Bem, eu quero começar cumprimentando o nosso querido companheiro, presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia, médico, companheiro muito envolvido com a Previdência no Brasil. E dizer, Arlindo, que você pode... O Arlindo tem que se retirar porque ele tem um médico marcado agora. Médico não se consulta, médico vai em médico. Casa de ferreiro, espeto de pau. Tchau, boa consulta.

Quero cumprimentar o meu companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,

O nosso querido ministro da Defesa, ministro Nelson Jobim,

O nosso ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge,

O nosso querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Os deputados que trabalham para ajudar a melhorar a Previdência, Arnaldo Faria de Sá, Ricardo Berzoini, que foi ministro da Previdência, e Ricardo Izar,

Meu caro prefeito Gilberto Kassab,

Meu caro Marco Antônio de Oliveira, presidente do INSS,

Senhora Elisete Berchiol da Silva, gerente regional do INSS,

Senhor Jorge Wagner de Oliveira Monarca, gerente executivo do INSS em São Paulo-Centro,

Senhor Aurélio Antônio Miotto, chefe da Agência da Previdência Social de Benefício por Incapacidade,



Meu caro companheiro Antonio Neto, presidente da CGTB,
Companheiros dirigentes sindicais – eu estou vendo aqui um monte deles, de todas as centrais sindicais,

Companheiros representantes das entidades dos aposentados brasileiros,

Meus amigos funcionários do INSS, funcionários do Serpro,

Companheiros lecionistas, que quando nós entramos no Brasil era uma categoria em extinção, porque teve um tempo que vocês fizeram uma greve, em vez de tentar fazer um acordo, preferiram extinguir a categoria e terceirizar, que era mais fácil. E isso nos levou a prejuízos enormes no atendimento do nosso povo.

Apenas uns dados aqui, porque toda vez que eu vou fazer um discurso por escrito, a gente pede as informações para o Ministro da Previdência e para o Presidente do INSS, ou para o ministro da área. E eles mandam todos os números mas, depois, eles utilizam os números nos discursos deles e o meu discurso fica superado, no tempo, na informação e no espaço.

Mas, apenas uma coisa importante que eu queria dizer para vocês. O companheiro Marinho já tinha herdado do ministro Nelson, do Nelson Machado, a responsabilidade de nós agilizarmos o máximo possível o bom atendimento ao segurado da Previdência Social. Porque aqui todo mundo sabe que quem procura um médico, e o médico não está apto a nos atender, ou fica aquela espera de quatro ou cinco meses, se a gente não estava doente, fica doente, porque termina procurando um psicólogo.

E, depois, nós enfrentamos um outro problema. Quando você começa a colocar a máquina para funcionar, você começa a perceber que pessoas que estão já há algum tempo recebendo benefício por incapacidade, ao constatarem que estão bons não aceitam estar bons. É uma coisa fantástica! Tudo o que a gente quer na vida é os médicos dizerem que a gente está bom.



Já pensou que notícia bonita? Uma pessoa vai num hospital, uma mulher, estou vendo a dona do Carmo, aqui, vou falar dela. Uma mulher vai fazer um exame de câncer de mama, tudo o que ela quer na vida, por mais sofrido que seja o exame é, ao terminar, o médico falar: “Minha filha, você não tem nada, está boa”.

No caso de determinados benefícios, as pessoas preferem não estarem bons. E eu compreendo. Um País que ficou 26 anos sem a economia crescer, um País que ficou, só no setor da construção civil, mais de 20 anos só desempregando, e à medida que a pessoa está recebendo um benefício e ele não vislumbra a possibilidade de ter um emprego quando ele for tido como apto ao trabalho, ele entra em desespero. É preciso compreender, Marinho. Porque você tem um malandro... Nada melhor do que um cidadão que não está doente receber auxílio-doença e não pegar alta. É tudo que a gente deseja. Mas como quem paga a Previdência é o povo trabalhador, é justo que só recebam os benefícios as pessoas que tiverem realmente problema, porque aí você garante que o sistema possa funcionar para o resto da vida.

Então eu penso, Marinho, que é só compreender para a gente não fazer julgamento precipitado. Eu, durante, Marinho... você ainda não estava no Sindicato, antes de você chegar no Sindicato, eu comecei a minha vida sindical cuidando do Departamento de Previdência Social. Foi lá, inclusive, que eu conheci a Marisa, ela foi procurar um atestado de vida e eu vi, lá, uma viuvinha bonita, eu falei: “Vou dar o atestado de vida e vou, aqui, pedi-la em namoro”. Isso é verdade mesmo. Eu trabalhava no Departamento de Previdência Social, no Sindicato e tinha um advogado que trabalhava comigo, o Luizinho – nem sei se ele está mais no Sindicato. E eu falava assim... Eu cuidava das viúvas que iam lá procurar atestado de vida, cuidava de habite-se, cuidava de uma série de documentos que naquele tempo exigiam, não sei se exigem tudo isso hoje ainda. Eu disse para o Luizinho: “Olhe, se aparecer uma viuvinha bonita aqui, você me fala.” Porque eu era o chefe do Departamento e era justo que eu



atendesse. Aí, um dia, ele falou assim para mim: “Oh, Lula, tem uma lourinha aí bonita”. Eu conto isso sempre, eu não vou contar agora não. Foi muito... Então eu trabalhei. E eu conheci companheiro que, no desespero, chegou a se internar em hospital psiquiátrico, chegou a aceitar tomar “sossega leão” para receber salário da Previdência Social. Então, tem todo tipo de gente.

Qual é o problema que nós estamos enfrentando agora? O problema... Eu conheço um cidadão que deu uma surra num agente da agência, lá em São Bernardo do Campo, porque foi num médico perito, por coincidência o médico perito era o dr. Nelson Rosseti, que vocês conheceram, que era médico do nosso sindicato, médico do Palmeiras, padrinho de casamento do Luis Pereira. Ele deu alta para um cidadão. O cidadão falou: “Eu não vou pegar alta”. Entrou na sala do agente e deu uma surra nele, rasgou o paletó, quebrou mesa, cadeira, rasgou documento e voltou para a perícia, estava doente. Na verdade, era um pouco de medo.

Bem, e depois nós começamos a ver nos jornais, quando nós resolvemos contratar perito – e vamos contratar mais, pode ficar certo de que vai ter mais concurso para funcionário, mais para perito. Então, começamos a perceber que o perito, Miguel Jorge, quando ele dá alta, às vezes, o cidadão fica nervoso. Nós tivemos caso de cidadão que matou o perito na rua, que matou médica, dois já. Depois que colocamos detectores de metais, já pegamos cinco pessoas que vieram armadas para fazer perícia. E o perito ou a perita está dentro de uma sala, de um ambulatório médico, com um cidadão, sozinho, se estiver armado e violento, ele pode agredir o médico ou a médica, pode matar, pode fazer qualquer coisa.

Então, esta agência aqui, não sei se vocês perceberam, ela tem uma situação toda especial, não só para dar conforto ao assegurado que vier aqui, mas para dar conforto e segurança aos médicos e as médicas que forem atender às pessoas. Você quando vier aqui, Marcílio, nós vamos olhar para ver como é que você está, se você está armado ou não. No fundo, no fundo, nós



precisamos conscientizar a sociedade brasileira, num momento em que a economia começa a melhorar, começa a gerar emprego. Eu acho que o exemplo do Leandro, aqui, foi extraordinário. O Leandro é um menino que estava recebendo benefício por incapacidade, ou seja, recebeu alta e vai começar a trabalhar segunda-feira na sua empresa. O primeiro paciente atendido aqui foi este Leandro, Marinho. Corintiano também, como eu.

Então, veja, até agora, tinham sido inauguradas seis agências da Previdência Social de Benefícios por Incapacidade. No Rio de Janeiro: no Centro, Copacabana, Campos dos Goitacazes, São Gonçalo. Uma em Porto Alegre, outra em Salvador. Ao todo foram investidos 8 milhões e 100 mil reais. Essas unidades juntas terão uma capacidade mensal de atendimento de 91 mil perícias médicas. Até o primeiro semestre de 2008, estão previstas mais cinco inaugurações de agências desse tipo. Serão duas agências em Minas Gerais: Belo Horizonte e Juiz de Fora; outras duas no Rio de Janeiro: Zona Norte e Duque de Caxias e uma em Vitória, no Espírito Santo. É isso? Você não citou isso aqui.

Atualmente as agências da Previdência Social, em sua configuração tradicional, atendem em média 2 milhões e 800 mil segurados por mês em todo território nacional. Elas dão entradas a cerca de 660 mil requerimentos por mês, dos quais mais de 361 mil são de benefícios por incapacidade. Para ter acesso a esses benefícios, os segurados têm de fazer perícia médica. Só na capital de São Paulo são atendidas em média – você já disse isso, mas eu vou repetir, porque eu vi que a imprensa não estava prestando atenção quando você estava falando – só na capital de São Paulo são atendidas em média 712 mil e 800 segurados por mês. Das 300 mil perícias realizadas no estado, 80 mil são feitas só aqui na capital. E aqui vai fazer 40, é isso? Sem fila, marcando pelo 135.

Bom, para melhorar o atendimento, a Previdência está realizando amplas reformas nas agências – isso aqui o já Marinho já falou, não vou repetir



– o governo está também ampliando o quadro dos servidores públicos para ocupar as vagas dos que morreram, se aposentaram ou mudaram de emprego. Em 2007, 250 novos peritos médicos aprovados em concurso no passado foram contratados. Além disso, foi autorizado o concurso para mais duas mil contratações e o INSS prevê efetuar outras seis mil, até 2011.

Bem, companheiros, eu não vou falar da Previdência Social. Eu vou apenas dizer o seguinte: nós temos a obrigação, Marco Antônio, nós temos a obrigação... O nosso mandato termina dia 31 de dezembro de 2010. Portanto, nós temos a obrigação, ao terminar o nosso mandato de ter como referência a visão que o segurado da Previdência Social passa a ter da mudança que aconteceu no sistema da Previdência Social.

O que mais me incomodava, com o ministro Nelson, era quando eu ligava a televisão de manhã, de noite, aquele bando de gente na fila, no INSS, 3 horas da manhã, 4 horas da manhã. Eu dizia para o Nelson: “Bota os funcionários para trabalhar 24 horas por dia, faz 3 turnos, faz 4 turnos, faz qualquer coisa, mas não é possível!”. E aí detectou-se, Marcílio, que metade das pessoas que iam para as filas iam pedir informações que não precisava ir para a fila. No Brasil, também, nós fomos acostumados a ir para a fila, e tudo vai ficando normal.

Nós criamos o 135. O 135, as informações que eu tenho é que tem melhorado bastante o atendimento. A Internet tem melhorado bastante. E a idéia nossa é, até chegar ao fim do nosso mandato, a gente ter essa coisa da Previdência bem regularizada, as agências funcionando corretamente, o número de peritos funcionando corretamente, os funcionários funcionando corretamente.

Nós sabemos que é preciso acabar com essa mania que se vende todo santo dia, que os funcionários públicos federais ganham bem, e que não sei das quantas. Na verdade, quase todos ganham mal. O que eu lamento é que às vezes eu apanho da imprensa todo dia, porque: “Lula está contratando mais



gente, o Lula está inchando a máquina”. E vocês não fazem uma passeata dizendo: contrata mais, contrata mais.

Por quê? Porque, veja, se a gente quiser melhorar as agências e dar condições de trabalho como esta, tem que contratar mais gente. Se a gente quiser melhorar o atendimento médico para os doentes, tem que ter mais gente. Se a gente quiser dar um bom atendimento no balcão, tem que ter mais gente. Ora, como é que é possível você melhorar as coisas, se você não contrata mais?

Eu estava pensando, Miguel Jorge: nós vamos chegar em 2010 com 214 escolas técnicas profissionais a mais no Brasil. Nós encontramos 140, vamos deixar 354 escolas técnicas profissionais. Vamos deixar 10 universidades federais novas. Vamos deixar 48 campi novos por todo o País. Como é possível você fazer isso, se você não contratar mais professores, contratar mais técnicos administrativos, contratar... Não tem solução.

Então, muitas vezes, nós contratamos e apanhamos. Eu vejo matéria: “Lula incha a máquina. Governo quer gastar mais. Governo dá aumento”. Fala que o nosso pessoal ganha bem. E, aí, a empresa privada contrata um cidadão nosso, que ganha 5 mil, contrata por 20. Um tempo desses, tinha um funcionário da Petrobras que ganhava 26 mil reais. Eu achava que ele era um daqueles “marajás” que disseram na década de 80. Aí esse cidadão, que eu pensava que ganhava muito, vai no meu gabinete e fala: “Presidente, eu vou ter que sair da Petrobras”. Foi contratado por uma empresa privada para ganhar 200 mil por mês, com dois anos pagos adiantado. Aí ele não é marajá, aí ele é eficiente, aí ele é competente.

Eu acho que nós temos ainda muita coisa para fazer, Marco Antônio, Marinho. E eu acho que nós precisamos trabalhar. Nós temos três anos, aprendemos muito nos primeiros três anos. E acho que nós temos condições de fazer, agora, muito mais, em três anos, do que fizemos em quatro. E em todas as áreas do governo é preciso melhorar o funcionamento da máquina. Eu



acho que os trabalhadores, aos poucos, à medida que vai crescendo o número de empregos, não sei se o Marinho falou, não ouvi, mas este ano, até outubro, nós criamos 1 milhão, 822 mil empregos. Eu não gosto de dizer isso, mas é mais do que todos os empregos criados entre 1994 e 1998, até outubro.

E a tendência natural é crescer mais o ano que vem, porque no ano que vem, o PAC começa a funcionar. Só na área de urbanização de favelas são 40 bilhões de reais. Não pensem que eu vou mexer nisso porque derrubaram a CPMF, não, vai continuar mexendo. Habitação. Nós temos 106 bilhões de reais, até 2010, fora o dinheiro financiado pelo sistema financeiro privado.

E eu acho que as coisas vão acontecer, porque todo mundo percebe que há um clima melhor na sociedade, há um grau de confiança. Acabei de vir da Ford, agora. Eu passei a minha vida na Ford, ou como dirigente sindical ou como assistente imediato dos dirigentes sindicais que vieram depois de mim: Meneguelli, Vicentinho, Giba e Marinho, e o Feijoó agora. Eu passei 20 anos da minha vida indo na porta da empresa chorar pelo desemprego. Chorar! Eu fiz as maiores greves deste País, nunca ganhamos um centavo de aumento real de salário. Quando eu pegava a metade da inflação, já voltava para casa para tomar cerveja satisfeito. Agora faz quatro anos que esses meninos todos, 86% dos sindicalistas brasileiros, fazem acordo com aumento real de salário, em todas as categorias.

Aqui me desculpem os companheiros sindicalistas, viu, Artur? Se um companheiro fizer acordo, agora, por menos que a inflação, é porque também os pelegos não acabaram ainda, não é, gente? Ainda tem. Desculpem-me, mas à medida que a economia está crescendo, é importante que a classe trabalhadora retire a sua parcela.

E vou dizer para vocês: no setor público também. Ou seja, a verdade é essa: na casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão. Mas na hora que a economia começa a se ajustar, a arrecadação começa a melhorar, ora, nós também temos que fazer a nossa parte: remunerar melhor



os nossos servidores para que a gente possa exigir o trabalho deles. Porque a gente paga mal, a gente finge que paga, o funcionário finge que trabalha. Ninguém cobra ninguém? Não, é melhor pagar corretamente para a gente poder cobrar e as pessoas executarem.

Eu quero, Marinho, te dar os parabéns por esta agência. Acho que os peritos, aqui, vão ter segurança. Espero que vocês nunca precisem apertar nenhuma campainha, Deus queira que os segurados façam todos como o Leandro, aceitem tranqüilamente e pacificamente o resultado: Olha, você está bom, volte a trabalhar, não sei das quantas”.

Quero desejar a todos os funcionários, aos companheiros sindicalistas, que eu não verei mais até o dia 1º de janeiro, um Feliz Natal, um Feliz Ano Novo. E comunicar a vocês que eu sou mais corintiano hoje do que era ontem, quando a gente estava na primeira divisão.

Um grande abraço e que Deus abençoe vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos**

La Paz - Bolívia, 17 de dezembro de 2007

Companheiro e amigo Evo Morales, presidente da República da Bolívia,
Caro companheiro e amigo Álvaro García Linera, vice-presidente da
República da Bolívia,

Senhoras e senhores ministros da Bolívia,

Meus amigos e minhas amigas da imprensa,

Começo minhas palavras agradecendo a hospitalidade do presidente Evo Morales e do povo boliviano, e a honrosa homenagem que me prestaram La Paz e El Alto, ao me declararem hóspede ilustre. Vim a La Paz trazer uma mensagem de solidariedade, para reafirmar a disposição do Brasil de contribuir para que a Bolívia encontre o caminho da estabilidade e do desenvolvimento econômico e social para avançar numa ampla agenda de trabalho que resultará em benefícios para todos os irmãos bolivianos.

Venho com a fundada esperança de que o povo boliviano saberá resolver as dificuldades atuais com serenidade, por meio do diálogo e do entendimento, com respeito à democracia, às instituições e à integridade nacional, de forma conciliadora e pacífica.

A paz e o desenvolvimento são indissociáveis. É ilusório pensar que se consegue manter a estabilidade política sem reformas que implantem uma verdadeira justiça social. Da mesma forma, não se logra desenvolvimento em clima de conflito.

Brasil e Bolívia têm longa história de amizade e de entendimento. A parceria estratégica na área energética, que completou mais de dez anos, estreitou nossos vínculos bilaterais, em benefício de ambas as partes. Os



fluxos comerciais e os investimentos aumentaram significativamente.

As diferenças de opiniões e de visões são próprias da democracia. Daí a importância do diálogo e da negociação. Estamos conseguindo acomodar nossas diferenças. Vamos iniciar uma nova etapa nas relações, com investimentos, cooperação e ações conjuntas que propiciem novo salto de qualidade em nossas relações.

Na área energética, vimos aqui o acordo firmado com a Petrobras para continuar fazendo investimento na exploração e produção de gás e petróleo. A Petrobras também chegou a um acordo com a YPF para aprofundar estudos sobre novos campos, onde as duas empresas poderão atuar em associação. A estatal brasileira também acertou iniciar programa de formação para técnicos de sua contraparte boliviana, contribuição fundamental para o fortalecimento e expansão da nova YPF. Nossas duas petroleiras também estão ultimando pontos pendentes em relação ao pagamento dos líquidos presentes no gás vendido ao Brasil, e isso significará importantes recursos anuais adicionais para a Bolívia. Como sempre, é preciso encontrar um equilíbrio que seja aceitável para as duas partes.

Outro tema com grande potencial de benefícios para a Bolívia e para o Brasil é o do pólo gás-químico, projeto que corresponde ao desejo boliviano de agregar valor ao gás natural. Sei do interesse boliviano em diversificar a matriz energética. Estamos dispostos a cooperar no desenvolvimento do potencial hidrelétrico.

Senhoras e senhores,

Em atendimento a pedido direto do presidente Evo Morales, terei hoje o prazer de vistoriar alguns dos 399 tratores brasileiros que vamos financiar, em condições concessionais, aprovadas especialmente para a Bolívia; tratores que ajudarão a modernizar o campo e a abrir novas oportunidades produtivas. Estamos finalizando discussões para financiar ambiciosos projetos de construção de estradas e pontes aqui na Bolívia.



Nossos colaboradores acordaram em usar o Convênio de Crédito Recíproco da Aladi, e os instrumentos disponíveis no BNDES e no Proex, para construir uma fórmula que permitirá à Bolívia financiar, a longo prazo e sem risco, obras de infra-estrutura vitais para as conexões internas e para o processo de integração com os seus vizinhos. Essas obras irão se somar ao corredor interoceânico que o presidente Morales e eu anunciamos ontem, juntamente com a presidente Bachelet, e à construção da ponte sobre o rio Rapiirã, que o estado do Acre vai erguer. O Brasil também financiará a construção da ponte que unirá Guajará-Mirim e Guayaramerín.

De janeiro a outubro de 2007, as trocas bilaterais aumentaram mais de 35% em relação ao mesmo período de 2006. A Bolívia vendeu 1 bilhão e 200 milhões, contra 702 milhões do Brasil. Estamos dispostos a aumentar e a diversificar ainda mais nosso comércio e, sobretudo, as exportações bolivianas para o Brasil. Concedemos 100% de margem de preferência a todos os produtos bolivianos, e estamos resolvendo dificuldades e barreiras não-tarifárias. Esse tem sido o objetivo da Comissão de Monitoramento de Comércio que se reuniu, pela última vez, no início de dezembro aqui em La Paz. Com o propósito de criar novos negócios, convidei importantes representantes do setor privado brasileiro a integrarem minha comitiva. Também devemos trabalhar juntos nas áreas de defesa e combate a ilícitos transnacionais, como o narcotráfico.

Minhas amigas e meus amigos,

É importante que os progressos nas relações bilaterais tenham um impacto positivo direto no dia-a-dia das pessoas. Por isso, assinamos acordo de cooperação relativo ao combate à fome e à pobreza, à luta contra a febre aftosa, à gestão pública florestal e à creditação no ensino superior. As relações entre Brasil e Bolívia também estão sendo construídas por trabalhadores imigrantes. Na sua maioria, esses bolivianos no Brasil e brasileiros na Bolívia, são pessoas humildes, que saíram de suas terras em busca de um futuro



melhor. Devemos a eles nossos melhores esforços em termos de regularização migratória. Precisamos garantir-lhes tratamento digno. Conversei sobre isso com o presidente Morales e expressei minha expectativa de que possamos avançar nesse campo.

Tampouco podemos desprezar a contribuição que empresários industriais e agrícolas podem dar, sempre no estrito respeito à lei e à soberania de cada um de nossos países. Com objetivo muito semelhante, manifestei o desejo de que possamos concluir, no mais breve prazo possível, as negociações relativas à criação de agrovilas que beneficiarão bolivianos e trabalhadores brasileiros radicados na Bolívia.

Meu caro presidente Evo Morales,

Volto para o Brasil ainda mais convencido de que o diálogo e a perseverança são os nossos melhores aliados. Aos que pregaram o distanciamento e o esfriamento em nossas relações, respondemos com uma agenda renovada. Aos que defenderam o enfrentamento, respondemos com a cooperação. Estou certo de que Bolívia e Brasil serão parceiros no objetivo mais amplo da integração sul-americana. Estamos destinados a isso, não somente pela geografia mas, sobretudo, pela amizade entre nossos povos.

Meu caro amigo Evo Morales,

Eu deveria ter começado dizendo as palavras que vou dizer agora. Esta reunião que fizemos aqui em La Paz, os acordos que produzimos, certamente mudarão o patamar das relações entre Bolívia e Brasil. Acredito, Evo, que nós estamos vivendo um momento, na América do Sul, que nos obriga a refletir, muito mais do que em qualquer outro momento histórico, sobre o papel que temos quando assumimos o governo. Hoje, diferentemente das décadas de 50 ou 60, a palavra integração não é mais uma retórica em discurso de campanha eleitoral. Ela é necessária para que possamos fazer a integração das nossas economias, das nossas culturas, das nossas políticas e da nossa gente.

Há muito tempo estamos convencidos de que a integração pressupõe



estradas, ferrovias, portos, telecomunicações, educação e ajuda mútua entre os países. Sobretudo para um país como o Brasil – e tem sido uma briga histórica que temos feito no Brasil –, sobretudo o Brasil precisa compreender, como a Argentina precisa compreender, como Venezuela precisa compreender que os países maiores e mais ricos precisam resolver os problemas das assimetrias entre as nações. O Brasil tem milhares de quilômetros de fronteira com a Bolívia, o Brasil tem mais condições econômicas, o Brasil tem mais condições tecnológicas. Ora, para o povo boliviano, sobretudo o povo mais humilde, não existe outra expectativa senão a de que o discurso da integração seja transformado numa política cotidiana de solidariedade, de ajuda naquilo que for possível ajudar. Não interessa a uma nação rica estar cercada de pobres por todos os lados.

Vamos mirar o exemplo da União Européia. Quantos bilhões de dólares, hoje euros, foram gastos para ajudar Espanha, Portugal e Grécia? Quantos bilhões de euros estão sendo gastos neste momento para ajudar os países da Europa Oriental, que são mais pobres que os da Europa Ocidental? E por que estão fazendo isso? Porque não é saudável, do ponto de vista político, não é saudável, do ponto de vista econômico, ter uma nação rica como os Estados Unidos e um agrupamento de nações pobres como as nações da América Central (inaudível). É importante que a riqueza produzida e os conhecimentos adquiridos sejam partilhados de forma mais solidária.

Esse momento que estamos vivendo hoje, companheiro Evo, não poderia ter acontecido antes. Tem coisas que acontecem no dia em que tem que acontecer. Eu sou um homem que crê em Deus, e as coisas só acontecem quando Ele quer que aconteçam. Eu penso, Evo, que os acordos que acabamos de firmar hoje aqui, resultado do sacrifício dos nossos assessores, dos nossos empresários, dos nossos ministros, e a disposição política sua e minha de fazer, estão dizendo o seguinte: Evo Morales e Lula, presidentes da Bolívia e do Brasil, finalmente vocês não brigaram, quando alguns queriam que



vocês brigassem. Não viramos adversários e, muito menos, inimigos. Viramos companheiros.

Todos nós, a partir do dia de hoje, Evo, não temos o direito de esquecer este dia. As comissões que nós criamos para negociar, os ministros das Relações Exteriores da Bolívia e do Brasil... Já convidei o vice-presidente para em janeiro estar no Brasil, para que a gente possa descobrir todas as coisas possíveis de serem acordadas, em todas as áreas, para que a gente recupere, nesses próximos três anos que eu tenho pela frente, e fazer aquilo que não fizemos nos últimos dez anos.

Quero que saiba, companheiro, que a minha disposição é total, a do meu governo é total. Evo, nesses momentos de conturbação política que eu vivi muito tempo no Brasil, se eu pudesse te dar um conselho, sem me intrometer na política da Bolívia: paciência, paciência e paciência porque, certamente, o povo boliviano, na sua grandeza, saberá ditar os rumos que vão consolidar a democracia no nosso continente.

Que Deus te abençoe e que Deus abençoe o povo boliviano.

Obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de abertura da reunião de chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados

Montevideu - Uruguai, 18 de dezembro de 2007

(falha na gravação) ...vira e mexe, nas reuniões do Mercosul, nós criticamos a nossa burocracia e, às vezes, passamos a idéia de que os presidentes não têm culpa do que acontece no Mercosul.

O Mercosul é como se fosse um filho que nós colocamos no mundo e, ao mesmo tempo, somos tão exigentes com esse filho que, muitas vezes, não vemos nenhuma beleza nele, só vemos coisas feias. E ficamos achando que fora de nós existem outras coisas que poderiam facilitar a vida dos países que compõem o Mercosul.

Dentro dos nossos países, dentro dos nossos governos, dentro da nossa burocracia, ainda tem muita gente que não assimila o Mercosul. Tem muita gente que adoraria ter acordo apenas com a União Européia, porque só tem países ricos, ou com os Estados Unidos.

Bem, eu acho que é importante fazer a seguinte avaliação: poderíamos pegar o tempo que nós tivemos para trás para avaliar o que acontecia conosco antes de nós, que estamos aqui, entrarmos no governo. O Chávez é o decano da nossa turma, eu sou o segundo decano do Mercosul e, nesses cinco anos de experiência, vamos ver o que aconteceu. Na primeira reunião que eu fiz, como presidente do Mercosul, o Mercosul era tido como uma instituição falida, uma instituição que nem atendia aquilo para a qual foi criada. Essa foi, Cristina, a minha primeira reunião no Mercosul. Todos os presidentes que falaram, se queixaram do Mercosul.

Vamos ver o que aconteceu nesses cinco anos. Nós integramos o Mercosul com um fluxo comercial, e eu posso falar do Brasil. O fluxo comercial



do Brasil com o Mercosul era de 10 bilhões de dólares em 2003. Hoje o fluxo, entre importação e exportação, soma quase 24 bilhões de dólares, ou seja, nós crescemos 14 bilhões de dólares.

O importante é que nós estamos percebendo que para alguns países a situação tem mudado, e mudado para melhor. Poderíamos pegar o caso do nosso anfitrião, o Uruguai. No ano passado, tivemos uma balança comercial, com o Brasil, de 500 milhões de dólares – de exportação do Uruguai para o Brasil – e nesses dez meses de 2007 já chega a 800 milhões de dólares. E pode melhorar muito mais, se nós resolvermos alguns problemas que discutimos em todas as reuniões. Passa a Presidência Pro Tempore do Lula, do Tabaré, do Nicanor, e o tema continua. Os ministros da Fazenda se reuniram ontem e decidiram resolver o problema das assimetrias entre os países que compõem o Mercosul, ou seja, acabar com a dupla tributação. Esse é um passo extremamente importante.

Eu só queria chamar a atenção dos presidentes para o seguinte: se nós, presidentes, não colocarmos isso como tarefa – a Cristina assume a Presidência Pro Tempore –, se não colocarmos um ou dois temas como prioridade um a ser resolvida pelos presidentes, pode ser que daqui a seis meses estejamos discutindo outra vez as assimetrias.

Bem, se há disposição e concordância dos ministros da Fazenda em levar esse tema a sério, acho que nós deveríamos fazer um cronograma para que a gente pudesse resolver definitivamente essa questão das assimetrias, mexendo com essa coisa chamada bitributação, que tem sido a queixa de todos os presidentes. Então, vamos resolver esse assunto. Vamos colocar isso na mesa dos presidentes. Quando os nossos técnicos tiverem divergências, não deixem essas divergências demorarem três, quatro ou cinco meses. Coloquem na mesma semana, para que os presidentes decidam.

Nós tivemos duas experiências, nesta semana, que eu queria contar para vocês, que eu acho ricas. Chávez e eu decidimos, há três anos, construir



uma refinaria no Brasil e fazer uma parceria na Venezuela. Bem, já lançamos a pedra fundamental, já fizemos uma festa, já fizemos discursos e marquei para o dia 10, na Venezuela, para firmar o contrato da refinaria. Quando chegamos lá, nem PDVSA e nem Petrobras estavam de acordo. Precisamos chamar a PDVSA e a Petrobras, e decidimos que eles tinham que cumprir. Cumprimos a metade. Falta a outra metade, que vamos resolver em março, numa reunião que vamos ter no Brasil.

Ontem, na Bolívia, a mesma coisa. Estamos numa disputa, numa briga, e depois o que nós descobrimos? Quando você coloca dois técnicos importantes, de empresas importantes, discutindo, o tempo da política não é o tempo do técnico. A impressão que se tem é que eles defendem a empresa com mais amor do que a gente defende, como se nós não quiséssemos nada com a empresa.

Ontem, depois de mandar todo mundo para a Bolívia dois dias antes, na hora em que se vai para a reunião oficial, não tem acordo. Por que não tem acordo? Porque YPF e Petrobras não se colocaram de acordo. Como na Venezuela, Evo e eu chamamos as duas empresas e, em dez minutos, chegamos a um acordo e firmamos o acordo.

Então, essa questão da TEC, nós precisamos colocar como prioridade. É uma tarefa, Cristina, que nos próximos meses essa questão da bitributação estará resolvida no nosso meio, para não ter mais problemas. Vamos discutir outro assunto. Nós temos um problema sério, que são os investimentos das economias mais volumosas nos países de economia menor. Ou nós nos convencemos de que é preciso que Argentina e Brasil, neste momento, comecem a pensar como a gente pode incentivar investimentos das nossas economias nos outros países, ou nós teremos problemas eternos no Mercosul.

Eu, então, queria reconhecer que nós já fizemos muita coisa. Eu acho que nós avançamos muito. Obviamente que nós vivemos os problemas internos de cada país, as disputas internas, uns contra e outros a favor do



Mercosul. Mas vamos olhar esse filho que nós colocamos no mundo e ver que ele já produziu coisas importantes e pode produzir muito mais. Até porque eu compreendo que nós ainda não utilizamos 40% ou 30% do potencial que nós temos que produzir.

Então a minha sugestão é essa: Cristina, na hora em que assumir a Presidência Pro Tempore, defina essa questão das assimetrias como a coisa sagrada para a gente resolver. Aí, pegue por telefone, se tiver divergência entre os nossos ministros da Economia, telefone para os presidentes, nos reunimos, em uma hora de viagem estaremos em qualquer das capitais aqui, e tomamos a decisão política, para andar um pouco. Nós temos problemas na aduana de cada país. Cada secretário-geral da Receita Federal parece que é o dono do país. Então, se nós não fizermos a decisão política de dizer: “Olha, vai ser assim”, nós não resolvemos esse problema. Fica sempre uma coisinha que a gente decide aqui e oito meses depois não aconteceu nada. Então, a minha sugestão é que, como decano dos quatro países do Mercosul, acho que nós precisamos definir um tema em cada reunião e resolver esse tema, para que a gente possa estar sempre avançando.

Eu acho que a criação do Parlamento foi uma coisa extremamente importante, a criação do Focem foi outra coisa importante. Agora, tudo isso está começando e acho que nós deveríamos... Agora, criamos o Banco do Sul, que vai ser um fomento importante. Dessas reuniões saiu a idéia de criar o Unasul. Eu acho que nós estamos dando passos importantes. Agora, é preciso só ter claro que tem inimigos internos e externos que não querem. É como se nós acordássemos, todos os dias, olhando para os nossos filhos e dizendo: Que filho feio, tem o nariz grande, tem o pé muito grande ou tem a orelha grande. Vamos achar um pouco de beleza nesse filho! Afinal de contas, fomos nós que o colocamos no mundo. As coisas que não estão andando, não é culpa do vizinho, não é culpa da Alemanha, não é culpa dos Estados Unidos ou do Japão, a culpa é nossa. E tomarmos as decisões que nós precisamos



tomar. Então, a minha sugestão é essa.

Já que vai ter, pela primeira vez, uma mulher na presidência Pro Tempore do Mercosul, a gente tem que fazer valer as coisas no Mercosul. Eu acho que nós temos que avançar daqui para a frente. Eu falo isso, Tabaré, porque eu tenho mais três anos de mandato. Eu sei o que foi o sofrimento dos primeiros quatro anos, aprendemos muito e eu penso que nós, pelo menos da minha parte, quero dedicar esses três anos para tentar corrigir as coisas que não foram possíveis nos primeiros quatro anos. Estou muito à vontade, tenho muito mais noção do significado do Mercosul, tenho muito mais noção do significado da união da América do Sul. E eu penso que a hora é, agora, de a gente fazer acontecer, porque senão vão ficar os saudosistas, o tempo inteiro... Todo mundo vai ficar achando que não vai dar certo, que nós temos que tentar outros meios. O que nós precisamos... O que está acontecendo com Israel, hoje, tem que acontecer com outros países, tem que acontecer com a União Européia, isso é uma coisa importante. Pode acontecer ainda com a China, com a África do Sul, esse é um caminho importante. Eu queria é que nós fossemos otimistas com relação ao Mercosul, que nós acreditássemos no Mercosul e que nós trabalhássemos para fazer acontecer o que ainda não aconteceu.

Eu confesso a vocês que, embora eu quisesse que tivesse acontecido muito mais coisas, eu acho que nós já avançamos. E se não avançamos mais, a culpa é eminentemente nossa, porque muitas vezes nós não fazemos valer o mandato presidencial que nós conquistamos nas urnas. Muitas vezes, uma decisão técnica fica prevalecendo por seis meses, um ano, e a gente não banca politicamente. Eu acho que daqui para a frente nós temos que tomar as decisões políticas e fazer nossos técnicos colocarem em prática, muitas vezes descontentando um setor empresarial. Muitas vezes, vai ter setor empresarial na Argentina, no Brasil, na Venezuela, no Uruguai, no Paraguai, que não vai querer. Mas nós não podemos governar os nossos países pensando num



setor, temos que pensar no conjunto da economia. Então, essa é a minha sugestão.

Primeiro, quero lhe dizer que nós avançamos. Segundo, dizer que nós poderemos avançar nos próximos dois anos o que não avançamos em dez, depende única e exclusivamente das nossas decisões políticas. Se a gente ceder à burocracia interna ou se a gente ceder àqueles que ficam sonhando que podem vender tudo para os Estados Unidos e ter vantagens com a União Européia, nós não vamos avançar. Mas se acreditarmos em nós e fizermos o que é preciso ser feito, eu acho que nós daremos um salto de qualidade. Por isso eu sou muito otimista com relação ao Mercosul.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante confraternização de Natal com funcionários do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 19 de dezembro de 2007

Bem, agora vem a parte mais chata da festa, o discurso.

Primeiro, eu queria cumprimentar os companheiros e as companheiras do coral que pelo segundo ano consecutivo se apresentam aqui, cada vez mais com gente mais jovem participando do coral. Parabéns a vocês, aos companheiros da UnB e ao coral que se apresentou aí com Toque no Coração, algumas meninas envergonhadas, mas que conseguiram superar a primeira fase.

Aos meninos e às meninas que dançaram aqui, parece que são de Goiânia, também os meus agradecimentos.

E agora os meus agradecimentos aos funcionários. Cadê as meninas e os meninos que dançaram aqui? Eu espero que eu, pelo menos, tenha aprendido um passo que vocês deram aqui.

E agora aos funcionários, funcionárias, aos familiares, às crianças aqui presentes, uma breve palavra que eu poderia dizer para vocês. Primeiro, agradecer de coração a dedicação que vocês tiveram no ano de 2007. Eu posso dizer isso hoje com muita alegria porque o Brasil vive um momento muito importante. Eu diria até que faz muitos anos que o Brasil não tem um ano como o de 2007. Certamente, isso não é construção de um presidente, de um grupo de ministros, é construção da alma positiva de 190 milhões de brasileiros. E vocês têm consciência de que se vocês não estivessem do lado, pela frente ou atrás, ajudando com que a máquina do Estado funcionasse, certamente a gente não conseguiria obter o sucesso que nós obtivemos este ano.

Eu, que faço política há tantos, há muitos anos, não via o Brasil chegar ao nível que o Brasil está chegando hoje. Certamente que ainda temos uma



caminhada muito longa para percorrermos juntos. Durante muitas décadas, as coisas não foram feitas e, portanto, não se consegue recuperar o que não foi feito em pouco tempo. Mas o dado concreto e objetivo é que nós conseguimos avançar.

Esta semana, um grande jornal brasileiro deu uma manchete que 20 milhões de brasileiros pobres, das classes E e D, passaram para a classe C. Ontem, as notícias eram de que a economia brasileira melhorou. E a cada dia nós estamos vendo que aquilo que foi plantado, com o suor e o sacrifício de tanta gente, começa a dar os seus primeiros frutos. E queira Deus que todos nós possamos colher no ano que vem um pouco mais, em 2009 um pouco mais, e que a gente não pare de colher, que seja uma colheita fértil, duradoura e que possa dar ao povo brasileiro aquilo que há tantos e tantos anos a gente espera e que não acontecia nunca. Neste dia de festa, em que o Papai Noel, em vez de distribuir presentes, vem aqui pegar presente... é o primeiro Papai Noel do mundo que em vez de distribuir presente, vem receber presente.

Eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: valeu a pena chegar ao dia de hoje. Certamente, vai valer a pena a gente chegar no dia de Natal, vai valer a pena a gente chegar no Ano Novo e eu acredito que vai valer a pena a gente continuar acreditando que é possível, cada vez mais, construirmos um Brasil socialmente mais justo.

Vocês estão lembrados que quando eu tomei posse, em 2003, eu dizia: primeiro a gente vai fazer aquilo que é possível, aquilo que é necessário. Depois a gente vai fazer aquilo que é possível e, quando menos percebermos, nós estaremos fazendo aquilo que parecia impossível. A economia brasileira chegar em 2007 do jeito que está chegando parecia impossível para todos os economistas brasileiros que fizessem a análise política e econômica do Brasil, há dois anos.

Não faz muito tempo, eu estive na Índia. E quando eu fui à Índia, o governo da Índia tinha anunciado, em 2005, que a Índia tinha atingido 100



bilhões de dólares em reservas. Aquilo parecia impossível. Na época, estava o Palocci comigo, o Walfrido, e a gente dizia: o dia que o Brasil tiver 100 bilhões de dólares em reservas, a gente vai mudar a história daquele País. Dois anos depois, não apenas temos 100 como temos 178 bilhões de dólares em reservas.

Eu passei a minha adolescência e os últimos 20 anos da minha vida fazendo campanha nas ruas deste País contra o FMI: “Fora FMI”. Depois que eu virei Presidente, depois de dois anos, nós não temos mais o FMI aqui, não devemos nada para eles, não devemos mais nada ao Clube de Paris. A gente poderia dizer: Hoje nós somos donos dos nossos narizes, não precisamos pedir favor a ninguém.

Então, é um ano, não apenas como pai, como esposo, como ser humano, mas como Presidente, é um ano que me deixou feliz. Todos vocês acompanharam o ano de 2005, o quanto foi difícil; o ano de 2006. Todo mundo acompanhou, algumas pessoas sempre vendendo a idéia de que as coisas não iam dar certo, porque não iam dar certo. Muita gente que não acredita no Brasil, prefere acreditar em qualquer coisa do mundo, menos no Brasil. Hoje eu poderia dizer para vocês que não há momento, na história do Brasil, em que nós tenhamos tido tanta credibilidade, tanto respeito e tanta gente querendo vir fazer investimentos no Brasil.

Eu me lembro que há alguns anos, quando os jornais publicavam: “Entraram no Brasil 5 bilhões de dólares”, parecia uma festa. Este ano, até agora, entraram 35 bilhões de dólares de investimento direto, para gerar postos de trabalho e para gerar riquezas para o nosso País.

Por isso, eu quero agradecer a cada companheiro colaborador, a cada colaboradora, a cada familiar. Quero dizer para vocês que nós temos três anos pela frente. Nós poderemos fazer muito mais, eu acredito que a gente possa fazer muito mais. Nós não chegamos ainda no limite, nem da nossa competência, nem das nossas possibilidades. Eu acho que os primeiros quatro



anos foram anos de plantio, e agora serão quatro anos de colheita daquilo que nós plantamos nos primeiros quatro anos. E isso não seria possível sem vocês.

Quando a gente vê um grupo desses, aqui, dançando, e a gente percebe que normalmente são crianças pobres, carentes, e que na hora que alguém dá um sinal de alguma coisa que desperta dentro deles uma paixão, eles embarcam e vão embora... No Brasil, o que nós precisamos é abrir um leque de oportunidades para que todos, sem distinção, todos... Vocês estão lembrados que este Palácio, no ano passado e este ano recebeu, acho, todos os segmentos da sociedade. Não teve um único segmento da sociedade, seja do mais rico ao mais pobre, seja do dono da maior empresa do Brasil a um catador de papel, todos entraram aqui e puderam fazer discurso. Porque somente assim é que a gente vai criar essa sociedade justa, compreendendo que embora estejamos em posições sociais diferentes, o ideal é que a gente consiga fazer todo mundo subir um, dois, três, quatro degraus na vida, para que todo mundo possa viver dignamente, criar sua família e se sentir verdadeiramente cidadão e cidadã brasileiros.

Feliz Natal a todos vocês, feliz Ano Novo e que Deus continue abençoando, não o governo, que também precisa muito, mas que Deus abençoe, sobretudo, vocês e o Brasil, para que a gente seja uma Pátria muito melhor.

Obrigado e feliz Natal.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço com superintendentes do Banco do Brasil

Brasília - DF, 20 de dezembro de 2007

Bem, primeiro, eu quero cumprimentar os companheiros ministros aqui, o Paulo Bernardo, bancário do Banco do Brasil,

Nossa companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Quero cumprimentar o companheiro Beka, que não está aqui representando o Guido, porque está aqui como membro do Conselho. Certamente, o companheiro Guido vai perder o bom almoço que nós vamos comer aqui. Depois contaremos para ele.

Quero cumprimentar três companheiros que permitiram que, ao longo desses anos, a gente pudesse conhecer o Banco do Brasil: companheiro Pimentel, deputado federal pelo Ceará; companheiro Geraldo Magela, deputado federal por Brasília; e o nosso querido companheiro Ricardo Berzoini, deputado por São Paulo, mas, antes de tudo, bancário do Banco do Brasil e presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Quero cumprimentar o companheiro Lima Neto, a companheira Raimunda, e os diretores do Banco do Brasil.

Ninguém consegue viver e sobreviver 200 anos, se não tiver qualidade. Não existe exemplo de uma coisa mais gerenciada... Você disse que o Sérgio Rosa estava aqui. Cadê o Sérgio Rosa, que não estou vendo? Ah, está ali. Ninguém consegue sobreviver tantos anos, como o Banco do Brasil, se não tiver qualidade. Mas, muito mais do que qualidade, a história do Banco do Brasil é construída numa relação, eu diria, de paixão constante dos seus funcionários com o Banco, porque se não fosse assim, as coisas não poderiam dar certo.



Este almoço é obra do acaso. Nós estávamos no lançamento de um programa, tinha um conjunto de gerentes do Banco do Brasil, e eu não sei por que, eu não quis falar. O Lima Neto me falou: “Mas, Presidente, tem vários gerentes do Banco do Brasil, superintendentes, seria tão bom se o senhor desse uma palavrinha”. Eu falei: então é uma razão para você me convidar para almoçar no Banco do Brasil, e convidar todos os superintendentes para que a gente possa, então, fazer uma confraternização.

Bem, companheiros e companheiras, se não acontecesse mais nada até o dia de Natal, a Raimunda já estaria com o meu presente de Natal garantido. O que aconteceu contigo e, se Deus quiser, vai acontecer com milhões de famílias até 2008, que é o compromisso do Banco do Brasil – o Luís Otávio disse que tem que cumprir isso de qualquer jeito –, tem acontecido com o programa Luz para Todos.

Um dia eu fui ao interior da Bahia, e fiz questão... eu já tinha inaugurado vários programas Luz para Todos, de dia. Então, se ao meio-dia acender a luz em uma praça, você não vê nada, então não acontece nada. Eu sei que era difícil, mas eu resolvi marcar uma inauguração, na Bahia, para as 7 horas da noite, e o pessoal do Programa não deixou acender a luz antes de eu chegar. Eu cheguei em uma casa, tinha duas mulheres, mães solteiras, cada uma com três filhos, com um candeeiro feito à base de uma latinha de refrigerante, eu não vou falar o nome aqui para não fazer propaganda do refrigerante. Na hora em que eu acendi, peguei o dedo das duas e coloquei na tomada, que acendeu a luz, eu acho que elas tiveram a mesma sensação do primeiro cara que botou no pé na Lua.

É uma mudança do século XVIII para o século XXI, na velocidade da luz. A sensação, o prazer e a alegria... Eu olhava na cara da molecada, aquela molecada que estava com o caderninho na mão, tentando escrever com a luz de candeeiro e, de repente, eles vêem uma luz daquelas... Eu me lembro de uma tia minha, em Garanhuns, quando o dr. Miguel Arraes inaugurou a luz



elétrica na casa da minha tia, ela acendeu a luz e saiu correndo de medo da claridade, porque fazia mal à ela.

Da mesma forma, tem muita gente que não dá importância ao programa Bolsa Família. Um dirigente do PT, um deputado federal, um funcionário do Banco do Brasil, 50 reais eles dão de gorjeta, dependendo da moça que está ao lado, que ele quer agradar. Eles dão de gorjeta para o garçom, depois de ter tomado dois chopes, eles dão mais gorjeta do que... Agora, isso, muitas vezes, não tem importância. Nós olhamos, assim, para 50, 60 reais, e não tem a menor importância.

Mas pensem num matuto deste País, no meio do mato, que passa anos sem ver uma nota de um real, e você entregar para ele um programa de 50, 60 ou 70 reais. Pensem no poder da multiplicação que esse pouco dinheiro trará para a vida da pessoa. Pensem nos milhões de trabalhadores que não tinham acesso a crédito até se inventar o crédito consignado, que parecia impossível, Lima, parecia uma coisa tão distante: “como vai financiar, as pessoas vão dar calote, as empresas vão mandar embora.”

Normalmente, parte-se do pressuposto de que todo mundo é errado, quando deveríamos partir do pressuposto de que todo mundo é certo, até prova em contrário. É mais provável o Banco do Brasil perder dinheiro emprestando bilhões para alguns, do que emprestando centavos para outros. Do lado do pobre, tem uma coisa sagrada: o único patrimônio dele é o nome. Ele, então, sente vergonha se não puder pagar.

Eu penso que o que nós estamos colhendo hoje são coisas que foram plantadas antes de nós, foram plantadas conosco e continuarão sendo plantadas. Na medida em que as pessoas, como a Raimunda, se organizam, descobrem o valor extraordinário de organização, começam a ter consciência política, começam a ter consciência das necessidades e das coisas que têm que fazer para poder progredir, e o Estado – seja ele a prefeitura, seja ele o governo do estado, seja o governo federal ou seja uma instituição como o



Banco do Brasil – dá uma pequena ajuda, a tendência natural é o Brasil dar certo.

Não é à toa, companheiros, que eu dizia, logo no começo do governo, que muita gente, no Banco do Brasil, tinha desaprendido a cuidar dos pobres. E essa minha frase foi dita, porque em outubro de 2003, eu descobri que nós tínhamos liberado menos recursos no Pronaf do que no mesmo período de 2002. Aí quem me telefonou, reclamando, foi exatamente o presidente da CUT, que recebeu um telefonema do presidente da Contag, que deve ter recebido um telefonema do presidente dos Sindicatos do interior deste País. Foi a primeira conversa com o Paulo Bernardo e com o Palocci, que era preciso a gente mostrar para os companheiros que estão na ponta trabalhando, a importância de a gente transformar um empréstimo pequeno, como o Pronaf, num instrumento do desenvolvimento.

Se a gente for olhar do ponto de vista pessoal, do gerenciamento de uma agência, obviamente que se entrar um cara só e já pegar 500 mil é melhor porque eu vou ter menos trabalho, vai ser um só, e depois eu vou poder contar prosa. Agora, atender 100, pegando mil e 500 reais, cada um, já é mais difícil. É mais trabalho e o dinheiro é o mesmo. Se a gente for pensar apenas na relação custo-benefício, emprestar a um só é melhor. Mas como cidadãos ou cidadãs, como pessoas que estão prestando um serviço público à sociedade brasileira, certamente é muito mais gostoso a gente descobrir que o Pronaf já não é apenas mais um programa do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Quase nem chegava a São Paulo porque o banco tinha desaprendido a fazer, porque os trabalhadores não estavam preparados para tomar dinheiro emprestado, os sindicatos não estavam preparados, e o governo achava que tinha que ser assim mesmo.

Na medida em que um mínimo de esforço para fazer, primeiro, com que os trabalhadores sentissem aquilo como direito e fossem atrás, quem é das agências, das superintendências do Norte do Nordeste percebe o quanto



cresceu o Pronaf em estados que antes tinham dez ou 15 empréstimos. Hoje você tem 3, 4 ou 5 mil empréstimos, e ainda porque o pessoal não está preparado, em estados pequenos como o Acre. Você percebe que o Banco do Brasil não chegou apenas com a agência. O Banco do Brasil chegou com o financiamento, com uma espécie de fundo garantidor para o cidadão conquistar a sua cidadania.

Eu confesso, Luís Otávio, que quando você me falou, na primeira vez, em chegar a 1 milhão de DRS, eu tive dúvidas. Eu falei: esse baixinho está contando prosa para mim. Agora, pelo resultado dos documentos que eu recebi, eu acho que pode chegar a 1 milhão e até mais. Também tem uma coisa: na medida em que as pessoas vão aprendendo e vão contando... Se a Raimunda contar a história dela em muitos lugares, é possível se chegar logo a 2 milhões. Isso vai criando um encantamento nas pessoas, e é isso o que o ser humano precisa. Tem gente que acha que o ser humano precisa de um grande discurso ideológico para ter motivação para a coisa. Não, ele precisa de uma pequena motivação, alguma coisa que seja uma luzinha no fim do túnel para ele poder chegar lá.

Eu acho que é isso o que nós estamos colhendo no Brasil. Eu vou terminar este ano, eu diria para vocês... Eu tive um café da manhã com a imprensa hoje e, certamente, alguns companheiros da imprensa estranharam a minha alegria, apesar da CPMF. Eu tenho todas as razões do mundo para ter consciência de que este ano é um ano excepcional para o nosso País. Eu não diria que é um ano de ouro, mas já pode ser um ano de prata. Há um conjunto de fatores, combinando entre si, que dá, a todos nós – certamente a vocês, também – a certeza de que o ano que vem será ainda melhor.

Eu, que passei a vida inteira dizendo que era socialista, Ricardo Berzoini, me dei conta de que o Brasil era um país capitalista sem capital. Não podia dar certo. Como é que pode um país capitalista não ter crédito, não ter financiamento? O dinheiro do País circulava sempre entre as mesmas pessoas,



a vida inteira, e a gente não abria o leque de possibilidades. Teve gente que duvidou do crédito consignado, muita gente duvidou. E, hoje, todo mundo tem consciência de que o crédito consignado é um dos motivos pelos quais essa economia começou a andar no meio da gente mais pobre do País. É por isso que passam 20 milhões de pessoas (inaudível) de classe.

As coisas foram feitas com seriedade, e com muita seriedade. Eu sei que fui muito criticado porque, em 2003, nós fizemos um ajuste neste País, que eu não sei se algum governo militar teve a coragem de fazer. E nós fizemos por quê? Porque nós tínhamos consciência de que tinha que fazer aquilo para a gente colher no ano seguinte. Nós tínhamos que trocar capital político por capital capital, ou seja, por política, que pudesse mudar um pouco a cara do País.

Eu sei que vocês também se incomodaram durante muito tempo. Eu me lembro de quantas manchetes este País produziu: Banco do Brasil deficitário, Banco do Brasil não sei das quantas, Banco do Brasil tem um déficit de 2, 3 bilhões, de 1 bilhão e 500 milhões. Funcionários do Banco do Brasil são todos marajás, ganham muito dinheiro e não sei das quantas, porque o Banco tem que ser que nem os bancos privados, pagam pouco e exigem muito, que é o que interessa. É um pouco isso o que nós vivemos em não sei quantos anos.

O que vocês estão provando? Que a coisa pode ser pública e, se ela for séria, dá certo. Se ela for pública e privada, e não for séria, não dá certo, nem aqui e nem em nenhum lugar do mundo. Por isso, eu queria que vocês trabalhassem um pouco com a cabeça – que é muito necessário para não errar nos números –, mas um pouco com o coração. Nós temos que ter a nossa realização profissional, mas também temos que ter a nossa realização humana. Todas as noites, quando encostar no travesseiro, a gente não pode dizer “bom, hoje eu negocie 2 bilhões, 1 bilhão e 500 milhões”. Vamos dizer “quantas pessoas nós atendemos? Para quantas pessoas nós falamos bom dia, boa tarde? Quantas pessoas nós ensinamos a se preparar para tomar um



empréstimo?” É isso o que dá grandeza ao Banco do Brasil.

Ainda me deve o Procaminhoneiro (inaudível). O carro tem sido um sucesso. Eu não consegui entender como o Banco do Brasil não tinha entrado com financiamento de carro há tanto tempo. Vocês devem estar acompanhando os números da indústria automobilística. Nem a indústria automobilística acredita no que está acontecendo lá. No ano passado, o Paulo Bernardo e a Dilma se lembram, eles entravam na minha sala, dizendo: “Presidente, estamos no vermelho, estamos quebrados, não tem mercado interno, precisa fazer isso.” Este ano, eles estão atolados de mercado interno. Por quê? Porque fizeram apenas aquilo que precisava ser feito, ou seja, colocaram a prestação do carro dentro do orçamento do trabalhador, permitindo que o trabalhador pudesse comprar um carro sem milagre. Apenas fazendo uma prestação do tamanho que cabia no holerite. E o que está acontecendo hoje? Nunca se vendeu tanto, nunca se licenciou tanto.

E caminhão, Paulo Bernardo... Eu tive uma reunião com um fabricante de caminhão. Chega a demorar nove meses para entregar um caminhão pesado. E está só começando a acontecer, viu, Lima, porque o PAC vai estourar mesmo é no ano que vem, e o Banco do Brasil, obviamente, dentro do nosso PAC, tem que estar muito mais preparado para a gente anunciar mais PAC de financiamento neste País.

O dado concreto é que tem que ter dinheiro circulando neste País. Olhem a Raimundinha como está chique, fazendo universidade, porque ela estava predestinada, sendo pobre, negra, nordestina, mãe solteira, a cair em desgraça. Uma pequena chance, uma pequena conversa e uma pequena oportunidade, está aí: chique, falando da forma mais brilhante possível, quase foi um discurso de presidente da República. E isso, Raimunda, para mim, é a consagração. Se o Brasil tivesse isso há mais tempo, certamente teria muito mais gente, e eu quero que o Banco do Brasil faça mais coisas como essa, porque é aí que vale a pena. O Luís Otávio já estava até desanimado,



aposentado lá em Quixadá: “vou largar tudo, não sei das quantas”. Hoje, é como ver um menino de 18 anos animado, cheio de vontade, porque a gente está fazendo as coisas que são importantes.

Então, meus companheiros deputados, vocês que cobram tanto, eu quero dizer para vocês que, passar o que nós passamos em 2005, passar o que nós passamos em 2006, e chegar a 2007 na situação em que nós estamos, é quase um milagre da seriedade, porque nós estamos colhendo. E vamos fazer muito mais, Raimunda. Agora que nós aprendemos, agora que nós já estamos mais... as coisas estão fluindo. Ontem o Gilberto Gil me contava: “eu fui inaugurar o PAC da Cultura. Faz dois meses, em São Paulo, a gente tinha 600 pontos de cultura. Em dois meses, já foram criados mais 2 mil centros de cultura.”

Então, eu quero dizer, Lima Neto, parabéns aos companheiros do Banco do Brasil – pouca companheira, é verdade. O machismo do gerenciamento mais alto é total e absoluto. Estou vendo aqui poucas mulheres e muitos homens. Mas, eu quero dar os parabéns a vocês. Eu acho que, no Brasil, tem dois equívocos muito grandes: as pessoas pensam que importante é ser presidente da República, e eu acho que o importante é ser presidente do Banco do Brasil e presidente da Petrobras. Eu acho que quem deveria disputar eleição eram eles, e o presidente da República ser indicado pelos dois, tal a importância que essas instituições têm para o nosso País.

Estou muito feliz com o Mercosul, fizemos acordo com a Bolívia na questão do gás. Àqueles que esperavam guerra entre Brasil e Bolívia, nós estamos dando pétalas de rosas e boa vontade de um bom acordo. Fizemos, finalmente, um acordo com a PDVSA para fazer a nossa refinaria. O Mercosul vive o seu melhor momento. O Banco do Brasil abriu o seu escritório em Montevideú, de onde nunca deveria ter saído, mas saiu. Vai voltar aos poucos, mais comedido, menos pretensioso.

Então, eu quero dizer que é uma alegria terminar este ano junto com



vocês. Eu acho que é importante e, Deus queira, que a gente esteja todos juntos, numa festa muito boa que, certamente, o Banco do Brasil fará para comemorar os seus 200 anos.

Parabéns, companheiros e companheiras.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar “Vinhos do Brasil”

Brasília - DF, 26 de dezembro de 2007

Primeiro, quero cumprimentar meus companheiros ministros que estão aqui, a Dilma, o Tarso Genro, o Samuel Pinheiro,

O nosso companheiro Silvio Crestana, presidente da Embrapa,

Cumprimentar o Zaneti, que acabou de falar,

Cumprimentar o Dênis Debiasi, presidente do Instituto Brasileiro do Vinho e o Christian Bernardi, diretor da Associação Brasileira de Enologia,

Não vai ter discurso, porque eu queria ser bem simples aqui, como merece este ato. Eu digo sempre que muitas vezes nós, brasileiros, que fomos colonizados há muitos anos, ainda carregamos na nossa formação cultural determinados preconceitos de um povo que, muitas vezes, valoriza muito as coisas de fora e valoriza pouco as coisas de dentro. Isso não chega a ser um pecado muito grave, na medida em que nós precisamos... nós devemos desculpas aos preconceitos que ao longo dos anos foram sendo jogados na nossa cabeça. Então, vira e mexe você ouve: “o cinema brasileiro não presta, o que presta é o cinema de tal país, não sei o quê do Brasil não é bom, o que é bom é tal coisa de tal país”, e vai por aí fora. Ou seja, vamos sempre encontrando um jeito de dizer que as nossas coisas são inferiores.

Eu tenho conversado muito com o embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores. Depois, um dia, eu encontrei com o Zaneti e falei: Zaneti, é preciso que a gente comece a fazer alguma coisa a mais pelos empresários que há tantos anos produzem vinho neste País. É preciso que a gente comece a dar uma dimensão na qualidade dos produtos que nós produzimos, para que a gente não seja tratado de forma inferiorizada, como



nós somos.

Então, as pessoas falam que tal país produz vinho melhor do que o Brasil e, daqui a pouco, todo mundo produz mais vinho do que nós e melhor do que nós. Eu não posso conceber que isso seja verdade. Obviamente que tem país que tem tradição quase milenar na produção de vinho, que tem mais tecnologia e obviamente que nós respeitamos isso e queremos preparar, aperfeiçoar para que a gente possa competir com eles logo, logo. Mas não reconhecer os avanços que tem acontecido no Brasil é fechar os olhos diante da capacidade e da criatividade do povo brasileiro.

Eu penso que nós só vamos conseguir projetar o vinho brasileiro na dimensão que outros vinhos foram projetados, na medida em que a gente comece a gostar das coisas que nós fazemos, a valorizar as coisas que nós fazemos, a divulgar as coisas que nós fazemos, a dar de presente as coisas que nós fazemos, a colocar à mesa as coisas que nós fazemos, a servir nos nossos jantares, nos nossos almoços, nos nossos brindes, as coisas que nós fazemos.

Uma coisa, Zaneti, que me chama a atenção... por exemplo, a cachaça brasileira já ganhou fama internacional. Hoje você vê, no mundo inteiro você encontra gente falando da cachaça brasileira. Por quê? Porque ao longo desses anos todos a cachaça brasileira foi valorizada, foi divulgada, foi sendo aperfeiçoada e, hoje, se exporta muita cachaça.

Ora, nós temos países competidores conosco, na questão do vinho. E temos países mundo afora, não apenas poucos países, mais muito países. Então, a primeira coisa que nós precisamos fazer é, enquanto brasileiros, divulgar as coisas que nós fazemos, valorizar as coisas que nós fazemos. Se a Dilma Rousseff, ao querer me dar um vinho de presente, for me dar um vinho de outro país, ela não estará contribuindo - pode dar, tem sempre chance - ela não estará contribuindo com esta que é a minha angústia... se o Zaneti for me dar um vinho de presente - que não deu ainda, também - e for me dar um



vinho de um outro país irmão, mesmo que seja do Mercosul ou da América Latina, não estará contribuindo com a nossa indústria. Então, eu falei para o Zaneti: vamos juntar os enólogos brasileiros e vamos tentar fazer uma lista de vinhos, para que a gente possa escolher aqueles que são os melhores, que possam servir de padrão para os jantares que a gente fizer no Itamaraty, no Palácio da Alvorada, para dar de presente para as pessoas que vêm nos visitar. As pessoas nos dão as coisas que elas bebem e a gente aceita de bom grado. Por que a gente não dá as coisas que nós fabricamos, para eles, de presente?

Que as embaixadas do Brasil no exterior possam fornecer vinhos brasileiros. É sempre um gesto de ousadia. Eu acho que nós precisamos ter mais ousadia com a qualidade dos vinhos que nós produzimos porque, senão, todo mundo fala bem do Chile, fala bem da Argentina, fala bem da África do Sul, fala bem da Califórnia, fala bem da França, fala bem da Itália... Nós ficamos olhando as pessoas falarem bem, e nós temos que entrar na luta para dizer: nós queremos competir em igualdade de condições. Eu acho que nós temos condições. Obviamente que nós temos que consertar as deficiências. Se tiver falsificador, nós temos que punir esse falsificador. É preciso que a gente prime pela qualidade das coisas que nós produzimos, pela marca que nós produzimos. Afinal de contas, tem vinho produzido no Brasil por família que está há mais de 100 anos produzindo vinho, que é uma coisa que passou de pai para filho, e a gente não pode permitir que uma pessoa qualquer possa falsificar um produto e colocar no mercado, atrapalhando, como atrapalha a pirataria em tantos outros produtos.

Então, essa reunião aqui, Zaneti, e por isso eu não quero fazer discurso, eu não quero transformar isso num ato, porque um ato a gente faria no Rio Grande do Sul, faria lá no Vale do São Francisco, faria no Paraná, faria em qualquer lugar. Isso aqui é apenas um gesto simbólico para dizer a vocês que eu quero ser parceiro, para que a gente possa fazer com que o vinho brasileiro



entre na mesa das comemorações que acontecem pelo mundo afora. Acho que nós temos condições. Nós precisamos cuidar das nossas embalagens, precisamos fazer um merchandising, porque hoje tem que ter uma coisa, não é só dizer “meu produto é bom”. Temos que fazê-lo ser bom, e fazê-lo parecer ser bom, não adianta as pessoas abrirem a garrafa.

Eu quero que vocês tenham o governo como parceiro nisso. O meu compromisso com vocês é que, daqui para a frente, o Samuel Pinheiro vai tomar mais vinho brasileiro quando for necessário, Tarso Genro vai tomar mais vinho brasileiro, e a gente tornar isso um hábito. Um hábito de fazer com que o vinho seja uma coisa saudável, o suco de uva – sei que está aqui também – saudável, para entrar na mesa do brasileiro. Zaneti, esse livro que você me deu, eu preciso de muitos porque, para cada país que eu viajar, eu posso dar para cada presidente que eu encontrar uma relação dos nossos vinhos: estão aqui os nossos vinhos. Poderemos dar garrafas de vinho de presente, poderemos fazer... por que nós não podemos fazer essas coisas que todo mundo fez, e todo mundo conquistou espaço?

É um pouco isso, Zaneti, quero dizer para você que nós seremos parceiros. Certamente, o governo tem algumas coisas para fazer, ainda, de ajustes. Sabemos que, às vezes, a competição é um pouco desigual. Tem outros países que já industrializaram, já têm aquilo como produto de exportação. E nós, então, precisamos aperfeiçoar. Eu só queria dizer o seguinte: eu tenho mais três anos de mandato. Aproveitem esses meus três anos e peçam aquilo que vocês entendam que devam pedir, e nós atenderemos na medida do possível. Mas o que eu quero que vocês saibam é que eu quero contribuir para que o País entre no roteiro turístico dos bons bebedores de vinho deste mundo.

Um abraço, parabéns. Vamos ver se o vinho é bom, agora.